

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Fábio Alessandro Munhoz

**Dinamismos tecno-sociais:
sobre redes, co-labor-ação e viruss**

São Paulo

Agosto 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Dinamismos tecno-sociais: sobre redes, co-labor-ação e viruss

Fábio Alessandro Munhoz

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Interfaces Sociais da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Massimo Di Felice.

São Paulo

Agosto 2010

FÁBIO ALESSANDRO MUNHOZ

**DINAMISMOS TECNO-SOCIAIS:
SOBRE REDES, CO-LABOR-AÇÃO E VIRUSS**

BANCA EXAMINADORA

São Paulo, _____ de _____ de 2010

*Aos que já se foram,
e aos que virão ...
... a Sofia*

Agradecimentos

Ao Prof. Massimo, orientador e amigo, pela paciência e insistência. Obrigado!

Aos companheiros de Atopos, por seu apoio.

Aos professores Sérgio Amadeu e Artur Matuck, por suas valiosas contribuições.

A André Gondim, Christian H, Christina B, Fernando Barreto, Laudeci Oliveira, Milton Jung, Nayara Marfim, Ricardo Joseph, Tanya Notley e Viktor Chagas por sua preciosa colaboração na realização desta pesquisa.

Ao mano Tio Pac, pela força.

Aos amigos Drica e Cadu, pelas ideias e reflexões, mas, principalmente, pela companhia durante estes anos.

Aos demais expeditinos espalhados pelo mundo, por sua amizade e carinho.

A Santo Expedito, claro.

Às companheiras e ao companheiro de Aracati, Fabi, Lu e Léo, pelos bons ventos vividos juntos.

A meus pais, pelo amor e apoio de sempre.

A Andréia, por seu amor, paciência e compreensão.

A minha avó Maura, por seu carinho.

A meus avós que já se foram, por sua proteção.

E a Sofia, que eu mal conheço, mas que desde já me enche de vida ...

RESUMO

Esta pesquisa se insere nas linhas de investigação do Centro de Pesquisa ATOPOS, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) sobre os aspectos teóricos das mídias digitais. Seu objetivo é analisar o impacto das transformações midiáticas na sociedade, em especial o impacto causado pelas novas tecnologias digitais sobre as formas de organização social. Partindo de uma perspectiva que abandona a visão instrumentalista das tecnologias midiáticas, passando a considerá-las como elementos ativos na construção da subjetividade humana e, por consequência, na forma como o homem se relaciona com o mundo, analisamos como a simbiose homem-redes digitais proporciona uma experiência tecno-social baseada na co-labor-ação, isto é, no labor conjunto visando a ação. Nesse percurso, fazemos um resgate histórico sobre a relação transformações midiáticas-sociedade, estudamos o conceito de rede e dialogamos sobre o conceito de ação / ação social. Empiricamente, nos apoiamos em nossa trajetória através de experiências colaborativas em redes digitais, além de realizar pesquisas e observações específicas para este trabalho.

Palavras-chave: redes, digital, comunicação, colaboração, tecnologias midiáticas.

ABSTRACT

This research fits into the lines of investigation of the ATOPOS Research Center of Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo [School of Communication and Arts of the University of São Paulo] (ECA/USP) on the theoretical aspects of digital media. Its goal is to analyze the impact of media changes in society, in particular the impact caused by new digital technologies on the forms of social organization. From a perspective that leaves the instrumentalist view of technology media, going to consider them as active elements in the construction of human subjectivity, and consequently, in how humans relate to the world, we analyze how the symbiosis of man-digital networks provides a techno-social experiment based on co-labor-a(c)tion, ie, in joint work aimed at the action. Along that way, we make a historical transformations on the media-society relationship, we studied the concept of networking and dialogue on the concept of action / social action. Empirically, we rely on our path through collaborative experiences in digital networks, and conduct research and observations specific to this work.

Keywords: networks, digital, communication, collaboration, media technologies.

Lista de imagens

	página
Imagem 1 – Os três tipos de estruturas de rede de Paul Baran	43
Imagem 2 – Site WEBTV Cidade Tiradentes	80
Imagem 3 – Site Bocada Forte	85
Imagem 4 – Site Overmundo	88
Imagem 5 – Site VoteNaWeb	92
Imagem 6 – Site Urbanias	93
Imagem 7 – Site Wikimapa	94
Imagem 8 – Site Adote um Vereador	96

Sumário

Introdução	10
I – Transformações midiáticas e sociedade	15
1 – Da oralidade ao alfabeto	17
2 – A imprensa	22
3 – A eletricidade	24
4 – O digital	32
II – Redes	41
1 – A estrutura das redes: uma concepção matemática	43
2 – Conexões ocultas: o acionamento das redes	48
3 – Das redes sociais para a sociedade em rede	51
4 – Redes sociais digitais	55
5 – Habitando redes: somos todos linhas	58
III – Co-labor-ação	63
1 – Sobre o labor e a ação	63
2 – Colaboração em redes digitais: co-labor-ação	71
2.1 – A prática da co-labor-ação: um social em código aberto	74
2.1.1 – WEBTV Cidade Tiradentes	80
2.1.2 – Bocada Forte	85
2.1.3 – Overmundo	88
2.1.4 – Outras experiências	92
IV – (Em aberto)	98
Viruss: um brevíssimo ensaio sobre um estar-no-mundo tecnológico, em redes	112
Considerações finais	115
Bibliografia	117
Anexos	123

Introdução

Quando pensamos esta pesquisa pela primeira vez ela era em muito diferente deste trabalho que se apresenta. Buscávamos, então, abordar o que chamávamos de processo de desinstitucionalização de vozes, proporcionado pelas novas tecnologias midiáticas.

Pois, daquilo, chegamos nisto: uma pesquisa que se propõe analisar um outro viés do impacto das transformações midiáticas na sociedade, em especial o impacto causado pelas novas tecnologias digitais sobre as formas de organização social. Assim, partindo de uma perspectiva que abandona a visão instrumentalista sobre as tecnologias midiáticas, passando a considerá-las como elementos ativos na construção da subjetividade humana e, por consequência, na forma como o homem se relaciona com o mundo, analisamos como a simbiose homem-redes digitais proporciona uma experiência tecno-social baseada na colaboração, isto é, no labor conjunto visando a ação / ação social em redes.

Temos certeza que se mais tempo tivéssemos, ainda outra forma essa pesquisa tomaria. Sinal destes tempos irrequietos, em que todos somos tomados por esse espírito do movimento, da constante transformação.

Enfim, nesse percurso que adotamos, fazemos um resgate histórico sobre a relação transformações midiáticas-sociedade, estudamos o conceito de rede e dialogamos sobre o conceito de ação / ação social. E empiricamente, nos apoiamos em nossa trajetória através de experiências colaborativas em redes digitais, além de realizar pesquisas e observações específicas para este trabalho.

Assim, no primeiro capítulo, partimos da premissa levantada por Pierre Lévy (1996) segundo a qual é a partir da linguagem que passamos a 'existir'. Daí o trajeto proposto segue no sentido de propor uma análise das sociedades humanas relacionando estas sociedades aos diferentes suportes organizadores de seus fluxos de linguagem. Isto é, uma análise das sociedades a partir das tecnologias midiáticas. Não através de uma abordagem instrumentalista, mas sim, partindo de autores que defendem a condição de que as mídias, através das quais a humanidade organiza seus fluxos de linguagem, comunicando-se, influencia o modo de pensar e direta ou indiretamente o ambiente sociocultural. Para tanto, dialogamos principalmente, além de Lévy, com Mc Luhan, De Kerckhove, Galimberti e Di

Felice.

A partir desse diálogo distinguimos quatro contextos tecno-midiáticos, a saber, a escrita, a imprensa, a eletricidade e o digital, e vamos construindo um paralelo entre as transformações midiáticas desses contextos e as transformações nas sociedades. Desde as primeiras formas de organização social até a chamada globalização, passando pelas sociedades industriais e sua indústria cultural, onde dialogamos, por um lado, com pensadores da Escola de Frankfurt e sua teoria crítica, e, por outro, com Vattimo e sua teoria da multiplicação de vozes.

Enfim, nesse primeiro capítulo, nosso esforço é o de tentar demonstrar através de uma perspectiva histórica a profunda relação existente entre as transformações tecno-midáticas e as transformações no modo como o homem se relaciona com o mundo, reverberando pelas diversas instâncias sociais. Sempre reforçando uma visão na qual perspectivas que põem em oposição tecnologia e cultura não se sustentam quando colocadas à prova do dia a dia.

Já no segundo capítulo, nossa proposta é melhor compreender o conceito de rede e seus desdobramentos na sociedade. Para tanto, iniciamos nosso diálogo com Capra e Recuero, sendo que esta última apresenta um rico cenário sobre as diversas teorias estruturais das redes e já indica perspectivas a serem abordadas no âmbito das redes sociais e redes sociais digitais. Aliás, na esfera das redes sociais, dialogamos muito com Martinho e sua grande experiência prática no que se refere à morfologia e dinâmica dessas redes. Quando da generalização dessas redes através da sociedade, recorreremos à análise sociológica de Castells e sua obra 'A Sociedade em rede'. Porém, indo além dessas análises e abordagens, nossa intenção também é ressaltar o fato de que estamos permanentemente conectados a inúmeras redes sociais que permanecem submersas por entre as “*estruturas formais de organização*” (CAPRA, 2002) e que somente se dão a perceber parcialmente quando uma determinada configuração de “nós” é acionada por propósitos voluntariamente compartilhados.

Nesse sentido, e considerando o contexto de interatividade, aceleração e supressão do tempo e espaço, tal como os conhecemos na modernidade, característico das redes digitais, nossa conectividade e, por consequência, as possibilidades de acionamento são extremamente potencializadas. A partir desse ponto, então, passamos a abordar autores como Lemos, Haraway, Santaella, Di Felice e Torres, tentando construir uma perspectiva de superação do

antropocentrismo e de acolhimento de elementos não-humanos como integrantes ativos de nossas novas formas de estar-no-mundo. Por fim, defendemos a ideia de que nesse contexto, que Di Felice chama de *habitar atópico*, e no qual nos encontramos profundamente entrelaçados em nossas redes sociais e tecno-sociais, também nos transformamos em fluxo. Aliás, fluxos, no plural. De nossa simbiose com as máquinas nos desdobramos em avatares, *blogs, sites, profiles, vídeos, músicas, fotos, etc.* Cada uma dessas nossas novas formas segue acelerada em diferentes direções, se conectando, se transformando, sem destino, num fluir errático no qual os nossos 'eus' se des-encontram com novas possibilidades, construindo redes. Redes que permanecem ocultas, à espera de um estalo de propósitos compartilhados, repletos de significados capazes de fazer brotar ações, ou, como chamamos, *co-labor-ações*.

E é justamente esse conceito de *co-labor-ação* que abordamos no terceiro capítulo. Iniciamos fazendo um resgate de autores que trabalham a ideia de *ação / ação social*. Para tanto, dialogamos principalmente, com Arendt, Habermas, Weber e Parsons. Tentamos, então, demonstrar que as teorias da *ação / ação social* elaboradas por esse autores não dão conta de circunscrever experiências de mobilização social mais contemporâneas. É assim que introduzimos o conceito de *co-labor-ação*, no qual são considerados outros elementos actantes (LATOURET, 2000) além do homem, orgânicos e não-orgânicos, que não somente potencializam, mas se hibridizam com o homem, construindo as formas de um *habitar atópico* (DI FELICE) em redes digitais. Redes digitais que por sua natureza são *co-ordenadas*, e, portanto, nas quais o labor conjunto, *co-ordenado*, é que vai des-estruturando a *ação*, que, não raro, apresenta-se como o início de algo efetivamente novo. Daí, então, a *co-labor-ação*, o *co-laborar para a ação*, onde '*ação*' não é mais somente a composição do sufixo que transforma o verbo em substantivo, mas o imprevisível *devenir* das inúmeras forças híbridas que se combinam e são acionadas por algum propósito que lhes seja significativo através dos fluxos informativos que somos nas redes digitais.

Para construção desse conceito, dialogamos principalmente com Lévy, e sua *inteligência coletiva*, De Kerckhove, e, por sua vez, sua *inteligência conectiva*, além de Latour, Lemos e Di Felice. Em termos empíricos, nos apoiamos em experiências com as quais estamos mais próximos, como a *WEBTV Cidade Tiradentes*¹ – nesta estamos envolvidos

¹ <http://www.gectiopac.org>

diretamente –, o portal de *hip hop* Bocada Forte² e o portal de cultura brasileira Overmundo³.

Além de nosso envolvimento com essas experiências, buscamos relatos e entrevistas disponíveis na internet e também realizamos entrevistas com colaboradores e idealizadores de outras experiências, como o VoteNaWeb⁴, Urbanias⁵, Wikimapa⁶ e o Adote um Vereador⁷. Apesar de não serem apresentados durante o capítulo três, também contamos com as entrevistas de colaboradores de experiências como o MaYoMo⁸, Information Activism⁹, Ubuntu – Brasil¹⁰ e Wikipedia¹¹.

As entrevistas realizadas por nós foram feitas através de um formulário disponibilizado *on-line* por meio da ferramenta Google Docs, na qual os entrevistados podiam responder às perguntas formuladas. Para tanto, entramos em contato, via *e-mail*, com colaboradores e idealizadores de algumas experiências escolhidas por nós, solicitando a participação na pesquisa. A escolha das experiências foi feita tendo como critério a existência de uma dinâmica colaborativa que pudesse nos render subsídios para este trabalho. Assim, foram selecionados alguns sites que contemplavam esse tipo de dinâmica e os contatos foram feitos. Das cerca de 20 solicitações para participação na pesquisa, 10 se efetivaram.

A escolha pela internet como meio para realização dessas entrevistas justifica-se pelo baixo custo, pelas longas distâncias que boa parte das vezes nos separava dos colaboradores a serem entrevistados e também pelo pressuposto de que a possibilidade de se responder à entrevista de forma *on-line*, facilitaria a participação das pessoas, na medida em que a conciliação de agendas costuma ser uma tarefa difícil.

Também colabora com as bases empíricas dessa pesquisa, nossa trajetória através de algumas experiências e redes sociais, como a própria WEBTV Cidade Tiradentes, a rede de Pontos de Cultura¹² que se espalham por todo Brasil, o trabalho com a rede do Pontão de

2 <http://www.bocadaforte.com.br>

3 <http://www.overmundo.com.br>

4 <http://www.votenaweb.com.br>

5 <http://www.urbanias.com.br/>

6 <http://wikimapa.org.br/>

7 <http://vereadores.wikia.com>

8 <http://www.mayomo.com>

9 <http://www.informationactivism.org>

10 <http://www.ubuntu-br.org>

11 <http://pt.wikipedia.org>

12 Ação do Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura que consiste no repasse de recursos para grupos e organizações culturais a fim de que ampliem e intensifiquem suas atividades junto às comunidades nas quais estão inseridos. Cada um desses grupos e organizações passa a ser conhecido como um Ponto de Cultura. O último encontro da rede dos Pontos de Cultura de todo o país, chamado de Teia, aconteceu em março de 2010, em Fortaleza – CE. Mais informações em:

Cultura Frutos do Brasil – Juventude em Debate¹³, entre outras. Certamente muito do saber prático acumulado durante essas andanças foi utilizado neste trabalho.

Assim, no quarto e último capítulo, tentamos costurar o conceito de co-labor-ação com as experiências apresentadas, detectando algumas das principais características que surgem a partir dessa nova lógica de atuação tecno-social e procurando entender conceitualmente um pouco mais sobre a dinâmica dessa co-labor-ação. Na composição de nossa leitura, dialogamos com Vattimo, Di Felice, Maffesoli, Hall e Meyrowitz. Assim, ratificamos nosso pensamento de que as novas transformações midiáticas, como a constituição de redes digitais interativas, contribuem para o surgimento de novos modos de interação com o território e, por consequência, de novas formas de organização social. Essas novas formas remetem a ascensão de uma “*razão mais rica*” (MAFFESOLI, 2004), caracterizada pelo surgimento de um novo *ethos*, um *ethos* das redes (DI FELICE, no prelo; HIMANEN, 2008), e por uma ontologia hermenêutica (VATTIMO, 2004, 2006, 2007), de pensamentos débeis, abertos à diferença, sem pretensões totalizantes.

Entretanto, alertamos, ainda nesse capítulo conclusivo, que não é possível pensar em esferas ou espacialidades midiáticas 'puras' e completamente dissociáveis umas das outras. Os *ethos* se misturam. O indivíduo-fluxo das redes digitais também é o sujeito descentrado pós-moderno de Hall, e também seu sujeito sociológico, e também seu sujeito do Iluminismo (HALL, 2005). Os modelos conceituais, que de alguma forma simplificam, precisam ser lidos à luz da complexidade do dia-a-dia. E sob essa luz, é necessário dar conta que, junto àquela “*razão mais rica*”, àquele *ethos* das redes, àquela hermenêutica e pensamento débil, há, no *continuum* das espacialidades, uma paisagem de transição, na qual também se fazem sentir as 'religiões', a 'ética da leitura' e das 'mídias de massa', a razão instrumentalizada.

Por fim, sob a forma de um brevíssimo ensaio, apresentamos algumas reflexões iniciais a respeito de uma nova forma de estar-no-mundo sobre a qual temos nos dado conta durante nossos des-encontros através das redes pelas quais nos aventuramos. A esse novo estar-no-mundo tecnológico chamamos viruss. Assim mesmo, com um 's' a mais.

<http://culturadigital.br/teia2010/>

13 Projeto da ONG Aracati – Agência de Mobilização Social, executado através de convênio com o Ministério da Cultura, Programa Mais Cultura, e que trabalhou com 40 Pontos de Cultura de todo o país com o objetivo de, a partir das atividades já desenvolvidas em cada um desses Pontos, criar estratégias de envolvimento dos jovens em ações para o desenvolvimento e melhoria de suas comunidades. Mais informações em: <http://www.frutosdobrasil.org.br>

I – Transformações midiáticas e sociedade

“A partir da invenção da linguagem, nós, humanos, passamos a habitar um espaço virtual, o fluxo temporal tomado como um todo, que o imediato presente atualiza apenas parcialmente, fugazmente. Nós existimos.”
(LÉVY, 1996, p.71)

A citação acima apresenta a premissa que estabelece o caminho pelo qual iremos avançar no desenvolvimento deste trabalho. Afinal, se, como afirma Lévy, é a partir da linguagem que passamos a 'existir', é bastante razoável propor uma análise das sociedades humanas relacionando estas sociedades aos diferentes suportes organizadores de seus fluxos de linguagem. Isto é, uma análise das sociedades a partir das tecnologias midiáticas.

Entretanto, este percurso a ser trilhado, ao contrário de grande parte das análises disponíveis, não abordará as mídias a partir de um caráter instrumental, mas sim, como afirma Abruzzese, como uma “forma de vida territorial” (L’Innovazione tra Post-Democrazia e Post-Umanità, in *Dopo La Democrazia*, p. 43), um *habitat* repleto de signos, símbolos e informações que vai ao encontro da célebre ideia de McLuhan, de que “o meio é a mensagem”.

“Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.”
(MCLUHAN, 1995, p. 21)

“(…) o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. Se alguém perguntar, “Qual é o conteúdo da fala?”, necessário se torna dizer: “É um processo de pensamento, real, não verbal em si mesmo”. Uma pintura abstrata representa uma manifestação direta dos processos do pensamento criativo, tais como poderiam comparecer nos desenhos de um computador.”
(idem, p. 22)

Toda a obra de McLuhan ressalta o fato de que as mídias, através das quais a humanidade organiza seus fluxos de linguagem, comunicando-se, influencia o modo de pensar e direta ou indiretamente o ambiente sociocultural.

Também Galimberti (2006) e Di Felice (2007) defendem que a natureza humana é influenciada pelos paradigmas comunicativos.

“(...) o homem não é algo que prescindir do modo como manipula o mundo, e deixar de lado essa relação significa não perceber que não se transforma não só os meios de comunicação, mas, como diz McLuhan, o próprio homem.”
(GALIMBERTI, 2006, p. 723)

“(...) as transformações ocorridas no decorrer da história nas formas de armazenar, organizar e transmitir as informações devem ser compreendidas, também, nos seus importantes significados sociais e filosóficos de contribuir em novas formas de ver, de perceber e de entender o mundo.
Deste prisma, além de mudarem as opiniões e as formas de interagir, a introdução de um novo meio de comunicação, num determinado momento da história da humanidade, passou a atingir a esfera da interação, contribuindo para determinar a transformação da estrutura da percepção da realidade, como explicado por McLuhan (...). Olhar a história das transformações comunicativas não significa, portanto, somente perceber as mudanças das formas de armazenar, organizar e comunicar as informações, num sentido evolutivo, mas sim perceber o caráter qualitativo de cada ruptura comunicativa e, com esta, a cada fase, a introdução de uma nova forma de perceber e de sentir o mundo e de definir a realidade.”
(DI FELICE, 2007, pp. 29 e 30)

E não se trata aqui de se sermos atraídos para uma cilada que nos conduz a uma análise tecno-determinista. Lemos (2002, p. 21), ao citar o filósofo Gilbert Simondon, lembra que a tecnologia deve *“fazer parte da cultura, já que ela é constitutiva do homem. Refutar a técnica é refutar a humanidade como um todo, é refutar essa humanidade que 'é', por uma hipotética que 'deveria ser’”*. Também a análise sociológica de Castells segue esta perspectiva:

“O dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida e representada sem suas ferramentas tecnológicas.”
(CASTELLS, 2002, p. 43)

E também não se tratará, neste percurso histórico que pretendemos empreender, de ignorarmos o óbvio fato de que juntamente com as transformações midiáticas, diversos outros fatores – culturais, econômicos, políticos, etc – estão em jogo quando se pretende traçar uma perspectiva histórica associando mídia e sociedade. Entretanto, o necessário recorte que

adotamos para este trabalho tem como foco as transformações das tecnologias midiáticas e suas reverberações na sociedade. Ou seja, outros fatores não são ignorados, porém não estão em nosso foco de análise.

Por fim, devemos sublinhar nossa concordância com Zielinski (2006), afirmando que não consideramos esse conjunto de transformações midiáticas que marcou a humanidade como um processo evolutivo e que, por consequência, tenderia a encarar o atual momento das mídias digitais como o ápice do processo, a forma mais elaborada de comunicação que a humanidade já assistiu, uma fase mais complexa do que as anteriores, e, portanto, portadora de maior valor, porque está mais avançada. Assim, *“a história da mídia não é o resultado do avanço previsível e necessário de um aparato primitivo para um aparato complexo”* (Zielinski, 2006, p. 23)

1 – Da oralidade ao alfabeto

“As culturas orais oferecem o poder àquele que possui o controle do verbo.”
(DE KERCKHOVE, Dalla Democrazia alla Ciberdemocrazia. In: Dopo La Democrazia, p. 58)

Na cultura oral, o senso de coletividade é prevalente, como se pode observar nesta outra afirmação de De Kerckhove:

“De fato, ainda que tal poder seja gerido pelo orador, enquanto linguagem exteriorizada, oral, é em todo caso plenamente compartilhado e portanto inclui – possui – de modo unitário, tanto o orador quanto o seu auditório.”
(DE KERCKHOVE, Dalla Democrazia alla Ciberdemocrazia. In: Dopo La Democrazia, p. 58)

Aqui, o contexto que permeia a comunicação e a circulação das informações no interior da comunidade é presente e compartilhado por todos os interlocutores.

Já o advento da escrita propicia o surgimento de verdades singulares que se objetivam na forma de leis e escrituras, as quais, por sua vez, são legitimadas pelo caráter litúrgico que o distanciamento entre a maioria do grupo e a habilidade de escrever e ler proporciona.

“Uma crença antiga sobre a lei atribuí-a em última instância aos deuses. O

legislador ou criador humano da constituição (cuja existência não se negava) era apenas o canal pelo qual os mandamentos do céu se tornavam conhecidos e eficazes. No poema de Tirteu a constituição de Licurgo para Esparta foi ditada em detalhes por Apolo em Delfos. Mais tarde tendeu-se a dizer que Licurgo fez a constituição, mas foi a Delfos para ter a segurança de que o deus a aprovava.”
(GUTHRIE, 1995)

Ong (1998) ao tratar das sociedades orais primárias ressalta o padrão de pensamento altamente tradicionalista e conservativo, inibindo, assim, a experimentação intelectual e caracterizando uma experimentação cíclica do tempo ligada aos mitos. Para ele, a invenção da tecnologia da escrita, mais do que um novo suporte à linguagem, significa a introdução de um novo modo de experimentar e pensar o mundo.

“O conhecimento exige um grande esforço e é valioso, e a sociedade tem em alta conta aqueles anciãos e anciãs sábios que se especializam em conservá-lo, que conhecem e podem contar as histórias dos tempos remotos. Pelo fato de armazenar o conhecimento fora da mente, a escrita – e mais ainda a impressão tipográfica – deprecia as figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor de descobridores mais jovens de algo novo.”
(ONG, 1998, p. 52)

“Dizer que a escrita é artificial não é condená-la, mas elogiá-la. Como outras criações artificiais, e, na verdade, mais do que qualquer outra, ela é inestimável e de fato fundamental para a realização de potenciais humanos mais elevados, interiores. As tecnologias não constituem meros auxílios exteriores, mas, sim, transformações interiores da consciência, e mais ainda quando afeitas à palavra. (...) A escrita aumenta a consciência.”
(Idem, p. 98)

“A escrita, em seu sentido comum, foi e é a mais importante de todas as invenções humanas. Não é um mero apêndice da fala. Em virtude de mover a fala do mundo oral-auricular para um novo mundo sensorial, o da visão, ela transforma tanto a fala quanto o pensamento.”
(Idem, p. 100)

O surgimento da tecnologia da escrita possibilita o início de um processo de virtualização e desterritorialização. Com isso, no que diz respeito à preservação e produção de saberes, o ser humano passa a ser capaz de iniciar um movimento de afastamento de seu contexto social. A figura dos anciãos e anciãs não é mais fundamental para a conservação dos conhecimentos

“Virtualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela fez surgir um mecanismo de comunicação no qual as mensagens frequentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e portanto são recebidas fora de contexto.”
(LÉVY, 1996, p. 38)

A escrita inicia um caminho de linearização temporal, permite uma acumulação mais eficiente do conhecimento e uma ampliação da memória para além dos indivíduos da comunidade.

“O espírito humano pôde então olhar para o passado de outra maneira que não pela imaginação, pelos mitos e pelos vestígios materiais. A nova abundância de testemunhos linguísticos em proveniência do antigamente ou de mundos culturais longínquos permitiu colocar em perspectiva as percepções presentes e os projetos para o futuro.”
(LÉVY, 2003, p. 33)

A leitura exige um maior esforço de interpretação, mobilizando a polifonia interna do leitor na associação, construção e desconstrução de um significado para aquele discurso repleto de lacunas.

“Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma platitude inicial, esse ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual se possa desdobrar o sentido.”
(LÉVY, 1996, p. 36)

A interpretação, embora resultado da polifonia social em que o indivíduo se insere, é uma elaboração individual, assim como o próprio ato da leitura também o é. A leitura inicia um processo de individualização do interlocutor, que recebe a mensagem não mais coletivamente como na tradição oral, mas individualmente.

Para McLuhan (1972), a transformação da palavra falada em palavra escrita “destribaliza” o homem. A palavra falada é carregada de tons, matizes, performances, sentimentos, modulações, e é indissociável tanto de seu enunciador quanto da dinâmica social da comunidade. A palavra falada é “quente”, pertence ao presente e ao contexto. O alfabeto permite que a palavra falada seja escrita, ou seja, a transporta para uma tecnologia não mais

auditiva, mas visual. Desta maneira, a palavra se descontextualiza, se impersonaliza.

“A noção das palavras como fortes, ressonantes, vivas, ativas e naturais é substituída pela noção das palavras como portadoras de ‘sentido’ e ‘significado’. (...) Perdem muito do elemento pessoal no sentido em que a palavra escutada nos foi dirigida, geralmente, enquanto a palavra vista não o foi, e a lemos ou não, conforme quisermos.”
(MCLUHAN, 1972, p. 38)

O alfabeto, ao permitir a transcrição da fala em um código visual, “esfria” a palavra. Não apenas a construção do sentido deixa de ser preponderantemente coletiva (nunca o deixará de ser, porém, na leitura, torna-se um esforço individual), como também a própria existência da palavra torna-se indiferente, exterior a quem a recebe. A palavra desatrelou-se do suporte humano, e sua existência prolonga-se para além do presente, estendendo-se ao passado e projetando-se até o futuro.

Isto provoca alterações qualitativas no senso de coletividade, introduzindo a noção de individualidade e diminuindo o potencial coercivo da comunidade. Nas culturas orais, a verbalização interna – o pensamento – é entendida igualmente como conduta social. O alfabeto fonético, separando a ideia do ato de falar, permitiu pela primeira vez a idealização livre, separando o “pensar” do “agir”.

Entretanto, o surgimento da escrita não é imediatamente acompanhado por sua disseminação enquanto tecnologia midiática. Por muito tempo, o domínio da escrita significou o domínio do conhecimento e da informação – e portanto do poder – e foi mantido como um oligopólio restrito a escribas, sacerdotes, monges. Antes da invenção das técnicas de impressão, a escrita era uma arte dominada por poucas figuras, geralmente associadas ao poder religioso e político. Como afirma Levy, “*muito antes de se apresentar como uma relação de força entre os indivíduos, o poder deriva de uma relação entre a pessoa e a palavra*” (LÉVY, 2003, p. 33).

Verifica-se aqui não só a relação entre o domínio da informação e o poder, mas também a estreita relação entre poder e opacidade. Aqueles que podem ver, conhecer, tomar ciência exercem o domínio sobre aqueles que não podem fazê-lo. O poder tudo vê, os súditos nada veem. É o que alguns autores chamam de “assimetria da informação”.

O fato é que com a escrita as sociedades humanas também chegam a um suporte

adequado para que possam atingir um nível de organização mais complexo. Os agrupamentos sociais tornam-se maiores e suas dinâmicas são hierarquizadas tendo como fundamento principal as escrituras. O poder político está, então, sob a tutela de quem domina a nova tecnologia midiática.

“O nascimento da escrita está ligado aos primeiros Estados de hierarquia piramidal e às primeiras formas de administração econômica centralizada (imposto, gestão de grandes domínios agrícolas).”
(LÉVY, 1996, p. 100)

Se o domínio da escrita e o monopólio da leitura deram origem a Estados autocráticos, opacos e hierarquizados, a difusão das mesmas através do alfabeto dá origem aos primeiros sinais da democracia. O alfabeto, padronizando os caracteres e, conseqüentemente, criando um mínimo de regras para a reprodução da palavra na forma escrita, torna a escrita, e a leitura, uma prática acessível a todos que compartilham do mesmo sistema alfabético. O nascimento do alfabeto diz respeito à gramática, que para Pierre Lèvy é o fundamento da virtualização:

“As operações de gramatização recortam um *continuum* fortemente ligado a presenças aqui e agora, a corpos, a relações ou situações particulares, para obter afinal elementos convencionais ou padrão. Esses átomos são destacáveis, transferíveis, independentes de contextos vivos. Já formam o grau mínimo do virtual na medida em que cada um pode ser atualizado numa variedade indefinida de ocorrências, todas qualitativamente diferentes, mas no entanto reconhecíveis como exemplares de um mesmo elemento virtual (...) O destino da escrita ilustra particularmente bem a gramatização; o que a etimologia confirma: *gramma*, em grego antigo, é a letra.”
(LÉVY, 1996, p. 88)

O fato é que, transformando a escrita num código padronizado, inteligível e socialmente partilhado, o alfabeto promoveu a disseminação da leitura. Aqueles que conhecem o alfabeto podem ler, conhecer, analisar e discutir as leis, bem como participar do seu processo de produção.

“Com a chegada do alfabeto, a leitura torna-se acessível à maioria. Redigida em caracteres alfabéticos a partir do século VI a.C., a lei das cidades gregas torna-se legível por todos, donde o surgimento do conceito e da prática de

cidadania.”
(LÉVY, 2003, p. 34)

2 – A Imprensa

A revolução propiciada por Gutenberg, com a invenção de técnicas de impressão, faz com que a escrita e, conseqüentemente, a produção do livro desvinculem-se da capacidade humana de produção e reprodução do caractere.

“A escrita (a gramatização da fala) separa a linguagem de um corpo vivo e de uma situação particular. A impressão leva adiante esse processo ao padronizar a grafia, separando o texto lido do traço direto de uma performance muscular. O aspecto virtualizante da impressão é o caractere móvel.”
(LÉVY, 1996, p. 88)

Antes, o monge empenhava toda a sua vida na cuidadosa tarefa de copiar livros. Agora, livros inteiros são impressos antes que a mão humana possa copiar algumas páginas. A imprensa acelera, espalha e intensifica o fluxo de informação. Ela facilita não só o acesso ao livro – antes mantido sob a custódia dos eclesiásticos – difundindo a leitura e a alfabetização, como também permite posteriormente o surgimento de meios de comunicação de massa impressos, como os jornais.

Se durante a Idade Média o conhecimento estava sob a tutela da Igreja e os estudiosos padeciam da falta de publicações, já no ano de 1500 havia ao redor de 13 milhões de livros em circulação na Europa. Em 1475, uma grande biblioteca europeia como a do Vaticano continha cerca de 2.500 volumes. Em meados do século XVII algumas bibliotecas somavam 30 ou 40.000 livros. No século XVIII 100.000 ou mais (DRUCKER, 1999). As bibliotecas, aliás, além de expandirem seus acervos, passaram a atuar como sedes de conhecimento, na medida em que se tornaram centros de estudos, lugares de debates entre intelectuais e espaços de sociabilidade de ideias e troca de informações, rompendo seu vínculo único e exclusivo com o silêncio e a leitura (BURKE, 2003).

“Chineses e muçulmanos usavam a imprensa (não com tipos móveis) há séculos, mas mantiveram o livro impresso fora de suas escolas, rejeitando-o como ferramenta do aprendizado e de ensino (...) Os sacerdotes muçulmanos

embora conhecessem o livro impresso o consideravam uma ameaça à sua autoridade porque ele possibilitava que os alunos lessem por conta própria. Na China os estudiosos confucionistas rejeitavam o livro impresso porque ele era incompatível com um dogma da cultura chinesa : o domínio da caligrafia qualificava para postos de governo.”
(DRUCKER, 1999, p. 187)

Burke (2003) afirma que a imprensa impulsionou a confluência dos diferentes tipos de conhecimento e agiu como elemento de transformação social, provocando significativas mudanças na forma de produzir, expressar, expandir, apresentar, perceber, disseminar, fazer circular e recuperar informações; e ainda, norteou e suscitou questionamentos, críticas, comparações e o ceticismo da sociedade com relação às produções intelectuais da época.

“A impressão gráfica facilitou a acumulação do conhecimento, por difundir as descobertas mais amplamente e por fazer com que fosse mais difícil perder a informação. Por outro lado, (...) a nova técnica desestabilizou o conhecimento ou o que era entendido como tal, ao tornar os leitores mais conscientes da existência de história e de interpretações conflitantes.”
(BURKE, 2004, p. 76)

É muito significativo observar como o fim do monopólio do livro pela Igreja foi acompanhado por profundas transformações sociopolíticas. Uma vez que o próprio fiel pudesse ter acesso à Bíblia, diretamente, e não por meio da palavra do sacerdote, estava aberto o campo da polissemia e das interpretações, que eventualmente poderiam não coincidir com aquelas desejadas pela própria Igreja. Este foi um passo decisivo para as Reformas Religiosas e para o início da separação entre Igreja e Estado.

A grande difusão da prática da leitura, proporcionada pela imprensa, terminou por completar a passagem, sobre a qual falamos anteriormente, da coletividade para a individualidade. A imprensa opera dois processos aparentemente antagônicos que marcam a modernidade: o surgimento de uma esfera pública, comum – e logo, da opinião pública – e o desenvolvimento de uma esfera privada, ligada à individualidade que, como já vimos, é fomentada pela própria natureza da prática da leitura. Entendendo o espaço público como uma condição de diálogo entre membros de uma determinada comunidade sobre temas que sejam do interesse de todos – ou, como prefere Lèvy, “*um espaço partilhado de visibilidade e comunicação coletiva*” (2003, p. 36) –, podemos inferir que a imprensa provocou um

alargamento do espaço público. Este, primeiramente, circunscrevia-se às vizinhanças, ou no máximo às pequenas cidades, e era muito difícil de distingui-lo da vida privada dos membros da comunidade. A partir da imprensa, que permitia a circulação de informações de proveniência distante, a condição de pertencimento ao espaço público deixou de ser a proximidade geográfica e passou a ser a língua.

“Em sociedades que usam sobretudo a comunicação oral, a ‘esfera pública’ é confinada à comunidade daqueles a quem podemos falar diretamente (clã, tribo, vilarejo) e é portanto difícil distingui-la da esfera privada. A esfera pública moderna, por contraste, é baseada na informação publicada nos jornais, revistas ou nos livros, e por isso é claramente separada da esfera privada. Nos séculos sucessivos à invenção da imprensa, os jornais criaram um espaço público que podia unir milhões de pessoas que falavam a mesma língua dentro de uma vasta área.”

(LÉVY, Verso la Ciberdemocrazia. In: Dopo La Democrazia, p. 5)

Enfim, foi o desenvolvimento da imprensa, que elevou a natureza do “nós” do local e imediato ao nacional e mediado (mediatizado), sendo, portanto, condição primordial para o nascimento dos Estados Nacionais.

“A forma política do Estado Nação, como as modernas democracias e o conceito de direitos humanos é extremamente ligada à esfera pública moderna, baseada na imprensa.”

(LÉVY, Verso la Ciberdemocrazia. In: Dopo La Democrazia, p. 5)

3 – A eletricidade

Até aqui, percorremos um caminho de crescente virtualização da mensagem, de aceleração e generalização do fluxo de informação. Com a invenção da escrita, a mensagem se desvincula do corpo e da presença viva; com o alfabeto torna-se acessível a todos que partilham deste código; e com a tipografia, desvincula-se o caractere do gesto humano, acelera-se a sua reprodução, promove-se a sua padronização; com a imprensa, a mensagem se liberta da contingência geográfica, percorrendo vastas distâncias num suporte leve e descartável – o papel.

O passo adiante neste percurso transforma o tempo e o ritmo das mudanças culturais da humanidade, que conheceu, a partir de sua introdução, velocidades nunca antes vistas e

exponencialmente crescentes. Ela impactou direta e definitivamente sobre as tecnologias da comunicação precedentes. Trata-se da eletricidade.

“Creio que o título de grande transformador da cultura mundial deva atribuir-se à eletricidade. (...) A corrente elétrica penetra as nossas vidas, os nossos pensamentos e os nossos corpos e, em um certo sentido, os torna permeáveis.”
(DE KERCKHOVE, Dalla Democrazia alla Ciberdemocrazia. In: Dopo La Democrazia, p. 60)

A invenção do telégrafo dá um passo decisivo em direção à desterritorialização: a mensagem agora não depende mais de um suporte físico para chegar ao seu destino. Ela viaja pelo ar, torna-se imaterial, e só depende do suporte – o aparelho – no momento de sua produção e no de sua recepção. A mensagem percorre toda a distância entre um ponto e outro pelo ar, é invisível, propaga-se na forma de ondas eletromagnéticas. O telégrafo representa a primeira manifestação de uma grande transformação midiática: a dos meios eletrônicos de massa, os *mass media*.

A história dos meios de comunicação de massa pertence inteiramente ao século XX e provocou, em cerca de 50 anos, mudanças bruscas e definitivas na cultura das sociedades que os incorporaram. O início do século, marcado pelo nascimento de diversas novas tecnologias, viu o surgimento daquilo que se convencionou chamar de cultura de massas.

“A cultura de massas originou-se no jornal com seus coadjuvantes, o telégrafo e a fotografia. Acentuou-se com o surgimento do cinema, uma mídia feita para a recepção coletiva.”
(SANTAELLA, 2003, p. 79)

O rádio popularizou-se já nas três primeiras décadas do século passado. Representava uma das formas principais de entretenimento e informação, tornando-se um aparelho indispensável à maioria das casas. Mais do que isso, o rádio representa um retorno da primazia da audição e da oralidade no processo de comunicação, à medida que transmitia para milhares de pessoas narrativas orais e sonoras. É o que Ong (1998) chama “oralidade secundária”.

“(...) a tecnologia eletrônica levou-nos à era da ‘oralidade secundária’. Essa nova oralidade tem semelhanças notáveis com a antiga em sua mística

participatória, em seu favorecimento de um sentido comunal, em sua concentração no momento presente e até mesmo em seu uso de fórmulas.”
(ONG, 1998, p. 155)

“(…) a oralidade secundária gerou um forte sentimento de grupo, um verdadeiro público, exatamente como a leitura de textos escritos ou impressos os transforma em indivíduos, faz com que eles se voltem para dentro de si. Porém, a oralidade secundária dá sentido a grupos incomensuravelmente mais amplos do que os da cultura oral primária.”
(Idem)

Algumas décadas depois, também observamos o surgimento da televisão. Segundo Lúcia Santaella (2003), foi só com a TV que se solidificou a ideia do homem de massa junto com a ideia de *mass media*. Isto porque a televisão contém todas as características do processo de comunicação na era das mídias de massa. Na cultura massificada, a comunicação é piramidal e unidirecional – o conteúdo provém de alguns poucos emissores, detentores dos meios de comunicação, e pressupõe uma recepção massiva e passiva.

“A lógica da televisão é a de uma audiência recebendo informação sem responder. O único *feedback* possível se dá através de medições, padrões de compra e estudos de mercado. Disso decorre a natureza fundamental de um meio de difusão: o padrão de energia viaja num só sentido, na direção do receptor, para ser consumido com uma resistência mínima.”
(SANTAELLA, 2003, p. 79)

Nesta época dominada pelas mídias de massa, vemos surgir diversos paradigmas e teorias da comunicação, da teoria hipodérmica à Escola de Frankfurt, passando pelos funcionalistas e diversos esquemas simplificados do caminho da mensagem no sistema 'emissão recepção'.

A primeira metade do século XX é um período caracterizado por uma análise crítica dos meios de comunicação, como observado nas obras de Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre a cultura de massa, considerada um empobrecimento em relação à cultura erudita.

“A televisão, com seu apetite voraz, devoradora de quaisquer formas e gêneros de cultura, tende a diluir e neutralizar todas as distinções geográficas e históricas, adaptando-as a padrões médios de compreensão e absorção. (...)”

Tanto a televisão quanto os demais meios de massa (rádio, jornal, revista), moventes e voláteis, se esquivam à divisão dos estratos culturais de acordo com as classes sociais: elite ou povo.”
(SANTAELLA, 2003, p. 56)

Para Adorno, a Indústria Cultural objetiva “*procurar o cliente para lhe vender um consentimento total e não crítico*” e, por consequência, “*impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente*” (1987, p. 289).

“Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem.”
(BENJAMIN, 1994, p. 196)

Esta visão que demonstra uma certa aversão frente ao crescente acesso às tecnologias midiáticas e às informações, entretanto, não é algo novo, como destaca Di Felice:

“A aversão ao acesso às informações e ao público em geral se manteve como uma constante na cultura ocidental. Passando pelas distintas épocas da história é fácil encontrar, em diversos momentos, a mesma concepção platônica que atribui à participação das massas um significado negativo, desde a época da tradução da Bíblia na língua dos camponeses da Alemanha do séc. XVI efetuada por Martin Lutero, e advertida pelas autoridades católicas como uma vulgarização do sagrado, até a época da revolução industrial, quando o desenvolvimento dos meios de comunicação passou a determinar o surgimento de uma nova cultura de massa. Embora em contextos e significados distintos, o medo da “teatrocracia”¹⁴ e da participação das massas está constantemente presente nas críticas desenvolvidas por distintos autores à cultura da participação da sociedade.”
(DI FELICE, Netativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais, no prelo)

No caso dos autores da Escola de Frankfurt, porém, sua crítica não se assenta sobre as massas, como fizeram muitos dos autores anteriores, mas na racionalidade instrumental através da qual as novas tecnologias midiáticas são utilizadas para manipular as massas.

¹⁴ “O público do teatro, de mudo, tornou-se falante, como se fosse capaz de entender o que na arte é belo ou não; ao invés de uma aristocracia na música temos uma miserável teatrocracia” (PLATÃO, 2002, p. 123), citado por DI FELICE, Netativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais, no prelo.

“Em época mais recente a “tecnofobia” e a “massafobia” encontrarão os seus novos alvos nos meios de comunicações de massas e nas novas tecnologias comunicativas. Serão, sobretudo, as obras de alguns dos autores da Escola de Frankfurt a fornecer os principais elementos interpretativos críticos da sociedade e da cultura de massa. Sem reduzir a complexidade do pensamento elaborado pelo conjunto de diferentes autores à crítica e à mídia de massa, deve-se, todavia, concordar com o fato que as análises elaboradas, sobretudo por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1997), introduzem uma nova percepção sobre o fenômeno da comunicação. De fato, se os autores que os precederam concentraram-se na crítica das massas e das formas coletivas e irracionais das práticas culturais da nova sociedade, os frankfurtianos concentraram a própria análise crítica nos meios e nas suas importantes funções socioculturais. O alvo das críticas deixava, portanto, de ser o público, passando a ser a racionalidade instrumental e, com esta, a inseparável relação entre a técnica e a produção inaugurada pela sociedade industrial e pela sua original forma de simbiose político-comunicativo-cultural.”
(DI FELICE, no prelo)

Ao contextualizar estas obras, nos damos conta de que estes autores são testemunhas do florescimento dos grandes regimes totalitários do século XX. O nazismo, fascismo e stalinismo fizeram amplo uso dos meios de comunicação de massa para propagar suas ideologias, notoriamente o cinema e o rádio. Isso ajuda a compreender o pessimismo com que tratam as tecnologias midiáticas.

Jürgen Habermas, critica o positivismo científico e filosófico que, em sua análise, é inseparável de sua luta contra o objetivismo tecnocrático. O positivismo e o tecnicismo não passam, para ele, de duas faces da mesma e ilusória moeda ideológica: tanto um, como outro, não seriam mais que “*manchas turvas no horizonte da racionalidade*” (HABERMAS, 2000).

Por outro lado, e também representante da Escola de Frankfurt, Benjamin lança uma perspectiva otimista em relação à utilização dos novos elementos técnico-comunicativos. Em seu trabalho 'A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica' faz uma análise das causas e consequências da destruição da “aura” que envolve as obras de arte, enquanto objetos individualizados e únicos. Com o progresso das técnicas de reprodução, sobretudo do cinema, a aura, dissolvendo-se nas várias reproduções do original, destituiria a obra de arte de seu *status* de raridade. Para Benjamin, a partir do momento em que a obra fica excluída da atmosfera aristocrática e religiosa, que fazem dela uma coisa para poucos e um objeto de culto, a dissolução da aura atinge dimensões sociais. Essas dimensões seriam resultantes da estreita relação existente entre as transformações técnicas da sociedade e as modificações da

percepção estética. A análise de Benjamin mostra que as técnicas de reprodução das obras de arte, provocando a queda da aura, promovem a liquidação do elemento tradicional da herança cultural, mas, por outro lado, esse processo contém um germe positivo, na medida em que possibilita um outro relacionamento das massas com a arte, dotando-as de um instrumento eficaz de renovação das estruturas sociais (BENJAMIN, 1994).

Na esteira desta perspectiva mais otimista, surgem outros autores que analisam os meios de comunicação de massa como indispensáveis à constituição das democracias contemporâneas, continuando e intensificando o processo de ampliação da opinião pública e de fortalecimento das unidades nacionais, por meio da unificação linguística e da grande afluência de imagens e informações de todos os cantos do país. Da mesma maneira, contribuíram para o enfraquecimento desta mesma unidade e para a expansão do espaço perceptivo para além das fronteiras da nação.

“O que com efeito aconteceu, não obstante todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais de capitalistas, foi que o rádio, a televisão e os jornais se tornaram elementos de uma explosão e de uma multiplicação generalizada de *Weltanschauungen*, de visões de mundo.

Esta multiplicação vertiginosa da comunicação, esta tomada de palavra por parte de um número crescente de subculturas, é o efeito mais evidente dos *mass media* e é também o fato que – interligado com o fim ou, pelo menos, com a transformação radical do imperialismo europeu – determina a passagem da nossa sociedade para a pós-modernidade.”

(VATTIMO, 1991, p. 88)

Segundo Vattimo, ao invés de reforçarem um ponto de vista dominante, os meios de comunicação de massa possibilitaram a própria dissolução dos pontos de vista centrais, introduzindo imagens, histórias e pontos de vista outros, de outras culturas e sociedades que até então haviam permanecido à margem e submetidas a uma suposta verdade universal emanada pelo centro. Heidegger descreve a modernidade como a época das imagens de mundo (VATTIMO, 1991), e a multiplicação destas imagens é o que determinaria o fim da própria modernidade, segundo Vattimo.

A pluralização dos pontos de vista possibilitada pelos meios eletrônicos de massa provoca o fim do sentido unitário da História e a queda das grandes narrativas, o que significa também uma crise da ideia de verdade.

“De fato, a intensificação das possibilidades de informação sobre a realidade nos seus mais variados aspectos torna cada vez menos concebível a própria ideia de realidade. Realiza-se, talvez, no mundo verdadeiro dos *mass media*, a profecia de Nietzsche: no fim, o mundo verdadeiro transforma-se em fábula. Se temos uma ideia da realidade, esta, na nossa condição de existência tardo-moderna, não pode ser entendida como dado objectivo que está abaixo, e para além, das imagens que nos são dadas pelos media. Como e onde poderíamos alcançar uma tal realidade “em si”? Realidade, para nós, é mais o resultado do cruzamento, da contaminação (no sentido latino) das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que, em concorrência entre si ou, seja como for, sem qualquer coordenação central, os media distribuem.”
(VATTIMO, 1991, p. 13)

Vattimo enxerga no abandono da verdade e do ideal de auto transparência a real chance de emancipação.

“O que pretendo propor é que na sociedade dos media, em vez de um ideal de emancipação modelado pela autoconsciência completamente definida, conforme o perfeito conhecimento de quem sabe as coisas (seja ele o Espírito Absoluto de Hegel ou o homem não mais escravo da ideologia como o pensa Marx), abre caminho a um ideal de emancipação que tem antes na sua base a oscilação, a pluralidade, e por fim o desgaste do próprio ‘princípio de realidade’.”
(VATTIMO, 1991, p. 13)

A tão almejada transparência termina por revelar-se múltipla, inapreensível na sua totalidade, e descobrimos, olhando através, que não há nada por trás, não há uma verdade a ser descoberta. A emancipação consiste em assumir e reconhecer a pluralidade do mundo, e reconhecer-se nela.

Além de modificar gradativamente a natureza da sociedade de massas, os *mass media* sofreram transformações em sua própria constituição, modificando a dinâmica de relações com os públicos. Lúcia Santaella (2003) localiza um período tardio na era da cultura de massas, ao qual chama de cultura das mídias. Por volta dos anos 70 e 80, a introdução de novas tecnologias, como as máquinas de fotocópias, fac-símile, videocassete, gravador, câmeras filmadoras, videogames, permitiram aos sujeitos uma relação mais ativa com os novos suportes midiáticos de massa: copiar, enviar documentos através da linha telefônica, gravar, regravar, editar, produzir, reproduzir, interagir com elementos gráficos na tela do

televisor. Além disso, novas formas de consumo da televisão, como a TV a cabo e o *narrowcasting* possibilitaram o surgimento de uma produção cultural segmentada, dando ao consumidor maior liberdade de escolha, ainda que aos olhos da Teoria Crítica, mesmo este maior leque de opções se desse no contexto de uma Indústria Cultural cuja oferta de produtos pasteurizados conduz a uma liberdade de escolhas restritas e conduzidas.

Neste ponto, recordamos de uma das aulas do Prof. Ciro Marcondes, quando ele resgata o conceito de *clinamen*, de Lucrecio, apresentando a figura de um fluxo de moléculas no qual algumas, sem uma causa aparente, desviam-se e rompem com aquela linearidade inercial. Ora, podemos utilizar esta figura, entre outras coisas, para nos referirmos às produções dessa Indústria Cultural: algumas das produções, com ou sem uma causa aparente, desviam-se da linearidade político-ideológica dominante e abrem espaço para o diferente. Ou seja, mesmo considerando o contexto de uma Indústria Cultural, a introdução e expansão de novas tecnologias promovem aquilo que Vattimo (1991) chama de multiplicação de visões de mundo, promovem o diferente, aquilo que rompe com a linearidade dos produtos culturais.

“Para o filósofo italiano (Vattimo), a crise do ideal europeu de humanidade está estritamente ligada ao advento da sociedade de comunicação. Vattimo destaca o papel determinante desenvolvido pelos *mass media* no surgimento da sociedade mais caótica, mais complexa e, portanto, com tendência mais pluralista.”
(DI FELICE, 2008, p. 41)

Talvez o mais significativo exemplo dessa pluralização de vozes surgida no seio dos *mass media* seja a ascensão da Cultura Hip Hop. Desde os subúrbios negros e latinos de Nova Iorque, de gravador em gravador, de copiadora em copiadora, fanzines, *tapes* K7 e VHS foram se espalhando pelas periferias das grandes cidades do mundo. Em cada cidade o Hip Hop foi sendo adaptado às peculiaridades locais, mantendo sempre os elementos fundadores – a música *rap*, o *DJ*, o *MC*, a dança *break* e a pintura *graffiti* – como elos da Cultura. Das ruas das periferias do mundo, chegou às grandes redes de televisão e rádio, às grandes editoras, às gravadoras de música. Tudo isso tendo como estalo inicial a popularização dos aparelhos portáteis de rádio com tocadores de fitas K7, dos gravadores, das copiadoras, do VHS, dos videocassetes, enfim, de uma tecnologia midiática mais acessível, não somente em termos de portabilidade como em termos de custo.

Essas tecnologias propiciaram um movimento de segmentação que perpassou todos os meios de comunicação de massa: a multiplicação de revistas, jornais e rádios cada vez mais especializados e direcionados a um público definido, reconhecendo segmentos diversos.

4 – O digital

“Se a tecno cultura moderna foi o paraíso de Apolo, a cibercultura pós-moderna parece ser o teatro de Dionísio. A tecnologia microeletrônica é, ao mesmo tempo, mágica (abolição do espaço e do tempo; telepresença) e agregadora (societária, comunitária). Lembremos que a raiz “ciber” tem origem no grego *kubernetes* (a arte do controle, da pilotagem, do governo). No entanto, como veremos, a cibercultura não parece, como acreditam alguns, estar sendo dominada por um *Big Brother* timoneiro. Nas diversas manifestações da cibercultura, não podemos dizer que a vida social se deixe simplesmente governar ou pilotar por uma tecnologia autônoma. Isso também não significa que os efeitos dos controles tecnocráticos tenham desaparecido.” (LEMOS, 2002, p. 20)

A palavra digital vem de dígito, do latim *digitus*, que significa dedos. Dedos que desde sempre foram os instrumentos mais simples e eficientes em qualquer processo de contagem de pequenos valores. Aliás, não por outro motivo o sistema numérico indo arábico, utilizado por nós, é um sistema de base dez, ou decimal, afinal, são dez os dedos das mãos humanas.

Hoje em dia, porém, não se consegue desvincular o termo 'digital' das tecnologias computacionais. Isso ocorre devido ao fato do funcionamento dos computadores estar assentado no sistema binário, cujos símbolos são sequências finitas de zeros e uns. Assim, quando falamos em tecnologia digital estamos nos referindo às tecnologias computacionais e informáticas baseadas em processadores de dados que operam a partir dos dígitos zero e um.

Transportando esse conceito para o universo das tecnologias midiáticas, podemos afirmar que a principal diferença entre as mídias digitais e as analógicas decorre do fato de que nesta há uma clara distinção identitária: sabemos claramente quem é o receptor e quem é o emissor; já naquela, tal distinção não é mais possível. Todos se comunicam com todos e tudo é transformado em cadeias de zeros e uns.

Toda a natureza é convertida em *bits*.

Vivemos a cibercultura. A esse respeito André Lemos (2002) observa:

“A cibercultura, em todas as suas manifestações, caracteriza-se pela manipulação de informações binárias. Ela é a simulação do mundo pelos pós-medias (redes de computador, telefones móveis, televisão interativa, satélites, etc.). O espetáculo¹⁵ difundiu-se pelo fluxo unidirecional de mensagens, pela difusão centralizada ao receptor disperso, homogeneizado e tido como passivo (embora estudos de recepção mostrem o contrário). Já a cibercultura é o produto da digitalização do *media*, do advento de um fluxo de mensagens planetário, multimodal e bidirecional, em que o receptor torna-se, também, um emissor potencial.”

(LEMOS, 2002, p. 281)

Para Lemos, a cibercultura é a expressão da cultura contemporânea. Surge com os *mass media* e define-se a partir do aparecimento dos computadores pessoais. É uma tendência que se confirma a partir da sinergia entre a revolução microeletrônica e a condição pós-moderna (LEMOS, 2002).

Pierre Lévy analisa como três os elementos fundamentais da cibercultura: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva (LÉVY, 2007). A interconexão diz respeito à constituição de uma humanidade que prefere a conexão ao isolamento, em um contínuo que supera as diversas fronteiras existentes.

“Junto ao crescimento das taxas de transmissão, a tendência à interconexão provoca uma mutação na física da comunicação: passamos das noções de canal e rede a uma sensação de espaço envolvente. Os veículos de informação não estariam mais no espaço, mas, por meio de uma espécie de reviravolta tecnológica, todo o espaço se tornaria um canal interativo. A cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. (...) A interconexão tece um universal por contato.”

(LÉVY, 1999, p. 127)

As comunidades virtuais surgem como consequência dessa interconexão e tratam de agrupar pessoas que possuem afinidades de interesses e conhecimentos, independentemente de proximidades geográficas.

“A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações

15 O autor faz referência ao conceito 'sociedade do espetáculo', que, no sentido dado por Guy Debord, é fruto da sociedade do consumo e constitui-se de representações imagéticas esvaziadas da realidade. Uma sociedade onde os Homens são reificados, onde ganha espaço o fetichismo em relação aos objetos e ao consumo trivial e banalizado. Por esta perspectiva a tecnologia midiática é tida como uma ferramenta de controle das massas, de racionalidade instrumental, de homogeneização e pasteurização do social.

institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. (...) As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato.”
(LÉVY, 1999, p. 130)

E, resultado da interconexão e das comunidades virtuais, a inteligência coletiva é a grande característica da cibercultura, sua finalidade última, sua “*perspectiva espiritual*”, que consiste, basicamente, no compartilhamento de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado. Compartilhamento que é potencializado pelas novas tecnologias microeletrônicas. Enfim, inteligência coletiva

“É uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição esse complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas.”
(LÉVY, 2007, pp. 28 e 29)

Ainda sobre esse novo contexto tecnológico, Massimo Di Felice afirma:

“A possibilidade de transferir informações de textos, imagens, sons, e de instaurar relações e práticas virtuais além do sentido do lugar, nos traslada de formas do habitar sedentárias ou nômades, isto é, baseadas na centralidade do sujeito, para formas “exotópicas” e transorgânicas da existência, surgidas da queda de confins entre corpo e máquina, sujeito e objeto, identidade e alteridade.”
(DI FELICE, 2005, p. 7)

Lemos, ao apresentar algumas outras características da cibercultura, nos traz exemplos desses novos modos de estar no mundo:

“O que vemos nas diversas manifestações da cibercultura é uma apropriação de imagens, de obras através de colagens, de discursos não lineares, um verdadeiro *zapping* e *hacking* daquilo que Debord chamou de sociedade do espetáculo. Os exemplos são numerosos: o neo-paganismo dos *zippies*, o faça você mesmo dos *cyberpunks*, a criptografia cara dos *cyberpunks*, o ativismo dos hackers e a violência dos crackers, os fanáticos dos jogos eletrônicos, o

isolamento dos *otakus* japoneses, os delírios das raves e da realidade virtual, a arte eletrônica, a moda sintética ou *ciber-fashion*, os transumanistas extropians ...”
(LEMOS, 2002, p. 21)

E Di Felice (2008), sublinha que a construção de um social em rede, proporcionado em grande medida pelas novas tecnologias midiáticas, nos força a repensar as dinâmicas sociais:

“A construção de um social em rede, caracterizado por circuitos informativos interativos, obriga-nos a repensar as formas e as práticas das interações sociais fora da concepção funcional estruturalista, baseada em relações comunicativas analógicas. O próprio papel da tecnologia comunicativa no interior das relações sociais deve ser completamente repensado. As fórmulas da sociedade de massa, baseadas na distinção identitária entre emissor e receptor, entre empresa e consumidor, entre instituições e cidadãos, entre público e privado, não conseguem mais explicar a complexidade das interações sociais nem as formas do habitar metageográficas contemporâneas.”
(DI FELICE, Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In Do público para as redes, pp. 23 e 24)

O fato é que estas transformações sociais são sintomas da crescente fragilização da “Ordem do Livro” (SANTOS, 2005), cuja cultura está relacionada à escrita e à imprensa.

Na esfera política, essa ‘Ordem’ expressa-se através da democracia representativa. E, como observa Santos (2005), com o advento das novas tecnologias, a estrutura hierárquica e causal desse tipo de democracia – propiciada pela relativa estabilidade das relações de forças – passa a entrar em contradição com a nova e complexa realidade tecno social. Tal realidade tende a inviabilizar a estruturação hierárquica e centralizada das instituições, organizações e movimentos tipicamente modernos, da “ordem do livro”. As formas tradicionais de democracia baseadas na representação e intermediações (por períodos duradouros), tendem a se demonstrar incapazes de absorver e canalizar as complexas dinâmicas em constante mutação.

“A perda de importância das organizações políticas gerais, que já vem ocorrendo, não significa, ao contrário do que dizem alguns, uma despolitização da sociedade. A prática política em um sistema complexo busca outros canais e se cola mais à dinâmica cotidiana. Ela se desloca para o terreno onde a política se materializa, isto é, no nível local, entendido como prática específica e não como algo especial. Neste “*locus*” é que os conflitos e interesses concretos tendem a desenvolver e ser negociados. (...) Neste quadro, as novas tecnologias, ao mesmo tempo em que aprofundam a

complexidade, viabilizam a criação de novos tipos de DIVs¹⁶ mais adaptados à suas dinâmicas. A diferença dos DIVs anteriores, estruturados a partir da imprensa, é que as novas tecnologias viabilizam sistemas complexos, descentralizados e interativos, onde o centro se desloca de uma para outro ponto, a cada momento, dependendo dos processos e relações entre os diferentes agentes que se desenvolvem e se modificam constantemente.

Estes sistemas podem incorporar diferentes espaços e tempos e diferentes culturas. Enquanto nos sistemas simples a emulação se verifica pela competição e concorrência, nos sistemas complexos ela é emulada pela cooperação. (...) Processos emergentes, criados por sociedades cada vez mais complexas, com suas características de auto-organização, entram em contradição com a dinâmica centralizada e hierarquizada das estruturas políticas da democracia representativa, originando graves crises, com confrontos e alternância entre processos de cima para baixo e processos emergentes.”

(SANTOS, 2009, pp. 10 e 11)

Para Santos, as novas tecnologias midiáticas possibilitam novas formas de organização que abarcam a mais ampla diversidade, assim como permitem a convergência de diferentes dinâmicas – até mesmo aquelas contraditórias. Porém, estas novas formas de organização social e ação política, ainda segundo Santos, não se assentam mais sobre estruturas hierarquizantes e centralizadoras, mas sim ganham a forma de redes. Redes que são suficientemente flexíveis para absorver diferenças e contradições e promover conjunções de interesses, de forma a “*constituir ações políticas muito superiores às forças que lhe deram origem*” (SANTOS, 2009).

Também Castells identifica o campo da comunicação e informação como fonte primordial “*do poder e do contra-poder, da dominação e da mudança social*” (CASTELLS, 2007). Para ele, isso se dá na medida em que a verdadeira luta social é a luta pela mente das pessoas, uma vez que o modo como as pessoas pensam determina o destino das normas e

16 Dispositivo de Interação Virtual é como alguns autores se referem às mídias – desde um periódico até à internet –, que estabelecem relações virtuais entre as pessoas. Apesar de, a princípio, tratar-se de uma visão bastante instrumental dos suportes midiáticos, Santos acaba por construir sua análise demonstrando a fundamental relação entre mídia, ou DIV, e as formas de organização social. Como ele coloca em sua análise, “o *'Periódico para Toda Rússia'*, proposto por Lênin, é um dispositivo específico capaz de construir o Partido. E este Partido guardará uma similitude de estrutura e de características com o sistema e os fluxos de informação que serão criados por tal dispositivo. Como o jornal (broadcast – de um para muitos), ele constrói relações centralizadas e hierarquizadas, de cima para baixo (ainda que pretenda também originar um feedback), através de uma cadeia de organismos que *'representam'* e acionam os níveis inferiores” (SANTOS, 2009, pp. 4 e 5). Portanto, mais que um simples dispositivo, ou instrumento, as mídias acabam por serem determinantes para o modo como o Homem se organiza socialmente. Poderíamos dizer que os dinamismos sociais não dependem apenas de aspectos socioculturais, mas também de produtos técnicos, como as tecnologias midiáticas (DI FELICE, 2008)

valores sobre os quais as sociedades são construídas.

O sociólogo espanhol entende que a difusão da internet, das tecnologias da mobilidade e das mídias digitais acaba por conduzir a sociedade para dinâmicas organizacionais em forma de redes horizontais de comunicação interativa que conectam o local e o global ao mesmo tempo. Ao apropriarem-se dessas novas tecnologias, as pessoas podem construir seu próprio sistema de comunicação de massa através de SMSs, blogs, canais de vídeos, fotoblogs, podcasts, wikis, redes p2p, etc. É o que ele chama *mass self-communication* (CASTELLS, 2007).

Para Castells, essa *mass self-communication* é um modo extraordinário para movimentos sociais e indivíduos construírem sua autonomia e confrontarem as instituições sociais a partir de seus próprios termos e seus próprios projetos (CASTELLS, 2007).

Neste mesmo artigo, de 2007, Castells ratifica que a tecnologia não é simplesmente uma ferramenta, “*é um meio, é uma construção social, (...) Além disso, o desenvolvimento da tecnologia de self-communication é também um produto de nossa cultura, uma cultura que enfatiza a autonomia individual e a autoconstrução do projeto do ator social*”.

Pois é essa autonomia do indivíduo aliada a interatividade digital que estabelecem possibilidades descentralizadoras do poder (LEMOS, 2002). No social em rede não há um centro e, logo, também não há o seu análogo contrário, a periferia. Aliás, essas percepções sobre o espaço e sobre o tempo também são alteradas pelas novas tecnologias.

“Com a cibercultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental.”
(LÉMOS, 2002, p. 77)

Porém, como o próprio Lemos afirma, tanto essa conectividade generalizada, quanto essa instantaneidade das mídias pessoais, não estão isentas de críticas.

Jean Baudrillard, Paul Virilio e Lucien Sfez parecem concordar que a comunicação fica impossibilitada diante dos excessos: excesso de informações, excesso de velocidade, excesso de tecnologias midiáticas.

Para Baudrillard, as tecnologias midiáticas digitais propiciam uma mera circulação de informações, de tal modo que ao invés de nos comunicarmos e criarmos interações,

estariamos nos permitindo apenas simulações: simulações de comunicação, simulações de interações. Assumimos o hiper-real em detrimento do real. Vivemos simulacros de realidade.

Já Virilio enxerga o excesso de velocidade, caracterizado pelo imediatismo das novas tecnologias midiáticas, como elemento comprometedor da reflexão que deve caracterizar a comunicação. Virilio chega a falar em 'industrialização do esquecimento', uma vez que frente às tecnologias midiáticas os indivíduos tornam-se receptores de uma interminável sequência de estímulos que geram respostas fragmentadas e apreensões parciais das situações.

Sfez, por sua vez, decreta o fim da comunicação, a qual morre justamente pelo excesso de comunicação. Isso acontece na medida em que esse excesso conduz a um processo de repetição e isolamento patológicos, que Sfez chama tautismo (termo que surge da junção entre tautologia e autismo).

Em suma,

“No imaginário tecnológico moderno, do qual Sfez, Baudrillard e Virilio são os herdeiros mais famosos, toda a vida social está fechada em um sistema técnico. Toda vida social é homogeneizada pela razão tecnocrática. A Escola de Frankfurt criticou, de forma oportuna, o caráter homogeneizante da tecnologia e dos media, assim como o perigo da vinculação entre tecnologia e poder. Os elementos vitais de uma sociedade (a orgia, a violência, a comunidade, o jogo agonístico) seriam eliminados pela razão científica instrumental e pelo totalitarismo de desempenho tecnológico.”
(LEMOS, 2002, p. 83)

Porém, continua Lemos,

“Esta cibercultura, a que existe e está ancorada no dia a dia, não se vê na metáfora da sociedade Frankstein, tautística como pretende Sfez. Ela não é representada também pela sociedade onde a comunicação desaparece através de seus excessos comunicativos e sociais, como afirma Baudrillard. Ela está ainda distante da constituição de uma civilização do esquecimento, como mostra Virilio. Embora os perigos visualizados por estes pensadores sejam reais, a cibercultura contemporânea parece ser, hoje, irreduzível a esta visão.”
(LEMOS, 2002, pp. 83 e 84)

E

“A cibercultura, como arquétipo do *hacker-cyberpunk*, substitui a tecnocultura moderna com o seu *especialista-cybernanthrope*. Hoje, ao contrário do que acreditam pensadores de renome como Virilio e Baudrillard, não existe um

sistema tecnológico que aniquile a vida social. É a rua que vai dar forma ao novo sistema técnico da cibercultura. Esta é a expressão do uso subversivo da tecnologia e, conseqüentemente, produto de uma atitude ativa em relação aos dispositivos técnicos.”

(LEMOS, 2002, p. 34)

Enfim, ao concluirmos este primeiro capítulo, reforçamos nossa visão de que perspectivas que põem em oposição tecnologia e cultura não se sustentam quando colocadas à prova do dia-a-dia da vida social. Aliás, melhor seria dizer vida tecno-social.

“Podemos transferir o conceito de obra aberta¹⁷ para a sociedade mediada pelas tecnologias digitais e auto constituintes através das redes tecno-sociais colaborativas de decisão: uma sociedade sem Deus nem verdades, mas em devir e, sobretudo, a código aberto, isto é, visível e transparente e aberta à participação de todos.”

(DI FELICE, 2008, p. 57)

Nosso esforço por todo este capítulo foi o de tentar demonstrar através de uma perspectiva histórica a profunda relação existente entre as transformações tecno-midáticas e as transformações no modo como o homem se relaciona com o mundo, reverberando pelas diversas instâncias sociais. Um esforço construído através de momentos de colagens esquizofrênicas no diálogo com autores e de momentos de reflexão surgidos ali e acolá: situação que em alguma medida reflete o estar-no-mundo destes tempos. Um estar-no-mundo híbrido, surgido da simbiose entre homem e tecnologia, tecnologia digital.

E neste ponto resgatamos Galimberti, que já no início de sua obra 'Psiche e Techne: o Homem na Idade da Técnica', chama a atenção para necessidade de

“(…) acabar com as falsas inocências, com a fábula de técnica neutra, que só oferece meios, cabendo depois aos homens empregá-los para o bem ou para o mal. A técnica não é neutra, porque cria um mundo com determinadas características com as quais não podemos deixar de conviver e, vivendo com elas, contrair hábitos que nos transformam obrigatoriamente. De fato, não somos seres imaculados e estranhos que às vezes se servem da técnica e às vezes dela prescindem. Pelo fato de habitar um mundo em que todas as

17 O autor se refere ao conceito de Umberto Eco, para quem 'obra aberta' é “*uma categoria mais restrita de obras que, para suas capacidades de assumir diversas e imprevisas estruturas fisicamente inacabadas, podemos definir como obras em movimento (...) - obras nas quais o receptor colabora efetivamente para uma criação do objeto estético*”. (ECO, 1974, p. 39 APUD DI FELICE, 2008, p. 57)

suas partes estão tecnicamente organizadas, atécnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é o nosso ambiente, onde fins e meios, escopos e idealizações, consultas, ações e paixões, inclusive sonhos e desejos, estão tecnicamente articulados e precisam da técnica para se expressar.”
(GALIMBERTI, 2006, p. 8)

Daí que no âmbito das novas tecnologias midiáticas, o social que surge é um social digital. Um social que para além da multiplicação de vozes, caracteriza-se por ser uma realidade híbrida e em constante mutação. Uma realidade protéica¹⁸ (DI FELICE, 2007, p. 9), na qual o social “*deixa ser um conjunto de estruturas comunicantes para se tornar o espaço de atuações múltiplas*” (DI FELICE, 2007, p.9). Um espaço cuja dinâmica se dá através da lógica das redes. É esse o espaço que habitamos na contemporaneidade.

¹⁸ O autor se refere à identidade de Proteus, personagem mítico do mundo grego que modificava continuamente a própria identidade e a própria forma para desorientar os seus interlocutores

II- Redes

“Onde quer que encontremos sistemas vivos – organismos, partes de organismos ou comunidades de organismos – podemos observar que seus componentes estão arranjados à maneira de rede. Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes. (...) O padrão da vida, poderíamos dizer, é um padrão de rede capaz de auto-organização.”

(CAPRA, 2001, pp. 77 e 78)

A metáfora da máquina sempre caracterizou a sociedade industrial. Máquina como meio de fabricar um determinado produto, de atingir um determinado objetivo, de se chegar a um determinado fim. Um dos maiores símbolos da racionalização do tempo, da energia, do movimento.

Já na sociedade pós-industrial, as metáforas da máquina dão lugar às metáforas da rede. Nesta época, quase tudo formado por um conjunto de elementos que se encontram dispersos geograficamente e que mantêm algum tipo de conexão é chamado de rede. São redes de lojas, redes de infraestrutura, redes de colaboradores (muitas vezes utilizado como eufemismo para designar empregados de uma empresa), redes de ensino, entre outras redes.

Esta concepção mais primária de rede, que leva em conta apenas a quantidade de elementos, sua dispersão espacial e interconexão, por vezes limita um entendimento mais abrangente sobre o conceito. Desse modo, muitos arranjos que *strictu sensu* não são redes, assim são chamados.

E justamente buscando uma compreensão mais abrangente sobre o conceito de rede, começamos resgatando a citação inicial deste capítulo, na qual Capra (2001) apresenta o padrão da vida como “*um padrão de rede capaz de auto-organização*” (p. 78).

“Quando se pensa em organização é muito comum associar essa ideia a um jeito “certo” de dispor os elementos, a uma ordem finalística. Um sistema organizado seria, nessa acepção, aquele que encontrou a sua maneira correta de funcionar. Mas num sistema como a rede, que é fruto da autorregulação, das idas e vindas de arranjos e ajustes recíprocos, a organização é sempre um processo, nunca um estado final, No momento em que encontrou uma “maneira correta de funcionar”, o sistema depara-se com uma outra maneira e, mais adiante, com uma outra, uma outra e outra ainda. (...) Sua ordem é móvel e estável. Nesse sentido, ao falarmos de rede, o termo “organização” deve ser entendido sempre como uma ação de organizar, uma ação de criação de ordem, nunca como um resultado pronto e acabado.”

(MARTINHO, 2003, p. 42)

Assim, o que podemos afirmar é que, antes de mais nada, rede é uma forma de organização, de auto-organização, um padrão altamente dinâmico de relações entre os elementos. E por ser dinâmico, não é um padrão linear, unidirecional. Como também afirma

Capra,

“A primeira e mais óbvia propriedade de uma rede é a sua não linearidade – ela se estende em todas as direções. Desse modo, as relações num padrão de rede são relações não lineares. Em particular, uma influência, ou mensagem, pode viajar ao longo de um caminho cíclico, que poderá se tornar um laço de realimentação.”

(CAPRA, 2001, p. 78)

E ele continua:

“Realmente, a auto-organização emergiu talvez como a concepção central da visão sistêmica da vida, e, assim como as concepções de realimentação e autorregulação, está estreitamente ligada a redes.”

(CAPRA, 2001, p. 78)

Aliás, o pensamento sistêmico de Capra também nos ajuda a pontuar outras importantes características do arranjo em rede.

“Desde que os sistemas vivos, em todos os níveis, são redes, devemos visualizar a teia da vida como sistemas vivos (redes) interagindo à maneira de redes com outros sistemas (redes). (...) Em outras palavras, a teia da vida consiste de redes dentro de redes. Em cada escala, sob estreito e minucioso exame, os nodos da rede se revelam como redes menores. Tendemos a arranjar esses sistemas, todos eles aninhados dentro de sistemas maiores, num sistema hierárquico, colocando os maiores acima dos menores, à maneira de uma pirâmide. Mas isso é uma projeção humana. Na natureza não há 'acima' ou 'abaixo' e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de redes.”

(CAPRA, 2001, pp. 44 e 45)

Não há hierarquia na rede. Esta isonomia entre os elementos arranjados em rede são a base de uma auto-organização *co-ordenada* por todos.

Já este 'aninhamento' de redes dentro de redes, de que fala Capra, nos faz dar conta de uma outra característica das redes, sua multidimensionalidade. Entretanto, é preciso cuidado com a expressão utilizada por Capra, pois quando ele diz que “*há somente redes aninhadas dentro de redes*”, podemos ter a falsa ideia de que estas redes estão de alguma forma fechadas. O que não é verdade. Redes são sistemas abertos e isso parece ser verdade tanto para os sistemas vivos analisados por Capra quanto para as redes sociais, que estão mais próximas da realidade deste trabalho (MARTINHO, 2003). A própria multidimensionalidade e a não linearidade da rede dependem desse caráter aberto do sistema. Aliás, é também esse caráter aberto que possibilita a transitividade entre redes, muito comum no caso das redes sociais.

“Ao apertar a mão de alguém, de qualquer pessoa até então desconhecida, mesmo numa situação de proximidade territorial ou social, uma pessoa virtualmente liga duas terras estranhas, instalando caminhos ou pontes para a

passagem de outras conexões e redes. A esse processo dá-se o nome de transitividade¹⁹.”

(MARTINHO, 2003, p. 30)

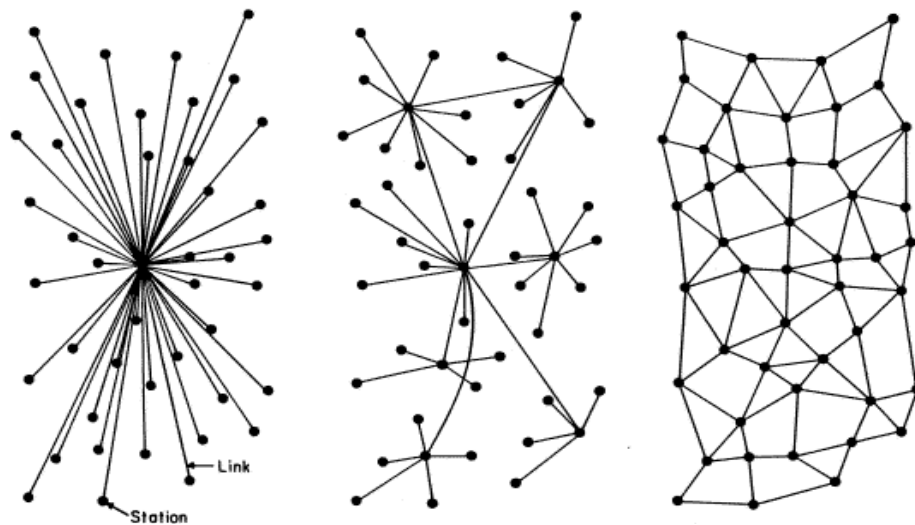
Enfim, redes são multidirecionais, multidimensionais, não lineares, não-hierárquicas, abertas, dinâmicas. Não comportam, portanto, um centro, ou vários deles. E se não há centro, não há periferia.

1 – A Estrutura das redes: uma concepção matemática

“O poder da rede advém dessa propriedade de multiplicação inerente ao processo de fazer conexões, representado aqui pelo fato de que cada linha pressupõe dois pontos e de que cada ponto pode estar na origem de uma infinidade de linhas. Tal capacidade de multiplicação das linhas pelos pontos é o que produz a aparência intrincada de malha da rede e confere complexidade ao seu desenho. Porém, de nada adianta para rede a existência de um grande número de pontos sem que estejam acompanhados de um considerável número de linhas. Muitos pontos pouco interligados têm menos qualidade de rede do que poucos pontos profundamente conectados. A medida da rede é o número de conexões, não de pontos.”

(MARTINHO, 2003, p. 19)

Os estudos sobre redes não são algo novo. Dos primeiros estudos, começamos com o trabalho do engenheiro polonês, radicado nos E.U.A., Paul Baran. No início da década de 1960, auge da guerra fria, Baran foi incumbido de realizar estudos sobre redes de comunicação distribuídas, capazes de manter a comunicação do país no caso de um ataque inimigo. Nestes estudos ele identificou três tipos de estruturas por ele chamadas de redes.



Da esquerda para a direita: I – Centralizada ; II – Descentralizada ; III – Distribuída

¹⁹ Transitividade é um conceito da Teoria dos Grafos, a disciplina matemática que estuda os princípios de configuração das redes aleatórias.

Porém, levando em conta as características de uma rede, conforme vimos acima, apenas a estrutura 'distribuída' pode, em nosso entendimento, ser considerada efetivamente como rede. É claro que devemos atentar para o fato de que estas topologias de redes propostas por Baran foram pensadas a partir de sistemas de infraestrutura de comunicação, isto é, estruturas fixas que estão distantes de possuírem a complexidade e dinamismo de um grupo social. Mesmo assim, a topologia de Baran é ainda bastante utilizada para o estudo de redes sociais, principalmente no que se refere à sua dinâmica de circulação de informações.

Antes de Baran, na década de 1950, outros pesquisadores já trabalhavam sobre o tema redes. Raquel Recuero, ao compor um rico cenário acerca dos estudos sobre redes, nos ajuda a traçar um panorama dos modelos de análise propostos por vários pesquisadores.

“Os primeiros passos da teoria das redes encontram-se principalmente nos trabalhos do matemático Euler que criou o primeiro teorema da teoria dos grafos. Um grafo é uma representação de um conjunto de nós conectados por arestas que, em conjunto, formam uma rede. (...) A abordagem das redes percebe sua natureza através de três princípios fundamentais (THACKER, 2004, p.5)²⁰: a) a conectividade (“*everything is connected, nothing happens in isolation*”); b) a ubiquidade (“*connectedness happens everywhere, and it is a general property of the world*”); e c) a universalidade (“*networks are universal and their general abstract properties can explain, describe and analyse a wide range of phenomena*”). Através da proposição de modelos de análise (como o modelo de “redes igualitárias” de Erdős e Reyni; modelo de “mundos pequenos” de Watts e Strogatz; ou o modelo de “redes sem escalas” de Barabási e Albert, por exemplo), seus teóricos clamam pela aplicabilidade destes em todos os campos da ciência, como formas de compreender os “padrões de rede”, de um modo especial, à própria internet e às redes sociais que ali se constituem.”

(RECUERO, 2005, pp. 2 e 3)

Esses autores apresentados por Recuero trabalham a questão das redes com uma abordagem essencialmente matemática, tendo os grafos como elemento central a partir do qual as análises são construídas. Grafos que são um conjunto de vértices que se ligam por meio de arestas, ou seja, um conjunto de nós e suas conexões.

No modelo de redes igualitárias, Erdős e Reyni propõem que a formação dos grafos se

²⁰ THACKER, Eugene. *Networks, swarms and multitudes*. Publicado em Ctheory, disponível em <http://www.ctheory.net/text_file.asp?pick=422> e <http://www.ctheory.net/text_file.asp?pick=423>. Publicado em 18/05/2004. Acessado em 06/05/2010

dá de maneira randômica, isto é, os nós da rede vão se agrupando de maneira aleatória, de tal forma que a rede daí formada contaria com nós com mais ou menos a mesma quantidade de conexões. Isto significa dizer que de acordo com o modelo de redes igualitárias cada um dos nós tem a mesma probabilidade de estabelecer conexões. Este modelo está bem próximo da rede distribuída pensada por Baran (RECUERO, 2009).

Já o modelo de “mundos pequenos” fundamenta-se em um modelo matemático no qual, dado um número de mil conhecidos por pessoa, em toda população mundial, pode-se traçar o caminho entre um par de pessoas passando por apenas dois conhecidos de ambos (RECUERO, 2009). No âmbito das redes sociais, Milgram²¹ realizou em 1956 a conhecida experiência dos seis graus de separação entre as pessoas, recentemente popularizada com o advento das plataformas para redes sociais na internet como o Facebook, Orkut, MySpace, etc. Experiência que em 2003 serviu como base para os pesquisadores Duncan Watts e Steven Strogatz. Utilizando a internet ao invés das cartas, Watts e Strogatz chegaram a um resultado bem próximo ao de Milgram.

Além de Milgram, Watts e sua equipe também se basearam nos trabalhos do sociólogo Mark Granovetter. Em seu trabalho, Granovetter concluiu que para a manutenção e ativação das redes sociais os laços fracos da rede são muito mais importantes que os laços fortes. Isso acontece na medida em que os laços fortes encontram-se normalmente entre pessoas de um mesmo grupo social, já altamente conectado, e os laços fracos são os elos que interconectam esses grupos. Sem os laços fracos os grupos permaneceriam isolados e perderiam a característica de redes (RECUERO, 2009).

Dessa forma, Watts e Strogatz

21 Stanley Milgram, psicólogo, professor da Universidade de Harvard, conduziu a experiência dos pequenos mundos (a fonte do conceito dos seis graus de separação) e a Experiência de Milgram sobre a obediência à autoridade.

Segundo a teoria dos seis graus de separação, que nos interessa aqui, são necessárias no máximo seis laços de amizade para que duas pessoas quaisquer estejam ligadas. No estudo, feito nos Estados Unidos, buscou-se, através do envio de cartas, identificar o número de laços de conhecimento pessoal existente entre duas pessoas quaisquer. Cada pessoa recebia uma carta identificando a pessoa alvo e deveria enviar uma nova carta para a pessoa identificada, caso a conhecesse, ou para uma pessoa qualquer de suas relações que tivesse maior chance de conhecer a pessoa alvo. A pessoa alvo, ao receber a carta, deveria enviar uma carta para os responsáveis pelo estudo. Das 160 cartas inicialmente enviadas, 42 chegaram ao seu destino tendo passado, pelos cálculos de Milgram, pelas mãos de, em média, 5,5 intermediários.

Em 2003, uma equipe coordenada pelo pesquisador Duncan Watts, da Universidade de Columbia, divulgou um estudo realizado para tentar por a prova as teses de Milgram. O convite foi colocado na internet. Cerca de 61 mil internautas, de 166 países, participaram da experiência, tentando contatar uma entre 18 pessoas escolhidas como alvo por Watts. A regra do jogo era similar à empregada por Milgram, em 1967. Desta vez, porém, os voluntários deveriam enviar e-mails a pessoas conhecidas de modo a fazer chegar a mensagem ao alvo estabelecido. A pesquisa revelou que, em média, foram necessários entre cinco e sete intermediários para que o alvo fosse contatado, um número bem próximo ao que Milgram identificara 35 anos, sem a internet.

“descobriram que as redes sociais apresentavam padrões altamente conectados, tendendo a formar pequenas quantidades de conexões entre cada indivíduo. Eles criaram um modelo semelhante ao de Érdos e Reyni, onde os laços eram estabelecidos entre as pessoas mais próximas e alguns laços estabelecidos de modo aleatório entre alguns nós transformavam a rede num mundo pequeno (Watts, 2003, 1999). Esse modelo demonstraria que a distância média entre quaisquer duas pessoas no planeta não ultrapassaria um número pequeno de outras pessoas, bastando que alguns laços aleatórios fossem acrescentados entre os grupos.”

(RECUERO, 2009, p. 63)

Neste ponto aproveitamos para abrir um breve parêntese e destacar uma importante característica das redes, que surge para nós a partir da discussão desse modelo.

Através desses atalhos das redes, a surpresa que muitas vezes é gerada por conta desta “pequenez do mundo” também nos faz dar conta de como podemos contar com uma multiplicidade de caminhos para se chegar a determinado ponto, a determinada pessoa.

“(…) a multiplicidade de caminhos no âmbito da rede é a garantia da liberdade de estabelecer conexões. Da mesma forma, ela é o que impede o desmantelamento da rede quando da perda de contatos. A multiplicidade de caminhos promove o fenômeno regenerativo das redes: quando pontos são suprimidos ou conexões desaparecem, o sistema reorganiza-se porque outras possibilidades de caminho existem.” (MARTINHO, 2003, p. 34)

Somos incapazes de conhecer todos os caminhos e toda a extensão das redes nas quais nos encontramos. Essa incapacidade nos remete àquilo que Gene Kan²², se referindo à rede *peer-to-peer* Gnutella²³, chamou de horizonte crítico, ou seja, conseguimos identificar apenas os pontos mais próximos de nós em nossas redes. Além da imensa extensão, também a transitividade e dinamicidade fazem com que uma enorme parte das conexões de nossas redes sejam inapreensíveis (MARTINHO, 2003).

Fechando o parêntese, seguimos com o modelo de redes sem escalas, de Barabási e Albert. Durante sua pesquisa, mapeando as conexões na internet, Barabási e seus colegas identificaram um padrão de conexões diferente do de uma rede aleatória.

22 KAN, Gene. Gnutella. In: ORAM, Andrew. Peer-to-peer: o poder transformador das redes ponto a ponto. São Paulo: Berkeley Brasil, 2001 APUD MARTINHO, 2003

23 Gnutella é uma rede de compartilhamento de arquivos usada principalmente para a troca de músicas, filmes e softwares. É uma verdadeira rede *peer-to-peer*, ou seja, opera sem um servidor central. Os arquivos são trocados diretamente entre os usuários. O programa cliente Gnutella conecta-se à rede e compartilha arquivos. As pesquisas são passadas de um nó para o outro circularmente. Clientes Gnutella estão disponíveis em várias plataformas. De acordo com o site de compartilhamento de arquivos Sklick.com (este site não existe mais), a Gnutella é a segunda rede de troca de arquivos mais popular da Internet, perdendo apenas para a eDonkey 2000. Fonte: Wikipedia, verbete Gnutella <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gnutella>>, acessado 09/06/2010, 17h25min.

“O primeiro problema da teoria dos mundos pequenos de Watts foi explicado por Barabási (2003, pp. 55 a 64) pouco tempo após a publicação do trabalho. Watts tratava as suas redes sociais como redes aleatórias, ou seja, redes em que as conexões era estabelecidas de modo aleatório, exatamente como Erdős e Reyni, anos antes.”
(RECUERO, 2009, p. 66)

“As redes sociais, portanto, não são simplesmente randômicas. Existe algum tipo de ordem nelas.”
(RECUERO, 2009, p. 63)

A pesquisa de Barabási e Albert mostrou que apenas 20% das páginas, ou nós, concentravam 80% das conexões, sendo que uma mínima parte, menos de 0,01% de todos os nós, tinha mais de mil links (BARABÁSI, 2003 APUD MARTINHO, 2003).

“Quando começamos a mapear a web, esperávamos que os nós seguissem uma distribuição em forma de sino, como no caso da altura das pessoas. Em vez disso, descobrimos alguns nós que desafiavam explicações evidentes (quase como se tivéssemos nos deparado com uma quantidade significativa de pessoas com 30 metros de altura), o que nos levou a criar o termo 'sem escala'.”
(BARABÁSI, 2003, p. 67 APUD MARTINHO, 2003, p. 40)

Esse padrão das redes sem escala também foi identificado em outros tipos de redes (metabólica, infraestrutura da internet, citações, etc) dando origem à lei de potência (*Power Law*). Barabási e Albert propõem em seu trabalho a lei de potência como uma propriedade geral das redes, abarcando, inclusive, as redes sociais. Indo de encontro aos modelos anteriores, os estudos das redes sem escala demonstraram que havia uma 'ordem' no processo de conexões e expansão de uma rede (RECUERO, 2009). Esse processo não era aleatório. Nos processos de crescimento das redes os nós 'hiper conectados' são preferencialmente 'escolhidos' para novas conexões: *rich get richer* – ricos ficam mais ricos. Aliás, como lembra Martinho, esses nós são muito importantes quando se pensa em processos de mobilização social:

“Tais nós são hiperconectores porque permitem o surgimento de inúmeras pontes entre outros nós da rede e contribuem ainda mais para a irradiação e o espraiamento da dinâmica da conectividade. (...) Essa abordagem dos nós hiperconectores revela-nos uma propriedade definitivamente poderosa da rede, em especial quando implicada em processos de mobilização social. (...) A hiperconectividade de tais pontos faz irradiar a ação da rede para todos os lados.”
(MARTINHO, 2003, p. 38)

Ao final, como ressalta Recuero (2009) todos os modelos apresentados podem ser em alguma medida encontrados nas redes. Porém, como todos os modelos que de alguma forma tentam enquadrar a realidade, também esses acabam sendo reducionistas. No caso específico das redes sociais, sua complexidade e dinamismo escapam de qualquer modelo.

“Embora em alguns estudos os modelos propostos revelem-se frutíferos para análise dos fenômenos sociais, questões essenciais permanecem. A abordagem, tal como proposta pelos autores, puramente estrutural e matemática dos fenômenos sociais, parece impedir que vários aspectos fundamentais sejam adequadamente compreendidos (PRIMO & RECUERO, 2003; RECUERO, 2004)²⁴. A perspectiva parece pressupor a conexão entre os atores de forma igual, sem salientar sua qualidade, sua profundidade e suas especificidades, que em redes sociais, pode fazer diferença. Sem levar em conta o custo do laço social e presumindo sua existência, os modelos podem levar a conclusões erradas quando aplicados diretamente para os sistemas sociais. Outro senão é a incapacidade dos modelos de observar os vários sentidos nos quais as relações sociais acontecem, como o contexto e o capital social gerado fazem parte de cada interação em uma rede social. Os modelos também falham em levar em conta essas diferenças.”
(RECUERO, 2005, p.3)

2 – Conexões ocultas: o acionamento das redes

“Redes, durante quase todo o tempo, são estruturas invisíveis, informais, tácitas. Elas perpassam os momentos da vida social, mas praticamente não se dão a ver – são o conjunto de “conexões ocultas”, como diria Capra; ou a “estrutura submersa”, nas palavras de Alberto Melucci. A noção de horizonte refere-se a essa incapacidade de se saber a extensão da rede para além de um certo ponto. Na prática social, cada uma das pessoas possui muitos círculos de relacionamento, mas não sabe quantos eles são ou como identificá-los. Na verdade, as pessoas, de modo geral, só vêm a rede quando precisam dela. (...) A rede aparece quando é acionada. Só este acionamento é capaz de revelar sua morfologia. A experiência de Milgram obteve sucesso pelo fato de estimular as pessoas a colocar em operação os processos de conexão social. (...) Havendo uma necessidade, uma missão e uma convocação, a rede se põe a funcionar, deixa de ser invisível e torna-se o insumo necessário para a ação.”
(MARTINHO, 2003, p. 39)

Apesar do conceito de rede social ter ganhado muito de sua notoriedade em tempos mais recentes, ele diz respeito a um fenômeno não tão novo assim. Afinal, desde os ajuntamentos ancestrais para a sobrevivência através de coletivos de caça, pesca e extrativismo, chegando até os ativismos contemporâneos, a organização social em redes sempre esteve presente na história humana, se caracterizando por ser o acionamento

24 PRIMO, Alex & RECUERO, Raquel. *Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipedia*. Revista da FAMECOS, Porto Alegre, v. 22, p. 54-65, 2003.
RECUERO, Raquel. *Teoria das redes e redes sociais na internet*. Trabalho apresentado no XXVII INTERCOM, na PUC/RS, Porto Alegre, Setembro de 2004.

temporário de 'nós' das redes de relacionamentos que se voluntariam para a ação, de forma a viabilizar ou potencializar empreitadas por determinado propósito comum.

E sobre essa dinâmica das redes sociais, precisamos sublinhar, ainda que com os riscos de uma forma simplificada, três aspectos sobre os quais nossa experiência tem demonstrado que as chamadas redes sociais planejadas²⁵ normalmente derrapam. E especificamos que esses são problemas das redes planejadas, porque a experiência também aponta para o fato de que no caso das redes sociais espontâneas²⁶ esses três aspectos parecem ser condição *sine qua non* para seu acionamento.

O primeiro desses aspectos é a voluntariedade para a ação.

“O que distingue a ação voluntária como categoria sociológica é a voluntariedade do vínculo social dentro do qual ela está inserida: a ação voluntária implica a adesão livre a uma forma de solidariedade coletiva e ao pertencimento a uma rede de relações da qual se participa por escolha. Outra característica é a gratuidade dos serviços oferecidos pela ação voluntária. Mas a gratuidade não diz respeito simplesmente ao fato de que não se tira benefícios econômicos diretos da própria ação. Na verdade, se tivermos, por exemplo, alguma ajuda voluntária e gratuita ao próprio vizinho para cultivar o jardim, essa ação é uma forma de solidariedade privada regulada por uma troca interpessoal. Para se falar de ação voluntária na gratuidade deve-se considerar a relação que liga os atores envolvidos na ação coletiva: a ação voluntária é caracterizada pelo fato de que os benefícios não constituem a base da relação ente os que dela participam, nem entre esses e os destinatários da ação.” (MELUCCI, 2001, p. 117)

Muitas das redes sociais planejadas têm grandes dificuldades para se efetivarem como redes de fato, primeiramente, porque, em várias situações, a decisão de aderir ou não ao acionamento da rede não é efetivamente voluntária. Nestes casos, acabam entrando em cena variáveis coercitivas, que quase sempre não são explicitadas, empurrando para a rede mesmo aqueles que no fundo não desejam ou não têm interesse em participar da ação.

Além disso, em várias dessas redes planejadas o cimento das relações acionadas são os benefícios indiretos a serem alcançados e não os propósitos compartilhados e seus benefícios diretos. Não são raros os casos em que indivíduos se engajam em uma rede pelas possibilidades que os contatos ali gerados podem trazer consigo, deixando em segundo plano

25 Em nosso entendimento, o que chamamos de redes sociais planejadas são aquelas redes pensadas, implementadas e acionadas geralmente por grupos ou movimentos sociais que atuam sobre questões mais complexas e que não se esvaziam com ações pontuais. Como exemplo temos as redes ambientalistas, redes de estudos acadêmicos, redes de mobilização política e social, etc.

26 Em nosso entendimento, o que chamamos de redes sociais espontâneas são aquelas redes normalmente acionadas, muitas vezes sem qualquer tipo de idealização prévia, a partir de fatos ou temas emergentes que conseguem aglutinar esforços para ações pontuais. Como exemplo temos as mobilizações através das *hashtags* do Twitter (*#iranelection*, *#forasarney*, etc), as diversas mobilizações que surgem na blogosfera, mobilização para doação de sangue para um amigo ou parente, etc.

o que deveria ser o propósito primordial. Em verdade, todos fazemos isso em algumas das inúmeras redes nas quais estamos entrelaçados. O problema para uma rede social planejada surge quando a maior parte de seus nós apresenta-se nessa condição: focando-se nas conexões em si e não no propósito fundador, que deveria ser compartilhado e agregador.

E isso nos leva ao segundo aspecto.

“O propósito (...) faz o papel de coordenação tradicionalmente desempenhado pelo comando e o controle centralizados. A força do propósito mantém a coesão entre os participantes (...), unifica elementos díspares, atuando como se fosse uma força centrífuga. O propósito substitui os adesivos tradicionais – por exemplo, a coerção hierárquica e as instruções escritas da burocracia (...). Diante de mudanças rápidas, os mecanismos tradicionais de controle causam tropeços. O propósito fornece contexto para a ação.”
(LIPNACK & STAMPS, 1994, p. 45)

Quando o propósito de acionamento da rede não é compartilhado por todos, a rede corre o risco de se descaracterizar como tal. Seja pela falta de coesão, seja pela necessidade de se impor algum tipo de coerção hierárquica, a rede desaparece ou dá lugar a um outro tipo de organização, hierarquizada.

Por fim, o terceiro aspecto diz respeito ao caráter temporário do acionamento da rede. Como afirma Martinho (2003), as redes são estruturas que permanecem invisíveis boa parte do tempo e só se fazem perceber quando acionadas. Porém, quando esse acionamento persiste para além da superação do propósito inicial, ou a rede acionada perde coesão ou se reconfigura ou busca novos contextos de ação ou ainda pode caminhar para a institucionalização / hierarquização das relações. E estes mesmos desdobramentos podem acontecer caso o propósito de acionamento da rede seja, por outro lado, uma questão complexa, que não se resolve com uma ação pontual. Aliás, no que diz respeito às redes planejadas, operar com propósitos complexos é a regra.

Nesse caso, a sabedoria que surge das experiências acumuladas com as dinâmicas das redes sociais indica que o propósito complexo e abstrato seja decomposto em propósitos simples e concretos, tantos quantos forem necessários para acionar redes sociais repletas de significados.

“Quando trabalhamos com os processos intrínsecos dos sistemas vivos, não temos de despender um excesso de energia para por a organização em movimento. Não há necessidade de empurrá-la, puxá-la ou forçá-la a mudar. O ponto central não é nem a força nem a energia: é o significado.”
(CAPRA, 2002, p. 123)

Entretanto, como retomaremos adiante, quando se trata de redes sociais digitais, o elemento tecnológico digital leva à abolição do tempo cronológico e linear (LEMOS, 2002), de tal forma que fica inviável até mesmo discutirmos a questão 'caráter temporário ou permanente' sobre qualquer rede que surja nesse contexto tecnológico. Isso significa dizer que a discussão sobre o acionamento das redes como tendo um caráter temporário, assim como seus desdobramentos, é válida num cenário analógico, não se aplicando no social digital.

Finalmente, é muito importante sublinharmos que não queremos nos fechar em categorias e regras. Fizéssemos isso, estaríamos incorrendo nos mesmos erros daqueles que criticamos por não considerarem o caráter extremamente dinâmico e complexo da realidade que emerge do dia-a-dia. Dizer, por exemplo, que existem redes planejadas e redes espontâneas é uma evidente simplificação que serve apenas como recurso para facilitar o entendimento e análise sobre algumas características que pinçamos da dinâmica das redes.

O nosso objetivo, portanto, com esse esforço de simplificação, é ressaltar o fato de que estamos permanentemente conectados a inúmeras redes sociais que permanecem submersas por entre as “*estruturas formais de organização*” (CAPRA, 2002) e que somente se dão a perceber parcialmente quando uma determinada configuração de “nós” é acionada por propósitos voluntariamente compartilhados. E num contexto de interatividade, aceleração e supressão do tempo e espaço, tal como os conhecemos na modernidade, característico das redes digitais, nossa conectividade e, por consequência, as possibilidades de acionamento são extremamente potencializadas.

3 – Das redes sociais para a sociedade em rede

“Tais redes que, anteriormente, emergiam do relacionamento entre os atores sociais e das situações políticas que exigiam resposta coletiva, mas que mantinham uma existência episódica, transformaram-se, propriamente, numa das principais formas de organização permanente desses novos movimentos sociais. Uma multifacetada constelação de redes de ONGs, pessoas e grupos de afinidade em cada uma das áreas da ação política e social humana – educação, saúde, cultura, assistência social, meio ambiente, gênero, defesa de direitos e economia solidária, entre outros – passou a existir. Embora grande parte das articulações seja informal ou dependa da temperatura política para fomentar a mobilização coletiva, elas subsistem por longos períodos de tempo como instrumento de organização das lutas. As redes tornaram-se a principal forma de expressão e organização coletiva, no plano político e na articulação de ações de grande envergadura, de âmbito nacional ou internacional, das ONGs e dos novos movimentos sociais.”

(MARTINHO, 2003, P. 11)

No campo teórico, é nos anos 1960 e 1970 que são produzidas as primeiras pesquisas

antropológicas e sociológicas voltadas à análise das redes sociais, utilizando uma perspectiva distinta daquela lógica matemática anterior, porém ainda considerando as relações como representações estáticas. Essas análises consideram as redes para além das relações numéricas de conexão e expansão e pensam as redes sociais como uma forma alternativa de organização política e social. Nos trabalhos da chamada Escola de Manchester, principalmente com Max Gluckman e J. Clyde Mitchell, a prática de pesquisa consistia na observação dos atores sociais, seus papéis e suas ligações como dimensões integradas num mesmo sistema (FARIA, 2008).

Também Recuero (2005c) afirma que a Análise de Redes Sociais, baseada na Sociometria e na Teoria dos Grafos (Degenne e Forsé, 1999; Scott, 2001 APUD RECUERO 2005c, p. 4), tem seus primeiros movimentos nas décadas de 1960 e 1970 (Wellmann, 1989 APUD RECUERO 2005c, p. 4). *“Dentro desta perspectiva, uma rede social é compreendida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões”* (Wasseman e Faust, 1994; Degenne e Forsé, 1999 APUD RECUERO 2005c, p. 4). Essas conexões são entendidas como os laços e relações sociais que ligam as pessoas através da interação social. *“Trata-se de uma intersecção entre os modelos estruturais funcionalistas e os modelos matemáticos”* (RECUERO 2005c, p. 4).

Os modelos matemáticos já os vimos anteriormente.

Já a concepção estrutural funcionalista, como ressalta Di Felice (DI FELICE, 2007), embora atribuída à obra de Talcott Parsons, tem seu primeiro indício na obra de H. Spencer, *“que sobrepondo arbitrariamente os conceitos evolutivo e sistêmico das ciências biológicas com as categorias sociais, passará a utilizá-los para a análise da sociedade”* (DI FELICE, 2007, p. 7). O estrutural funcionalismo foi desenvolvido por autores como E. Durkheim, A. Radcliffe-Brown e B. Malinowsky, construindo uma narrativa própria partir de três principais pressupostos:

“(...) em primeiro lugar aquele que descreve a sociedade como caracterizada pela composição de distintos setores interdependentes; em segundo, aquele que aponta para a existência de um estado de equilíbrio do organismo-sociedade e, em terceiro lugar, para o fato de que cada sistema (organismo) ao tender sempre em direção do nível de equilíbrio, tendência esta tida como algo natural.”
(DI FELICE, 2007, p. 7)

Além de T. Parsons, Recuero (2005c) recorda que o estudo e análise dos sistemas através de estrutura e organização também é encontrado em teóricos como Maturana, Varela e Galliano. De forma sintética, ela apresenta a estrutura como sendo aquilo que um grupo social

tem de mais permanente, implicando “*em uma certa sedimentação dos modos de agir e das relações sociais. Já a organização trabalha com as relações de um modo geral, ou seja, o conjunto de elementos que faz parte da estrutura*” (RECUERO, 2005c, p.5). Para Recuero, essas relações constituem-se na “*substância do extrato social*”. A estrutura, ao contrário, constitui-se naquilo que uma determinada sociedade possui para que seja considerada como tal.

Porém, diante da complexidade das redes sociais, Recuero traz a baila um outro elemento fundamental para o estudo e análise das redes:

“As redes adaptam-se e modificam-se com o passar do tempo, como observou Bertalanffy (1975) em relação aos sistemas, explicando que tratam-se de fenômenos processuais e históricos. A Cibernética também salientou essa característica demonstrando que os sistemas abertos perdem e adquirem energia do ambiente. Por isso, um modelo de rede que não leve em conta a dinâmica do sistema pode, invariavelmente, oferecer apenas uma 'fotografia' de um fenômeno (Thacker, 2004a), estanque e parado no tempo. Deste modo, não se pode analisar uma rede unicamente sob as dimensões de estrutura e organização, pelo simples fato de que seu pressuposto fundamental é sua mudança no tempo. É necessário, portanto, incluir um novo item à análise: a dinâmica dos processos da social.”
(RECUERO, 2005c, p.5)

Assim, para Recuero, “*a aplicação direta dos referidos modelos da “ciência das redes” para os sistemas sociais não é capaz de dar conta da integralidade desses objetos*” (RECUERO, 2005c, p. 4). Para a autora, embora em alguns estudos os modelos propostos revelem-se frutíferos para análises dos fenômenos sociais, questões essenciais permanecem.

“A perspectiva parece pressupor a conexão entre os atores de forma igual, sem salientar sua qualidade, sua profundidade e suas especificidades, que em redes sociais podem fazer a diferença. Sem levar em conta o custo do laço social e presumindo sua existência, os modelos podem levar a conclusões enganosas quando aplicados diretamente para os sistemas sociais. Outro senão é a incapacidade dos modelos de observar os vários sentidos nos quais as relações sociais acontecem, como o contexto e o capital social gerado fazem parte de cada interação em uma rede social. (...) Nota-se que enquanto a maioria dos problemas dos modelos teóricos da “ciência das redes” vem da falta de atenção para com a interação social, a abordagem sociológica supre esta lacuna com especial atenção para estrutura. Entretanto, a abordagem sociológica, por demais formal, tem dificuldades para observar o estudo da dinâmica dessas redes, considerando-as como isoladas no tempo e espaço.”
(RECUERO, 2005c, p. 4)

A partir desses elementos – organização, estrutura e dinâmica – apresentados como fundamentais para o estudo das redes sociais, Recuero (2005c, p. 15) identifica o que, no seu

entender, pode ser compreendido como parte de uma rede social e quais pontos deveriam ser levados em conta.

“(...) na organização, as interações gerais do grupo; na estrutura, os laços e o capital social, principalmente, embora outras características previstas nos modelos de Barabási e Albert (2003), Watts e Strogatz (Watts, 1999 e 2003) e Ęrdos e Rényi (Buchanan, 2002) possam ser encontrados; na dinâmica, os processos de cooperação, competição e conflito, agregação e ruptura e os comportamentos emergentes (auto-organização, adaptação, propagação de memes, etc).”
(RECUERO, 2005c, p. 15)

Na esteira desses estudos, porém com um olhar mais sistêmico, certamente a obra mais significativa é a de Manuel Castells e o volume *A Sociedade em Rede*. Para Castells, a “*network society*” é

“uma sociedade que se move da configuração substancialmente vertical das burocracias que governam a humanidade por milênios – exércitos, Estados, grandes empresas – para ir em direção a uma organização em rede. (...) O que muda, enfim, é a forma de produção.”
(CASTELLS, 2005 APUD MICONI, 2008, p. 153)

Ou, como explica Miconi (2008), a “*network society*” é a generalização de uma lógica em rede que substitui os tradicionais modelos verticais de domínio por um esquema horizontal.

“Do ponto de vista teórico a sociedade em rede é responsável pela superação da concepção estrutural funcionalista da sociedade, que por tanto tempo marcou explicitamente e implicitamente a nossa forma de pensar o social.”
(DI FELICE, 2007, p. 7)

E essa generalização das redes só é possível graças às novas tecnologias informacionais. Ou seja, Castells concebe a noção de rede atrelada à informação como fonte da estruturação social.

O “*ponto de virada*” para o surgimento dessa nova forma de produção está “*nos anos 70, quando o aceleramento da informática e as necessidades de relançamento devidas à crise econômica põem em movimento uma reestruturação do sistema que encontrará nas novas formas de comunicação um decisivo volante de desenvolvimento*” (MICONI, 2008, p. 152).

Assim, na visão de Castells,

“Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente

dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e a invalidação do tempo.”

(CASTELLS, 2000, p. 497)

Entretanto, em nosso entendimento, mais que “*instrumentos apropriados para a economia capitalista*” (CASTELLS, 2000), as redes e sua generalização através da sociedade implicam em novas formas de representar, compreender e se relacionar com o mundo. Novas formas que, como afirma Di Felice (2007), resultam em um social híbrido – homem e tecnologia – dinâmico e em contínuo devir, diante do qual o pesquisador deve ficar atento para que seu 'caminho para alcançar um fim' – *met hodos* – não se transforme num labirinto de anacronismos.

“O advento da sociedade em rede baseada em forma de comunicações interativas e, portanto, pós-analógica, nos abriga a pensar um social pós-estruturalista, onde os distintos setores, os diversos grupos, as instituições, as empresas passam a se sobrepor e a reinventar-se através da contínua interação e do contínuo acesso aos fluxos informativos. Um social dinâmico e em contínuo devir, algo diferente de um organismo fechado e delimitado feito de um conjunto de órgãos separados e interagentes, um social híbrido, perante o qual é necessário repensar o significado da estrutura e da ação social.”

(DI FELICE, 2007, p. 8)

4 – Redes sociais digitais

“O modelo informatizado (os outros dois são o massivo e o informal), cujo exemplo é o ciberespaço, é aquele onde a forma do rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A nova racionalidade dos sistemas informatizados age sobre um homem que não mais recebe informações homogêneas de um centro 'editor-coletor-distribuidor', mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada.”

(LEMOS, 2002, p. 85)

Em nosso entendimento, a atual emergência e disseminação generalizada desse tipo de organização em redes está intimamente relacionada à ascensão das novas tecnologias midiáticas, como vimos em capítulo anterior. Essas novas tecnologias promovem uma crescente autonomia dos indivíduos e a abolição do tempo linear e do espaço homogêneo (LEMOS, 2002), apontam “*para uma civilização da telepresença generalizada*” (LÉVY,

1999), assim como para o surgimento de ambientes interativos que favorecem a interconectividade, em detrimento ao isolamento (LÉVY, 1999). É, portanto, a conjunção desses fatores que parece garantir a permanência das redes sociais enquanto tal e sua disseminação como forma de co-ordenação social.

O que queremos dizer com isso é que em outras realidades tecnológicas a permanência das redes sociais no tempo e espaço, extrapolando os momentos de acionamento para ação, aos poucos verticalizava, enrijecia e institucionalizava as relações ali contidas. No âmbito do ciberespaço não mais podemos tomar o tempo como linear, logo, dizer que as redes sociais digitais são temporárias ou permanentes não cabe mais, simplesmente porque elas jamais chegam a um fim, na medida em que se resignificam em um movimento acelerado de contínuo devir.

Além disso, nesta nova condição tecno social o indivíduo não mais depende de um enquadramento institucional para continuar a defender seus propósitos. E os impactos desejados são até mesmo ampliados pela telepresença e conectividade generalizadas, as quais conduzem a uma autonomia individual para a ação.

E, sem dúvida, há também um ganho qualitativo no que se refere às possibilidades de inovação a partir do social em rede, justamente por sua dinamicidade.

“Numa cadeia de comando, ou numa burocracia, há uma rígida trajetória a ser cumprida por uma informação, uma ordem ou uma solicitação, por exemplo. Uma informação que se coloca na rede, por sua vez, pode se propagar em muitas direções diferentes, por vias diversas, muitas vezes insuspeitadas. A disponibilidade de múltiplos caminhos faz da rede uma espécie de terra fértil e generosa para o inusitado e a inovação.”
(MARTINHO, 2003, p. 33)

Desse modo, por exemplo, caso o grupo ativista no qual um determinado indivíduo está inserido passe a caminhar no sentido da institucionalização, podendo talvez transformar-se num partido político (apenas mais um exemplo), esse indivíduo pode, em não desejando tal caminho, desconectar-se de tal grupo e mesmo assim permanecer defendendo seus propósitos com a garantia de continuar com suas ações potencializadas, conectando-se com outros indivíduos, acionando outras redes, gerando tantas reverberações quanto se ainda fizesse parte do coletivo anterior, pois a tecnologia das *self mass media* (CASTELLS, 2007), o digital, permite que seja assim. Em outros momentos da História, apesar de poder renunciar aos caminhos do grupo, seu ativismo perderia o poder do coletivo.

Em tempo: nesse cenário, a crescente autonomia individual não deve ser confundida com individualismo, em seu sentido de isolamento em relação ao coletivo. Essa emergência

da autonomia individual se traduz justamente na aversão a formas de poder hierárquico e controle, podendo ser detectada no comportamento das chamadas gerações Y e Z²⁷. Já o individualismo, pensado como isolamento em relação ao coletivo, é impossível de ser cogitado num ambiente de redes, onde o contato com o outro, ainda que num espaço desterritorializado, é condição primordial.

Enfim, a partir da intensa interatividade proporcionada pelas tecnologias digitais, o nosso transitar pelas diversas redes nas quais estamos conectados se dá por meio de simples 'cliques' através dos inúmeros *hiperlinks* disponíveis. As possibilidades de acionamentos e articulações das redes vão se desdobrando, surgindo e desaparecendo por entre outros fluxos informativos, os quais, por sua vez, vão se reconfigurando através dos nossos tecno deslocamentos.

“As redes sociais digitais são o resultado das interações entre indivíduos, tecnologias e fluxos informativos, e nelas ocorre a manifestação de uma sociedade planetária que se expressa em um espaço público desterritorializado, estabelecendo uma interconexão interpessoal universal, sem mediação governamental, com liberdade de expressão e de associação com base em parâmetros partilhados por todos.”
(TORRES, 2008, p. 257)

Aliás, para Lévy (1999), o incremento dos fluxos informacionais e a tendência à interconexão, à qual estamos submetidos, induzem ao que ele chama de “*uma mutação na física da comunicação: passamos das noções de canal e rede a uma sensação de espaço envolvente*” (LÉVY, 1999, p. 127). Para ele, os veículos de informação não estariam mais no espaço, “*mas, por meio de uma espécie de reviravolta topológica, todo o espaço se tornaria um canal interativo*”.

“Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo de sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato.”
(LÉVY, 1999, p. 127)

Assim, seja através de nossos computadores, seja através de nossos celulares ou PDAs, nos colocamos em uma condição em que infinitas possibilidades de configurações de redes podem ser acionadas. Basta que durante nossa jornada através do universo de zeros e uns nos

27 A Geração Y, também referida como Geração millennials ou Geração da Internet, é um conceito em sociologia que se refere, segundo alguns autores, à coorte (conjunto estatístico) dos nascidos após 1980 e, segundo outros, de meados da década de 1970 até meados da década de 1990, sendo sucedida pela Geração Z. Fonte: Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Geracao_Y>, acessado em 20/07/2010.

encontremos com algum outro fluxo e que juntos geremos propósitos capazes de envolver nossas forças. Porém, isso somente se dá na medida em que abandonamos a passividade e assumimos os riscos de nos perdermos, de nos des-encontrarmos, a partir da interação com as interfaces²⁸ que vão se apresentando desde nossa simbiose com as plataformas tecno comunicativas.

“Na frente dos nossos computadores, ligados em redes, podemos nos comunicar somente se passamos a interagir com as nossas interfaces (mouse, teclados e redes em geral), num diálogo constante, onde é, de fato, excluído qualquer tipo de passividade e qualquer forma de nítida distinção entre o emissor e o receptor.

A construção de um social em rede caracterizado por circuitos informativos interativos nos obriga a repensar as formas e as práticas das interações sociais fora da concepção funcional estruturalista baseada em relações comunicativas analógicas; O mesmo papel da tecnologia comunicativa no interior das relações sociais deve ser completamente repensado, as fórmulas da sociedade de massa, baseada na distinção identitária entre o emissor e o receptor, entre empresa e consumidor, instituições e cidadão, não conseguem mais explicar a complexidade das interações sociais contemporâneas.”

(DI FELICE, 2007, pp. 2 e 3)

5 – Habitando redes: somos todos linhas

“A cultura da alta tecnologia desafia esses dualismos de maneira curiosa. Não está claro quem faz e quem é feito na relação entre o humano e a máquina. Não está claro o que é a mente e o que é o corpo em máquinas que se adentram em práticas codificadas. Tanto que nos conhecemos ... no discurso formal (por exemplo, a Biologia) e na vida diária (por exemplo, a economia caseira no circuito integrado), descobrimos que somos *cyborgs*, híbridos, mosaicos, quimeras. Os organismos biológicos se converteram em sistemas bióticos, em máquinas de comunicação com as outras ... Não existe separação ontológica, fundamental, em nosso conhecimento formal de máquina e organismo, do técnico e do orgânico.”

(HARAWAY, 1991, p. 173)

Nosso percurso até então tem procurado contemplar o entendimento sobre as redes não só em seu aspecto social, mas também em seu aspecto tecnológico. Elementos humanos e não-humanos que na contemporaneidade constituem as redes sociais digitais.

Neste ponto, visando aprofundar a discussão sobre essa relação simbiótica entre homem e tecnologia na constituição das redes, iremos iniciar nos referindo aos estudos Bruno Latour. Em nosso entendimento, a partir desse autor podemos analisar as redes digitais como produtoras de um significado híbrido de interação que une elementos orgânicos àqueles

²⁸ “Interfaces são as zonas fronteiriças sensíveis de negociação entre o humano e o maquínico, assim como o pivô de um novo conjunto emergente de relações homem-máquina” (SANTAELLA, 2003, p. 91)

inorgânicos, desenvolvendo as formas simbióticas características destas redes.

Inspirado pelos estudos de M. Serres e de G. Deleuze & F. Guattari, Bruno Latour “desenvolveu um conceito de rede baseado no conceito de rizoma, interpretando as formas da conexão, da heterogeneidade, da multiplicidade, da ruptura e da categoria como características das novas formas de sociabilidades digitais” (DI FELICE, no prelo).

Para Latour (1994, 2000), o social é uma rede heterogênea composta por atores sociais e por elementos tecnológicos, de tal forma que não deve ser pensada simplesmente como um conjunto de relações entre indivíduos.

“Distanciando-se da noção de rede produzida pela cibernética²⁹, Bruno Latour desenvolve a “teoria ator-rede”, que se propõe a pensar a realidade comunicativa nos contextos de rede, levando em conta as formas de hibridação. Mais que verdadeira e propriamente uma teoria, segundo Latour a teoria “ator-rede” é um método de estudo baseado nas noções de simetria e de tradução.”
(DI FELICE, no prelo)

A partir de tal teoria, Latour (1994, 2000) abre a possibilidade de pensar uma multiplicidade de atores participantes que efetivamente agem e compõem a rede através da circulação de alianças, de fluxos, dentro dos quais todos agem e recebem interferências constantes.

Latour (1994, 2000) utiliza a noção de ator – também utiliza o termo actantes – a partir de de uma perspectiva semiótica, na qual um ator ou actante é qualquer coisa ou pessoa que produza efeitos no mundo. Essa perspectiva é diferente daquela existente na sociologia tradicional, na qual a ideia de ator está relacionada com a noção de que a produção da ação se deva ao homem. Para Latour, o ator ou actante é justamente marcado pela heterogeneidade de sua composição, isto é, uma articulação entre elementos humanos e não-humanos em rede.

Não se trata, portanto, de uma visão antropocêntrica, que mesmo em McLuhan pensava as tecnologias informacionais apenas como instrumentos ou extensões do corpo humano. Trata-se de uma perspectiva na qual o homem renascentista deixa de ser a medida de todas as coisas: corpo, tecnologia e ambiente não estão mais separados (DE KERCKHOVE, 1997); “antes, interação continuamente, intercambiam informações – é uma ecologia cyborg” (TORRES, 2008, p. 277).

29 O termo “cibernética” vem do grego *kybernetiké* (timoneiro, ou aquele que dirige ou regula). O termo se difunde em seguida da publicação da obra “*Cibernética: o controle e a comunicação nos animais e nas máquinas*” do matemático Norbert Wiener, publicada em 1948. Wiener propunha uma nova ciência com o objetivo de compreender os fenômenos naturais e artificiais através dos estudos dos processos de comunicação e controle dos seres vivos, nas máquinas e nos processos sociais. (DI FELICE, no prelo)

“A imagem do *cyborg* pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas. Trata-se do sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia. (...) Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais.”

(HARAWAY, 1991, pp. 108 e 109)

Sob essa perspectiva de superação do antropocentrismo e de acolhimento de elementos não-humanos como integrantes ativos de nossas novas formas de estar-no-mundo, Santaella e Di Felice comentam

“Ao transgredir as fronteiras que separavam o natural do artificial, o orgânico do inorgânico, o ciborgue, por sua própria natureza, questiona os dualismos, evidenciando que não há mais nem natureza nem corpo, pelo menos no sentido que o Iluminismo lhes deu.”

(SANTAELLA, 2003, p. 187)

“(...) As formas experienciais das deslocções tecno comunicativas que criam e multiplicam espaços e materialidades eletrônicas socialmente ativas, tornam oportuno o surgimento de um novo léxico capaz de relatar as experiências sociais que se criam a partir das novas formas de superação de fronteiras entre o orgânico e o inorgânico. (...) Daí a necessidade, para alcançar as profundidades e as complexidades das transformações em ato, de ir além das antigas contraposições entre receptor/emissor, corpo/máquina, inteligências/sistemas informativos.”

(DI FELICE, 2005, p. 17)

Pois é neste contexto tecno humano que Di Felice indica o surgimento de uma nova forma do habitar, definida por ele como atópica, típica das redes sociais digitais.

“Esse 'habitar atópico' seria resultante de interações contínuas entre indivíduos, espaços e interfaces digitais e, por isso, mutável e caracterizado por 'pós-geografias informativas' envolventes, manipuláveis e dinâmicas, e por trânsitos do corpo na tecnologia e vice-versa, promovendo um tipo de 'habitat transorgânico', não-antropocêntrico, portanto, a ponto de não significar a projeção do sujeito sobre o espaço, nem a sua extensão e a reprodução da paisagem através da tecnologia. Surgem, assim, um tipo de habitar e uma sociabilidade tecnológica sem território.”

(TORRES, 2008, p. 241)

Assim, o habitar atópico, o habitar das redes digitais, representa uma forma desterritorializada de estar-no-mundo, que supera as antigas noções de barreiras físicas e fronteiras nacionais. Surge como nova realidade do sentido de lugar frente às outras formas de

habitar circunscritas ao território, que Di Felice apresenta como sendo o habitar empático³⁰ – no qual nossa relação com o território se dá através da escrita, projetamos o lugar em que vivemos, nossas comunidades, vilas, cidades – e o habitar exotópico³¹ – no qual nossa ligação com o território se dá através da mediação das tecnologias da eletricidade, tendo sido fundamental para a criação e consolidação do sentimento de pertencimento a uma nação, a um Estado Nacional.

Dessa maneira, a formação e a conexão em redes cívicas digitais parecem contrariar a concepção moderna ocidental do sujeito independente, 'emancipado'³², deslocando-o do pertencimento a um lugar, a uma nacionalidade, expropriando-o de uma soberania sobre o mundo e desprovendo-o da necessidade coercitiva de autossuficiência, permitindo que participe do móvel dos coletivos inteligentes, caracterizados pela criação e circulação de informações e conhecimentos entre multi indivíduos interconectados, transitando em paisagens informativas através da interação com interfaces comunicativas, formando redes de interesses comuns que atuam muito além das fronteiras nacionais, atendendo a necessidades de enfrentamento das questões globais que afetam o conjunto da humanidade abrindo para a constituição de novo sujeito – uma 'tecno sociedade', que habita 'atopicamente' os fluxos informativos das redes digitais.”
(TORRES, 2008. pp. 271 e 272)

Simbiose entre homem e tecnologia, desterritorialização, fluxos, articulações, movimento, enfim, no ciberespaço vivemos um contexto tecno social que se espalha em inúmeras direções. Subterrâneo, como o rizoma de Deleuze, ampliando conexões sob a lógica da aliança e que, de repente, diante de uma conjunção de forças criada por estes múltiplos encontros, brota: estas são as redes digitais acionadas.

“A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo 'ser', mas o rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...'. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.”
(DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 37)

Neste contexto, neste habitar atópico, também nos transformamos em fluxo. Aliás,

30 “No habitar empático a relação comunicativa entre o sujeito e o território é mediada pela escrita. Entre o sujeito e a paisagem havia um projeto, um texto, ponto de partida para a transformação do externo e do desconhecido. O espaço torna-se assim, matéria a ser moldada, suporte para realização de um projeto ideal” (DI FELICE, 2009).

31 “A época das grandes exposições universais, do aço, da indústria, da eletricidade, da fotografia, do rádio, do cinema e dos novos meios de transportes, introduz um novo tipo de paisagem, duplicada e móvel, a qual os transeuntes ou o espectador assistem como a um espetáculo. Mas, ao lado desta paisagem migrante, o próprio sujeito, movido pelos trens, pelos trólebus e pelos elevadores, passa a vivenciar a experiência de um habitar exotópico, isto é, de uma forma inédita deslocativa, sem movimento, na qual ele habita através da movimentação mecânica e a percepção visual dos fluxos de eletricidade” (DI FELICE, 2009).

32 A autora se refere ao “ideal emancipativo” do sujeito moderno, conforme mencionado por Gianni Vattimo.

fluxos, no plural. De nossa simbiose com as máquinas nos desdobramos em avatares, *blogs*, *sites*, *profiles*, vídeos, músicas, fotos, etc. Cada uma dessas nossas novas formas segue acelerada em diferentes direções, se conectando, se transformando, sem destino, num fluir errático no qual os nossos 'eus' se des-encontram com novas possibilidades .

Nas redes digitais já não somos mais pontos. Somos todos linhas. Seja porque nos transformamos nos próprios fluxos informativos, seja porque, como diria Virilio³³, ponto em movimento deixa de ser ponto e se torna linha. Daí que as redes digitais não são mais pontos ligados por linhas. São linhas, apenas. Linhas que por contato, ao se entrelaçar, constroem as redes. Redes que permanecem ocultas, à espera de um estalo de propósitos compartilhados, repletos de significados capazes de fazer brotar ações, co-labor-ações.

33 Paul Virilio, sobre o surgimento da linearidade e perturbação da percepção pela velocidade (APUD DELEUZE & GUATTARI, 1995)

III - Co-Labor-Ação

“A cibercultura é a expressão da aspiração de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração.”
(LÉVY, 1999, p. 130)

O habitar atópico e a ascensão de um social rizomático, nos quais a interação entre atores – orgânicos e não-orgânicos – em redes conduz a formas de se posicionar perante o mundo que muitas das vezes não são dadas à priori, mas resultado de um processo de colaboração entre os actantes, nos leva à necessidade de compreender um pouco mais sobre o que e como seria essa colaboração. Conceito que nos parece ser a chave para uma melhor compreensão de como se dá a dinâmica de atuação das redes sociais digitais desde seu acionamento.

Para começarmos, vamos fazer a decomposição da palavra e, num rápido sobrevoo, buscar alguns entendimentos sobre o labor e a ação.

1 – Sobre o labor e a ação

Em 'A Condição Humana', o percurso que Arendt realiza, através do diálogo com a tradição marxiana, mostra como para estes pensadores o trabalho, um tipo de ação, toma o lugar da contemplação como a atividade fundamental e distintiva da espécie humana. Para eles, o trabalho e a técnica apresentam-se no campo das atividades através das quais os homens ou renovam o ciclo natural da sua própria vida ou transformam os objetos naturais. Assim, dentro da tradição marxiana, seriam essas as atividades capazes de gerar reflexão. A política, nesse caso, seria consequência da reivindicação dos direitos dos indivíduos.

Nesta glorificação do trabalho e da técnica, Arendt vê uma valorização da mentalidade estratégica e instrumental que, no seu entendimento, impede a atividade política. Ela busca, então, na antiga Grécia, onde a vida política era completamente autônoma dos assuntos da privacidade humana, uma concepção que a ajude a compreender o esvaziamento de significado da política durante a modernidade e encontra na ânsia ateniense pela imortalidade e pela permanência a identificação com as atividades eminentemente políticas. É, desse modo, a partir daquele contexto da cidade-estado grega que ela propõe uma distinção entre 3 diferentes tipos do agir humano: o trabalho (labor), a fabricação (técnica) e a ação,

propriamente dita (o início de algo novo).

“Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens. A atividade do labor não requer a presença de outros, mas um ser que 'laborasse' em completa solidão não seria humano, e sim um *animal laborans* no sentido mais literal da expressão. Um homem que trabalhasse e fabricasse e construísse num mundo habitado somente por ele mesmo não deixaria de ser um fabricante, mas não seria um *homo faber*: teria perdido a sua qualidade especificamente humana e seria, antes, um deus – certamente não o Criador, mas um demiurgo divino como Platão o descreveu em seus mitos. Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem; nem um animal nem um deus é capaz de ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença de outros.”

(ARENDR, 1983, p. 31)

Para Arendt, o labor visa a sobrevivência, está mergulhado na natureza e, portanto, não gera política. Ele envolve as atividades de renovação do ciclo biológico do corpo humano. Sua principal característica é o consumo para manutenção do ciclo vital dos indivíduos. Um ciclo incessante: enquanto há vida, há labor.

Já a fabricação, em seu entendimento, diz respeito às obras do artifício humano. É instrumentalizada, coercitiva e possuidora de um caráter finalístico. Enquanto atividade de transformação da natureza tem como virtude intelectual a capacidade racional de produzir. A fabricação produz um mundo artificial entre o homem e a natureza: os objetos de uso. O criador morre e a obra permanece.

Por fim, Arendt distingue a ação como a capacidade de iniciar algo novo, um novo caminho, fugindo dos mesmos discursos e dos modelos estabelecidos, sendo fundamental para a política. A ação é a única que se realiza entre os homens sem a necessidade da matéria, possuindo um único veículo: a palavra. Tem um começo determinado, mas nunca possui um fim previsível e é irreversível. Não é calculada, planejada, exclui a violência e é desprovida de um objetivo que não o próprio processo. Só é possível no espaço público.

“Segundo o pensamento grego, a capacidade humana de organização política não apenas difere mas é diretamente oposta a essa associação natural cujo centro é constituído pela casa (*oikia*) e pela família. O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera 'além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*. Agora cada cidadão pertence a duas ordens de existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*)³⁴. Não se tratava de mera opinião ou teoria de Aristóteles, mas de simples fato histórico: precedera a fundação da pólis a destruição de todas as unidades organizadas à base do parentesco, tais como o *phratría* e a *phyle*.”

34 A autora cita Werner Jaeger, *Paideia* (1945), III, 111.

(ARENDR, 1983, p. 33)

Ao recuperar o conceito de espaço público, Arendt afirma que a ação só pode se desenrolar nesse espaço. Como vimos, o modelo para o conceito arendtiano de ação é a pólis ateniense, com a sua clara diferenciação entre o privado (*oikia*) e o público (*koinon*). Para Arendt, a *oikia* é o lugar dos sentimentos, dos laços de sangue, da tirania, da hierarquia, do medo, do domínio de uns pelos outros. Por outro lado, o espaço público é igualitário, plural e constituído em comum pelos indivíduos em uso pleno de sua razão.

O que leva Arendt a fazer todo esse resgate é o fato de que na modernidade observa-se um embotamento dos espaços públicos em favor de uma crescente economização da vida. Reina o discurso do efficientismo, suportado pelo progresso positivista que demanda a ideia de planejamento, que por sua vez demanda um sentido único, estabelecido sem muita profundidade e debate crítico. As amizades – o 'pensar com os outros' – são substituídas por relacionamentos estratégicos. Em favor da governabilidade estabelece-se uma relação de dominação que anula os instrumentos de participação democrática. Busca-se enquadrar os acontecimentos inéditos em modelos já estabelecidos de modo a fugir do debate e privar-se do mundo.

“Um fator decisivo é que a sociedade, em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de ação, que antes era exclusiva do lar doméstico. Ao invés de ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a 'normalizar' os seus membros, a fazê-los 'comportarem-se, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada.”

(ARENDR, 1983, p. 50)

Para Arendt, as democracias representativas, de massas, apresentam-se sob a forma de um totalitarismo doce que empurra os indivíduos para as privações da vida privada, caracterizadas pelo encarceramento no ciclo labor-fabricação-consumo. Há a ausência de ação e, conseqüentemente, de política, no sentido arendtiano das palavras, o que conduz a um processo de escolhas previsíveis e controladas.

Assim como Arendt, Habermas vê na palavra e no diálogo elementos fundamentais para o que ele chama 'ação comunicativa'. Nesta concepção, a razão comunicativa conduz ao debate racional, crítico e livre, gerando ações transformadoras e servindo como alternativa à lógica instrumental da razão iluminista que, no entender dos frankfurtianos, encobre a dominação.

“Desde a perspectiva dos participantes 'entendimento' não significa um processo empírico que dá lugar a um consenso fático, senão um processo recíproco de convencimento que coordena as ações dos distintos participantes à base de uma motivação por razões. Entendimento significa a comunicação orientada por um acordo válido.”

(HABERMAS, 1999, p. 500)

No entender de Habermas, a ação comunicativa, que se realiza através da palavra, surge como uma forma superior de relacionamento entre os sujeitos, permitindo a articulação de valores, elaboração de normas e o questionamento dos mesmos. E é neste ponto que se evidencia a diferença entre o agir comunicativo (ação comunicativa) e o agir estratégico (ação estratégica): no primeiro busca-se o reconhecimento entre os indivíduos de suas pretensões de validade, visando-se um consenso³⁵ construído pelo acordo; no segundo, um indivíduo age sobre o outro para atingir os fins definidos a priori: não há a busca pelo reconhecimento. Esta dicotomia é a base de sua Teoria da Ação Comunicativa.

Por esta teoria, Habermas compreende a sociedade moderna dividida em duas esferas: o mundo da vida e os sistemas. Mundo da vida que é a esfera dos consensos acordados, racionais, livres de qualquer poder coercitivo e dialogicamente elaborados, das visões de mundo comunicativamente construídas e compartilhadas, através de uma dinâmica racional, livre e consciente.

“O mundo da vida é, por assim dizer, o lugar transcendental em que o falante e o ouvinte se encontram; é o lugar em que podem estabelecer reciprocamente a pretensão de que suas emissões concordam com o mundo objetivo, subjetivo e social; e em que podem criticar e exhibir os fundamentos das respectivas pretensões de validade, resolver seus desentendimentos e chegar a um acordo.”

(HABERMAS, 1999, p.179)

Já os sistemas formam a esfera da lógica instrumental, que obedece uma dinâmica não-consciente e funcional, materializada em relações de hierarquia – sistema político – e de troca – sistema econômico.

O alerta de Habermas surge do diagnóstico de que a modernidade desencadeia um processo de “*colonização do mundo da vida pelos sistemas*”, de tal forma que as visões de mundo, os consensos do mundo da vida são submetidos às demandas funcionais dos sistemas,

35 Para Habermas o consenso é uma possibilidade que poderá ou não ser alcançada. Isso dependerá do processo de argumentação, de reconhecimento das pretensões de validade e das condições não-coercitivas da interação linguística. (GOMES, Luiz R.. Educação, consenso e emancipação na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Publicação UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa 15 (2) 53-63, dez. 2007. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/602/590>>. Acessado em 15/07/2010.)

político e econômico. Em seu entender, há, portanto, um prejuízo ao mundo emancipado, que é aquele onde o mundo da vida tem supremacia sobre o mundo dos sistemas, o que significa resolução dos conflitos humanos com base em discussões racionais – ou seja, para Habermas, o mundo emancipado é aquele em que predomina a ação comunicativa.

Weber, por sua vez, também diferencia as formas de ação, que para ele são ações sociais. Aliás, para Weber, a sociologia deve visar justamente a captação da relação de sentido da ação social, a qual, por sua vez, “*significa uma ação que quanto ao sentido visado pelo agente ou agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este (comportamento) em seu curso*” (WEBER, 1991, p.3). Ou, de forma ainda mais sintética, ação social é qualquer ação que se dirige a outros indivíduos, desde que o agente atribua à sua conduta um significado ou sentido próprio, e esse sentido se relacione com o comportamento das outras pessoas. Assim,

“Nem todo tipo de contato entre pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que, quanto ao sentido, se orienta pelo comportamento de outras pessoas. Um choque entre dois ciclistas, por exemplo, é um simples acontecimento do mesmo caráter de um fenômeno natural. Ao contrário, já constituiriam ações sociais as tentativas de desvio de ambos e o xingamento ou a pancadaria ou a discussão pacífica após o choque.”
(WEBER, 1999 APUD OLIVEIRA, 2008)

Para Weber, toda vez que se estabelecer uma relação significativa, isto é, algum tipo de sentido entre várias ações sociais, teremos relações sociais. E somente existe ação social quando o indivíduo tenta estabelecer algum tipo de comunicação a partir de suas ações com os demais.

Na teoria weberiana há quatro tipos de ações sociais. O primeiro tipo, ação social tradicional, diz respeito àquelas ações sociais determinadas por hábitos, costumes e crenças: para agir conforme a tradição o indivíduo não precisa de um objetivo ou de um valor, tampouco precisa ser impelido por uma emoção, obedece a hábitos adquiridos pela prática. Já a ação social afetiva é aquela ditada pelo estado de consciência, pelo humor e emoções, não se tratando de hábitos ou da existência de objetivos ou valores. Por fim, a ação social racional é subdividida em dois tipos: a ação social racional com valores, que é definida pelas crenças do sistema de valores do indivíduo, o qual age racionalmente aceitando todos os riscos, não para obter um resultado exterior, mas para permanecer fiel à sua crença, aos seus valores; e a ação social racional com fins, que se utiliza de métodos racionais e instrumentos eficazes para alcançar determinado objetivo ou resultado exterior.

Em comum, Arendt, Habermas e Weber constroem entendimentos sobre a ação / ação social em que a comunicação é um importante pressuposto e o sujeito é o responsável por sua iniciativa.

“O primeiro grupo que chamaremos de teoria da ação social *empática* descreve a ação social como a sequência intencional de ações fornidas de sentidos que um sujeito (seja este um indivíduo ou um coletivo, muitas vezes definido como ator ou agente) realiza, escolhendo entre várias alternativas possíveis, a partir de um projeto concebido anteriormente.

A ação social, assim definida neste primeiro grupo, é pensada como atividade do sujeito em direção ao externo, isto é, ao ambiente, à sociedade e ao seu contexto.

A origem e o centro da ação é, aqui, o indivíduo que busca, por motivos diferentes, um objetivo a ser alcançado. Por isso podemos descrever, no interior desta primeira tipologia a ação como “empática”, enquanto transfere, através da própria ação, a razão do sujeito para fora dele em direção ao território externo e ao meio ambiente social, procurando transformar ambos à sua imagem. O ambiente social, obviamente, pode favorecer, dificultar ou impedir o êxito de tal ação. Podemos contemplar neste primeiro grupo o pensamento sobre o significado social da ação de três importantes autores: Max Weber, Jürgen Habermas e Hannah Arendt.

(...)

Se nesse primeiro grupo de autores a ação pode ser interpretada como a projeção do sujeito em direção à sociedade e a busca de seus significados, num segundo grupo encontramos uma interpretação singular que pensa a impossibilidade da realização da ação, a sua irrelevância e, até mesmo, a sua inexistência. Podemos, portanto, definir a ação social interpretada por esses autores como “exotópica”, isto é, externa ao sujeito, estranha e imposta a ele, segundo o significado do conceito de 'exotopia' indicado pela obra *Dostojevskij* de Mikhail Bakhtin.

Podemos incluir, neste conjunto de autores, Platão, que pensava que os afazeres humanos e o agir não deveriam ser levados muito a sério, até Émile Durkheim, que aprofunda o lado institucional da ação social observando como cada sujeito encontra-se limitado e vinculado pelas normas sociais. Além destes, destaca-se Talcott Parsons, que na sua obra *Teoria Geral da Ação*, concebe a ação como o resultado de uma engenharia institucional determinada por sistemas autoregulantes e, portanto, impossível de acontecer fora desta estrutura determinada.

(DI FELICE, no prelo)

Para Parsons, o sistema social age como uma estrutura que tende a funcionar de um modo integrativo, coordenando organicamente as unidades que o compõem, “*evitando que estas se dispersem em atividades caóticas e sem sentido*” (DI FELICE, 2007, p. 7). Para tanto, a estrutura do sistema social se utiliza de instrumentos de controle, como o direito, criando instituições legitimadas por valores compartilhados e convividos por seus membros.

“A exigência de melhorar tal modelo leva Parsons à teorização de um construto que conseguisse explicar as características das ações sociais. De tal

exigência surge o sistema AGIL, que descreve as quatro necessidades com as quais cada ator, cada instituição, cada empresa, cada grupo, devem se confrontar: adaptação, alcance dos fins, integração e manutenção da estrutura. A cada uma dessas necessidades corresponderia um sistema, isto é, uma estrutura maior que permitiria o cumprimento da adaptação (sistemas econômicos), do alcance dos fins (sistema político), da integração (sistema legislativo), da manutenção da estrutura (sistema educativo e religioso).

A sociedade, na versão funcionalista, resultava, portanto, uma estrutura dividida em funções, sistemas e subsistemas cujo pressuposto para a própria existência estava na forma de interação entre as distintas partes, isto é, num sistema comunicativo analógico, num repasse de informações de uma estrutura para outra, de um sistema 'emissor' para um outro, 'receptor', separado por funções e identidades.

É importante observar como neste sistema o conflito não somente era contemplado, mas tornava-se o elemento principal para fazer com que, através de ações específicas, o sistema voltaria ao seu nível de equilíbrio. Como no capitalismo 'demiúrgico' de J. A. Schumpeter, o conflito, longe de ser uma ameaça, passava a ser funcional ao sistema e ao seu desenvolvimento.”

(DI FELICE, 2007, pp. 7 e 8)

Nesse segundo grupo concebido por Di Felice também podem ser mencionados Baudrillard e Perniola. Para Di Felice, o fim da ação sedutora, teorizado por Baudrillard, dá conta de uma unidirecionalidade dos fluxos comunicativos, típica das sociedades de massas, que resulta em uma impossibilidade de escolha por parte do indivíduo e “*em última instância, a determinação do 'estupro' da sua percepção*” (Di Felice, no prelo). Já no caso de Perniola, sua proposta teórica aponta para a “*substituição do regime historiográfico pelo regime comunicativo no interior do qual o acontecimento e a ação seriam substituídos pela sua simulação*”³⁶ (Di Felice, no prelo)

“Para todos estes autores, o agir aconteceria além da vontade do sujeito, fora do seu controle e de forma que ele mesmo se tornaria o objeto de uma ação externa que o levaria a ilusão de ato perante o qual, de fato, não tem nenhum poder.”

(Di Felice, no prelo)

Diante de todas essas instâncias teóricas – tanto do primeiro quanto do segundo grupo pensados por Di Felice – em qual poderíamos circunscrever alguns acontecimentos das últimas duas décadas, tais como o neo-zapatismo em Chiapas³⁷ ou a DAN (*Direct Action*

36 Segundo Di Felice, para Perniola os principais acontecimentos históricos pós-segunda guerra parecem ser mais milagres do que resultados de reais transformações: “*aos poucos a sociedade ocidental passa a ser tomada por uma mentalidade milagreira, cuja difusão recebe uma contribuição fundamental dada pelo desenvolvimento de uma tecnociência. (...) A verdade efetiva das coisas é submersa e desaparece embaixo de uma quantidade enorme de palavras e de imagens transmitidas para o mundo inteiro.*” (PERNIOLA, 2010, p. 10 APUD DI FELICE, no prelo)

37 O movimento neo-zapatista iniciado em 1994, da região de Chiapas ganhou o mundo através das redes digitais. Eles conseguiram mobilizar a atenção internacional ao redor da causa indígena no sul do México. Das selvas de Chiapas eles tomaram a palavra pelas redes, fizeram circular suas demandas, sua história. Não

Network)³⁸ surgida por conta da reunião ministerial da OMC em 1999 ou a *Mosquito Press*³⁹ nas Filipinas ou o movimento *Software Livre*⁴⁰ ou, bem recentemente, a repercussão do Wikileaks⁴¹ através do mundo?

Como alerta Di Felice,

“Diante do advento de novas formas de protestos e de ações de cidadania que se multiplicaram nas últimas décadas (...) torna-se necessário, segundo alguns autores, a redefinição da própria natureza das teorias da ação social, uma vez

assumissem esta simbiose entre homem e máquina, provavelmente seriam dizimados como tantas outras populações nativas.

38 Rede de Ação Direta, foi um movimento de “*organizações anarquistas e antiautoritárias formada para coordenar a mobilização contra a OMC em Seattle, (Washington, E.U.A.) em 1999, na qual desempenhou papel de destaque tanto pelas ações levadas a cabo como pela forma de organização. Foram os integrantes da DAN que propuseram que, ao invés de uma simples manifestação contra a Reunião da OMC, a própria realização de tal encontro fosse frustrada, objetivo cujo êxito foi alcançado junto com outras organizações e grupos. Imediatamente depois de Seattle, importantes membros da DAN formaram a Rede de Ação Direta Continental (Continental Direct Action Network (CDAN), para expandir as seções em 12 cidades dos Estados Unidos e do Canadá. A CDAN adotou os princípios de unidade fundamentados naqueles apontados pela Ação Global dos Povos. As seções regionais desta Rede de Ação Direta estavam formadas por grupos de afinidade autônomos que coordenavam ações por meio de assembleias usando a delegação e a tomadas de decisões por consenso*”. Fonte: Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_de_Acao_Direta>, acessado em 20/07/2010.

39 *Mosquito Press* é um termo que foi criado durante a imposição da lei marcial nas Filipinas, para dar conta de pequenos textos, mensagens e publicações que se espalharam pelo país criticando e denunciando o regime do presidente Joseph Estrada. Para Derrick De Kerckhove, o movimento surgido na internet “*permitiu dar voz a milhares de habitantes das ilhas (Filipinas), até então privados de linhas telefônicas. Além disso, sempre nas Filipinas, realizou-se aquilo que ficou conhecido como a 'Revolução SMS'. Graças ao sistema de breves mensagens de texto (small messaging system) – modalidade de comunicação econômica, instantânea e simultânea realizada por meio de telefone celular – centenas de críticas não-oficiais ao poder tornaram conhecida a corrupção do regime do presidente Joseph Estrada, provocando, enfim, sua queda.*” (DE KERCKHOVE, 2008, p. 127). No dia do julgamento do processo de *impeachment* do presidente, mensagens enviadas através de celulares conseguiram mobilizar em questão de minutos mais de um milhão de cidadãos diante do Congresso.

40 *Software livre*, segundo a definição criada pela “*Free Software Foundation*” é qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado e redistribuído sem restrições. O conceito de livre se opõe ao conceito de *software* restritivo (*software* proprietário), mas não ao *software* que é vendido almejando lucro (*software* comercial). A maneira usual de distribuição de *software* livre é anexar a este uma licença de *software* livre, e tornar o código fonte do programa disponível. Um *software* é considerado como livre quando atende aos quatro tipos de liberdade para os usuários do *software*: A liberdade para executar o programa, para qualquer propósito (liberdade n.º 0); A liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo para as suas necessidades (liberdade n.º 1); A liberdade de redistribuir, inclusive vender, cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo (liberdade n.º 2); e A liberdade de modificar o programa, e liberar estas modificações, de modo que toda a comunidade se beneficie (liberdade n.º 3).

Fonte: Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Software_livre>, acessado em 20/07/2010.

41 WikiLeaks (*leak*: vazar, em inglês, isto é, tornar pública uma informação reservada) é uma organização internacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica em seu site, *posts* de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos que dizem respeito a todos e não deveriam, portanto, serem sigilosos. O WikiLeaks afirma que a informação colocada pelos usuários colaboradores não é rastreável. O site foi lançado em dezembro de 2006 e, em meados de novembro de 2007, já continha 1.2 milhões de documentos. Em seu site, a organização informa ter sido fundada por dissidentes chineses, jornalistas, matemáticos e tecnólogos dos Estados Unidos, Taiwan, Europa, Austrália e África do Sul. As atividades do Wikileaks tiveram enorme repercussão mundial após a divulgação de vários documentos secretos do exército dos Estados Unidos, dando conta da morte de milhares de civis no Afeganistão, por militares norte-americanos. Fonte: Wikipedia, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikileaks>>, acessado em 20/07/2010.

que esta se manifesta, como no caso do netativismo, como resultado de uma mediação técnica.”

(DI FELICE, no prelo)

A dificuldade, ou impossibilidade, de enquadrar tais acontecimentos em alguma das perspectivas teóricas sobre a ação, acima apresentadas, pode se dar, primeiramente, por uma questão geracional, no interior da qual os contextos social e tecnológico são bastante diversos. Daí que também é possível notar por entre as novas formas de ação social, dentre elas os acontecimentos citados como exemplos, a ascensão daquilo que Maffesoli (2004) chama de retorno da *libido sentiendi*, em detrimento à hegemonia do racionalismo moderno, sobre o qual os teóricos da ação assentam suas bases. E, talvez, o maior empecilho para conciliação entre essas teorias da ação e o dia-a-dia que emerge do mundo venha do caráter antropocêntrico dos pressupostos teóricos, ao considerarem o homem como único e definitivo ator – sujeito ou objeto – dos acontecimentos, desprezando, assim, os demais elementos actantes (LATOURETTE, 2000).

Demais elementos actantes, orgânicos e não-orgânicos, que não somente potencializam, mas se hibridizam com o homem, construindo as formas de um habitar atópico (DI FELICE) em redes digitais. Redes digitais que por sua natureza são co-ordenadas, e, portanto, nas quais o labor conjunto, co-ordenado, é que vai des-estruturando a ação, que, não raro, apresenta-se como o início de algo efetivamente novo – breve paralelo com Arendt, ao pensar sobre em que deveria consistir a ação de fato.

Isso é a co-labor-ação, o co-laborar para a ação, onde 'ação' não é mais somente a composição do sufixo que transforma o verbo em substantivo, mas o imprevisível devir das inúmeras forças híbridas que se combinam e são acionadas por algum propósito que lhes seja significativo através dos fluxos informativos que somos nas redes digitais.

2 – Colaboração em redes digitais: co-labor-ação

“O desenvolvimento da comunicação assistida e das redes digitais nos levam a definir a técnica e o território como inteligências distribuídas em todas as partes, sinergizada em tempo real. Esse novo conceito poderia substituir o da inteligência artificial e ocasionar uma orientação das ciências cognitivas e da ecologia.”

(LÉVY, 1996, p. 78)

Como bem lembra Rogério da Costa (2004), temas como “inteligência emergente”

(Steven Johnson), “coletivos inteligentes” (Howard Rheingold), “cérebro global” (Francis Heylighen), “sociedade da mente” (Marvin Minsk), “inteligência conectiva” (Derrick de Kerckhove), “redes inteligentes” (Albert Barabasi), “inteligência coletiva” (Pierre Lévy) são cada vez mais recorrentes.

“Todos eles apontam para uma mesma situação: estamos em rede, interconectados com um número cada vez maior de pontos e com uma frequência que só faz crescer. A partir disso, torna-se claro que podemos hoje compreender muito melhor a atividade de uma coletividade, a forma como comportamentos e ideias se propagam, o modo como notícias afluem de um ponto a outro do planeta etc.”
(COSTA, 2004, s/p.)

Pois é justamente para melhor compreender esse fenômeno da interconexão em redes sob seu viés da colaboração, que Costa (2004) faz um resgate teórico de como vêm sendo pensadas essas “*mentes coletivas virtuais*”.

Costa (2004) começa destacando que já em 1993, Howard Rheingold, em seu livro *Comunidade Virtual*, deu conta de que as comunidades virtuais são lugares onde as pessoas se encontram, porém com interesses diversos. Rheingold já prenunciava que “*as mentes coletivas populares e seu impacto no mundo material podem tornar-se uma das questões tecnológicas mais surpreendentes da próxima década*” (APUD COSTA, 2004, s/p.).

Muito antes, ainda em 1976, o pesquisador americano Murray Turoff, idealizador do sistema de intercâmbio de informação eletrônica (EIES), considerado o ponto de partida das atuais comunidades *online*, previa que “*a conferência por computador pode fornecer aos grupos humanos uma forma de exercitarem a capacidade de ‘inteligência coletiva’ (...) um grupo bem sucedido exibirá um grau de inteligência maior em relação a qualquer um de seus membros*” (Rheingold, 1996, cap. 4 APUD COSTA, 2004, s/p.).

Costa destaca que, se por um lado Turoff visualizou as comunidades virtuais e o potencial de inteligência coletiva que elas envolviam, por outro, foi Rheingold quem nelas percebeu uma questão mais profunda:

“(…) um dos problemas da rede, em sua visão, era o da '*oferta demasiada de informação e poucos filtros efetivos passíveis de reterem os dados essenciais, úteis e do interesse de cada um*'. Rheingold estava atento ao fato de que os programadores se esforçavam para desenvolver agentes inteligentes que realizassem a busca e filtragem de informação, poupando o usuário '*da terrível sensação causada pelo fato do conhecimento específico procurado estar enterrado em 50 mil páginas de informação recuperadas*'. '*Mas já existem*', dizia, '*contratos sociais entre grupos humanos – imensamente mais sofisticados, embora informais – que nos permitem agir como agentes*

inteligentes uns para os outros' (Rheingold, 1996, cap.4).”
(COSTA, 2004, s/p.)

Costa entende que isso, de certa forma, tornava mais amplo o conceito de mente coletiva, na medida em que não se tratava apenas de resolver problemas em conjunto, coletivamente, como imaginava Turoff. “Ao contrário, a ideia de mente coletiva que mais seduzia Rheingold era a de um grupo estimulado a trabalhar em função de um indivíduo, dos benefícios mais claros e palpáveis que ele pudesse vir a obter” (COSTA, 2004, s/p).

“Quando surge a necessidade de informação específica, de uma opinião especializada ou da localização de um recurso, as comunidades virtuais funcionam como uma autêntica enciclopédia viva. Elas podem auxiliar os respectivos membros a lidarem com a sobrecarga de informação.”
(Rheingold, 1996, cap. 4 APUD COSTA, 2004, s/p.)

Ou seja, mais que um lugar de encontro, as comunidades virtuais podem, no entender de Rheingold, funcionar como filtros inteligentes diante do excesso de informação, transformando-se numa estratégia “*extraordinária de um grupo suficientemente grande e diversificado de indivíduos conseguir multiplicar o grau individual de seus conhecimentos*” (COSTA, 2004, s/p.).

Na esteira do pensamento de Rheingold, Pierre Lévy também defende a participação em comunidades virtuais como um estímulo à formação de inteligências coletivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar informações e conhecimentos. Porém, além de também entender as comunidades como filtros inteligentes para o excesso de informação, ele as percebe como uma janela que nos possibilita o contato com visões de mundo alternativas, na medida em que nos permite conhecer mais detalhadamente as situações e necessidades de cada indivíduo.

“O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato.”
(LÉVY, 1999, p. 130)

Para Lévy, a inteligência coletiva é, de forma muito sintética, o compartilhamento de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado. E elas podem ser melhor compartilhadas quando ampliadas e transformadas pelas novas tecnologias informativas, as redes digitais (Lévy, 1999, 2007). Porém, Lévy ressalta que para haver efetividade dessa inteligência, além da colaboração, também se faz necessário o confronto entre ideias, a

competição, como forma de gerar novos conhecimentos. Assim, *"só pode existir desenvolvimento da inteligência coletiva se houver uma cooperação competitiva ou competição cooperativa(...). É a partir do equilíbrio entre competição e cooperação que nasce a inteligência coletiva"* (LÉVY, 2002).

“O ciberespaço representa o mais recente desenvolvimento da evolução da linguagem. Os signos da cultura, textos, música, imagens, mundos virtuais, simulações, softwares, moedas, atingem o último estágio da digitalização. Eles tornam-se ubiqüitários na rede – no momento em que eles estão em algum lugar, eles estão em todas partes – e interconectam-se em um único tecido multicor, fractal, volátil, inflacionista, que é, de toda forma, o metatexto englobante da cultura humana. Os signos são adquiridos por intermédio do software, dessa escrita tornada viva; uma potência da ação autônoma de um ambiente numérico que lhe é próprio. O ciberespaço torna-se o sistema ecológico do mundo das ideias, uma noosfera abundante, em transformação acelerada, que começa a tomar o controle do conjunto da biosfera e a dirigir sua evolução a seus próprios fins.” (LÉVY, 2002, p. 14)

E para Costa, uma segunda maneira de se interpretar uma inteligência coletiva é *“entender uma comunidade virtual como um excelente filtro inteligente que pode ser consultado por qualquer um a qualquer momento”* (COSTA, 2004, s/p.).

“Aqui encontramos a ideia de compartilhamento de recursos, conhecimentos, informações etc. E da mesma forma que no gênero anterior de mente coletiva, aqui também conta o grau de reciprocidade na rede, a capacidade de interação de cada um (capital social) e a fluidez permitida pela infraestrutura de comunicação (capital tecnológico). Haveria ainda um outro aspecto importante a ser ressaltado, que é o capital cultural de uma coletividade. Entendemos por capital cultural o ecossistema de ideias que alimenta os indivíduos e o coletivo, e que permite que o capital social possa se incrementar e que os limiares de inovação possam ser vencidos. Ele se traduz como a memória cultural de uma população, incluindo museus, redes de bibliotecas, editoras, arquivos, centros de documentação e toda instituição que colabore nesse processo de registro.”
(COSTA, 2004, s/p.)

2.1 – A prática da co-labor-ação: um social em código aberto

“Abrem-se, assim, as possibilidades de se pensar um novo conceito de virtualidade, e também outro conceito de social. *A sociedade a código aberto*, mais do que um conjunto de definições e de conceitos, é também uma prática e uma forma de habitar, na qual construímos conteúdos e nos apropriamos do mundo através das tecnologias digitais. Portanto, além de um conceito em movimento, um campo de possibilidades, constitui-se num ecossistema no interior do qual habitam todos aqueles que criam ideias, pensamentos, culturas, tempo livre, prazer, arte, conteúdos 'na' e 'através' das redes. Código aberto, portanto, à contaminação criativa, à participação dos demais, portador

de uma ética não mais autoritária, mas tecnologicamente experimental e socialmente não duradoura.”
(DI FELICE, 2008, pp. 57 e 58)

Em termos práticos, essa inteligência coletiva das comunidades virtuais pode se materializar nas redes digitais através de experiências que se utilizam do chamado *crowdsourcing*, por exemplo. O neologismo criado por Jeff Howe, editor da revista 'Wired', em 2006, diz respeito a “*um modelo de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários espalhados pela internet para resolver problemas, criar conteúdo ou desenvolver novas tecnologias*”⁴².

“*Crowdsourcing*, ou, em círculos acadêmicos, produção entre pares, baseia-se na ideia de permitir que um grande número de pessoas crie, por meio de pequenas contribuições individuais, um bem que não poderia ter sido feito tradicionalmente por um único indivíduo ou por uma organização.”
(BRITO, 2009, p. 144 APUD SILVA, 2010, p. 99)

Segundo Howe, esse modelo é viabilizado pela popularização e barateamento das novas tecnologias informacionais, sendo que nesse cenário de maior acesso às tecnologias, também diminui o *gap* de conhecimento entre profissionais e amadores, na medida em que todos são diariamente desafiados pelas inovações continuamente disponibilizadas, ampliando, de todos os modos, o coletivo de potenciais colaboradores.

No *crowdsourcing* as atividades são iniciadas, ou seja, as redes são acionadas, por um empreendedor⁴³ interessado – que pode ser um cliente, um beneficiário, um ativista, etc – e a colaboração pode ser realizada por indivíduos ou grupos – boa parte da vezes desconhecidos entre si, apesar de suas redes comuns –, que, normalmente de forma voluntária, vão dando suas contribuições⁴⁴. Nesse sentido, podemos dizer que aquilo que anteriormente⁴⁵ chamamos de redes sociais planejadas parecem ser uma característica do *crowdsourcing*.

“O *crowdsourcing* comporta a noção de que o universo dos internautas pode fornecer informações mais exatas do que peritos individuais. A ideia é que o todo seja capaz de se auto corrigir. Se um grande número de pessoas é capaz de corrigir os erros uns dos outros – quer estes sejam por ignorância ou preconceito – os resultados serão no global mais fiáveis do que a resposta de um indivíduo ou de um pequeno grupo. O maior exemplo desse conceito é a

42 Fonte: Wikipedia, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crowdsourcing>> e <<http://en.wikipedia.org/wiki/Crowdsourcing>>, acessado em 10/06/2010.

43 Aqui utilizado no sentido que define aquele indivíduo ou grupo que toma a iniciativa de pôr em prática determinada ação ou ideia. Neste caso específico, toma a iniciativa de acionar redes em torno de temas, causas ou propósitos.

44 Idem 42

45 Ver capítulo II, tópico 2 – Conexões Ocultas: o acionamento das redes

própria Wikipedia, que é praticamente tão precisa nas suas definições como uma enciclopédia tradicional (...).”⁴⁶

Outros dois bons exemplos de produtos obtidos através do *crowdsourcing* são as distribuições do sistema operacional Linux e o navegador Firefox, que foram criados e são atualizados por inúmeros colaboradores ao redor do mundo.

Jeff Howe ainda diferencia quatro estratégias ou modalidades de *crowdsourcing*: o *crowdfunding* – para arrecadação de recursos financeiros –, o *crowdcreation* – para inovação e criação de produtos e serviços –, o *crowdvoting* – para processos de seleção – e o *crowdwisdom* – para geração de conhecimento.

No *crowdsourcing*, os parâmetros do 'filtro' da comunidade são normalmente estabelecidos pelo empreendedor⁴⁷ do acionamento das redes. Assim, ao delimitar a modalidade ou tema ou propósito sobre os quais a rede acionada de colaboradores irá trabalhar, esse coletivo passa a interagir seletivamente com as informações trazidas para a comunidade, num processo de moderação também compartilhado.

A dinâmica de circulação de informações nas redes acionadas, sejam elas *crowdsourcings* ou não, também conta com outros elementos actantes, dentre os quais, inicialmente, destacamos os *mashups* e o *hacking*, típicos exemplos do resultado da simbiose homem e tecnologia informativa. O primeiro diz respeito a aplicativos interativos que “misturam conjuntos de dados diferentes, ou funcionalidades de tecnologias externas (de outros aplicativos ou outros sites), para criar, dos cruzamentos entre essas diferentes fontes, informações novas e únicas, ou mesmo novas funcionalidades, novas formas de se interagir com a informação” (SILVA, 2010, p. 93).

Aliás, como lembra Daniela Silva, ao analisar a questão da transparência do poder público no contexto das redes digitais,

“Mais do que uma tecnologia, o *mashup* é uma prática que tem a ver com os princípios da rede – como a abertura, a livre-iniciativa, a colaboração, o remix. Incorporar uma cultura de *mashup* à ideia de transparência pública – ou seja, publicar informações com a intenção de que elas sejam reaproveitadas por desenvolvedores capazes de construir cruzamentos, aplicativos e visualizações de dados diferenciadas agregando valor e mais possibilidades de uso a essas informações – significa também aproximar a administração pública desses valores, promovendo grandes transformações no governo e na política.” (SILVA, 2010, p. 97)

Já o segundo elemento remete a um comportamento que, segundo Lévy, ganhou este

46 Idem 42

47 Idem 43

nome nos laboratórios do MIT, na década de 50,

“designando projetos que apontavam para o interesse em conhecer a máquina por dentro, usando a lógica de seu funcionamento para burlar padrões e conseguir resultados melhores, mais rápidos ou simplesmente diferentes. O termo se relaciona tanto com a ideia de improviso quanto de requinte técnico: *'quando se dizia que alguém conseguiu realizar um trabalho com inovação, estilo e virtuosismo técnico, dizia-se que a tarefa foi feita com talento de hacking'* (LEVY, 1994:23).”
(SILVA, 2010, p. 101).

Assim, os hackers⁴⁸, ou seja, aquele que executa um *hack*, são indivíduos que elaboram e modificam software e hardware de computadores, seja desenvolvendo funcionalidades novas, seja adaptando as antigas⁴⁹. São, assim, fundamentais para superação de barreiras técnicas – que muitas vezes são propositalmente impostas – do universo computacional, as quais o usuário comum seria incapaz de dar conta. Como ressalta Lemos (2002, p. 212), mais que uma técnica apurada, o *hacking* é uma arte da apropriação e da edição de informações.

“A história da micro-informática está ligada à necessidade de descentralizar o poder da informação (...) A rua vai assim marcar o destino da micro-informática. Serão os primeiros hackers (no sentido mais nobre da palavra) os responsáveis pelo nascimento da 'informática para todos' (...) Através da tecnologia os hackers denunciam a própria racionalidade tecnológica e o poder constituído por grandes empresas e instituições governamentais. Os hackers são considerados, ainda hoje, os magos da comunidade digital tentando de todas as maneiras, desvendar mistérios digitais, códigos secretos, desbravar novos espaços virtuais.”
(LEMOS, 2002, pp. 220 e 221)

E, por fim, outro elemento actante fundamental: as interfaces. As membranas, as “*zonas fronteiriças sensíveis de negociação entre o humano e o maquínico, assim como o pivô de um novo conjunto emergente de relações homem-máquina*” (SANTAELLA, 2003, p. 91), enfim, os canais de nossa simbiose com os elementos tecnológicos e que em muito definem a nossa vocação, enquanto fluxos híbridos, para a colaboração nas redes acionadas. Nesse sentido são estruturantes. Mas também são estruturadas, e continuamente reestruturadas, na medida em que nascem justamente da simbiose homem-máquina.

48 Desde os anos 1980, o termo *hacker*, que se refere àquele que executa um *hack*, passou a ser frequentemente associado à atividade que é característica dos *crackers*, isto é, pessoas que praticam a quebra (ou *cracking*) de um sistema de segurança, de forma ilegal, visando benefícios próprios (jogos, desvio de valores financeiros, venda de dados e informações privadas, etc). Portanto, a definição de *hacker* que utilizamos aqui não deve ser confundida com a de *cracker*.

49 Fonte: Wikipedia, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hacker>>, acessado em 07/06/2010.

Assim como a arquitetura das edificações e paisagens urbanas, desde a antiga Grécia, atua como importante elemento configurador da interação dos indivíduos que a partir dela entram em contato, também a arquitetura das interfaces digitais configura algumas indicações a serem seguidas pelos fluxos, energizados que estamos no momento de acionamento de nossas redes. Pode ser a interface de uma plataforma de um *e-group*⁵⁰, de um fórum, de um *chat*, um *blog* ou microblog ou fotolog ou videolog, canais de fotos, vídeos ou áudios, wikis⁵¹, CMS's⁵² mais customizados, aplicativos compartilhados na *cloud computing*⁵³, enfim, cada uma delas, dentro de suas características, já estabelece alguns padrões de dinâmica e conduta que são regulamentados e também repensados por sistemas de moderação ou facilitação descentrados – uns mais, outros menos -, e nesse sentido, portanto, também compartilhados. Enfim, mais que nossa vocação para a colaboração, as interfaces, e suas plataformas, também são os espaços nos quais terão lugar as negociações dos processos de cooperação e competição dos fluxos que somos nas redes acionadas das comunidades virtuais.

Como lembra Rogério da Costa (2004), se a inteligência individual requer certas condições para “*fluir em cada um de nós (como, por exemplo, a saúde física, criação familiar e situação afetiva), também a inteligência coletiva deve requerer outras condições para afluir entre os indivíduos*” (COSTA, 2004, s/p.).

“(...) devemos lembrar que as inteligências individuais parecem não se prolongar naturalmente numa inteligência coletiva. O fato de indivíduos estarem em grupo não significa que haverá entre eles uma tal sinergia de ideias que resulte numa ação conjunta. A inteligência afluyente é aquela que permite ao coletivo lidar com o imprevisto, que lhe dá flexibilidade na ação.” (COSTA, 2004, s/p.)

Neste ponto nos parece importante destacar o conceito de inteligência conectiva de

50 Grupo ou lista de e-mails compartilhados.

51 Os termos wiki e WikiWiki são utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo. O que faz o wiki tão diferente das outras páginas da Internet é certamente o fato de poder ser editado pelos usuários que por ele navegam. Fonte: Wikipedia, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>>, acessado em 20/07/2010.

52 *Content Management Systems* – CMS, ou Sistema de Gestão de Conteúdo - SGC, é um sistema gestor de *websites*, portais e intranets que integra ferramentas necessárias para criar, gerir (editar e inserir) conteúdos em tempo real, sem a necessidade de programação de código, cujo objetivo é estruturar e facilitar a criação, administração, distribuição, publicação e disponibilidade da informação. A sua maior característica é a grande quantidade de funções presentes. Fonte: Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_gerenciamento_de_conteudo>, acessado em 20/07/2010.

53 *Cloud computing*, ou computação em nuvem, refere-se à utilização da memória e das capacidades de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da Internet, seguindo o princípio da computação em grade. O armazenamento de dados é feito em servidores que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas, serviços ou de armazenar dados. O acesso a programas, serviços e arquivos é remoto, através da Internet - daí a alusão à nuvem. Fonte: Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Computacao_em_nuvem>, acessado em 20/07/2010.

Derrick De Kerckhove.

Para o pensador canadense, o computador proporciona a retomada do controle sobre a tela, perdido com a televisão, o que conduz, segundo De Kerckhove, a uma mudança, "*de uma cultura de sensibilidade de leitor, telespectador, espectador, para uma cultura de usuário e interagente*" (DE KERCKHOVE, 1999, p. 26). E as associações possíveis para a mente são intensamente potencializadas pela *World Wide Web*, a qual, de certa forma, permite cultivar e recombinar as ligações fora da mente, já que "*o que encontramos na rede não está em nossa cabeça, mas numa tela*" (DE KERCKHOVE, 1999, p. 25). Nesta lógica, então, a mente conectiva surgiria como o passo seguinte em relação à mente do indivíduo (formada pela leitura e pela escrita) e à mente coletiva (criada pelo rádio e pela televisão) (DE KERCKHOVE, 1999).

Assim, a conectividade deve ser vista como a união mental das pessoas em rede. Para De Kerckhove, a interatividade, a hipertextualidade e a conectividade juntas constituem a base da planetarização das pessoas comuns, assim como das organizações, das nações e dos continentes. Em função disto, De Kerckhove defende o surgimento de uma "inteligência conectiva", uma arte das ligações e desligações nas redes (DE KERCKHOVE, 1999).

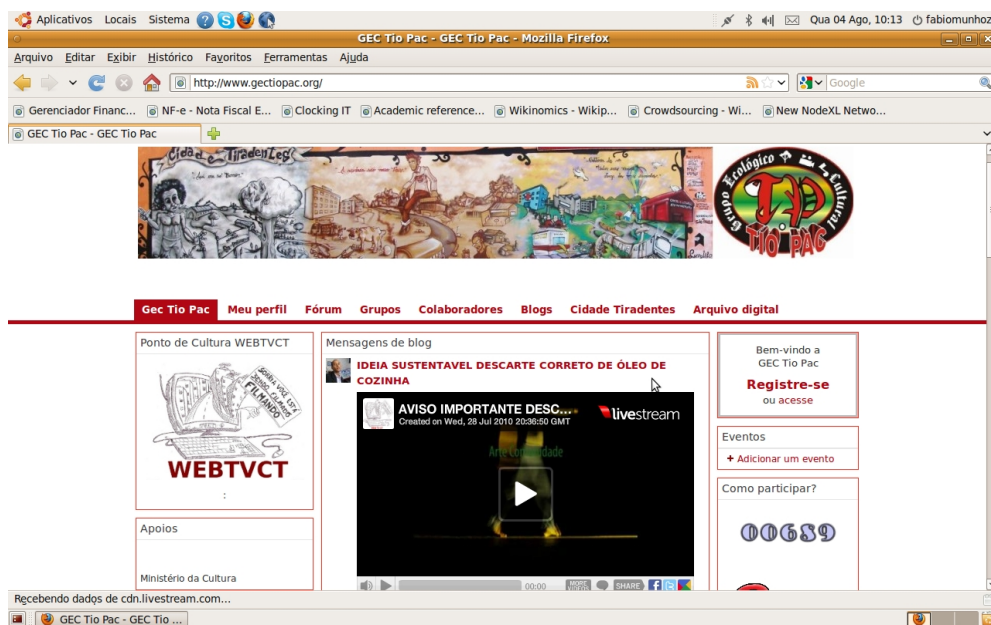
A mente conectiva não é apenas o individual retirado do grupo, como a do leitor que não assiste televisão. Tampouco é parte de uma massa sem identidade, como a de uma pessoa que só assiste televisão e não lê. Nos encontramos em uma situação conectiva quando podemos cultivar e manter uma identidade privada, mas também compartilhar o processamento de informações com um grupo seletivo sem sermos eliminados pela identidade do grupo (DE KERCKHOVE, 1999, p.26). É neste ponto que, em nosso entender, a inteligência conectiva de De Kerckhove se diferencia da inteligência coletiva de Lévy: a explícita compreensão de que o coletivo não anula as singularidades de cada um dos fluxos que somos nas redes digitais, o que em termos práticos pode resultar em experiências de colaboração mais efetivas, na medida em que são consideradas estas singularidades envolvidas, em detrimento a uma postura coletivizante.

“O resultado é que os processos de informação e de organização social dela decorrentes (das redes) estão conectados e são individuais ao mesmo tempo. Os livros, em comparação, só promovem o individualismo, chegando a isolar as pessoas umas das outras, construindo uma comunicação silenciosa. O efeito dos livros resulta no aceleração do crescimento das mentes individuais e do individualismo das mentes (não estamos conectados com os livros, porque eles não permitem contribuições individuais). Rádio e televisão, por sua vez, são coletivos, dirigem-se a todos ao mesmo tempo: assim como os livros, neles não estamos conectados, porque eles não permitem contribuições dos

indivíduos em tempo real. A exceção que confirma a regra são os programas de rádio que envolvem participação telefônica. Trata-se, porém, de um formato muito fechado, extremamente seletivos, e são rigidamente moderados. Não há nada como os computadores para acelerar o processamento de informação humana individual. E a partir do momento em que foi organizado em redes, o conectado surgiu como alternativa ao individual e ao coletivo. A conectividade é um dos recursos mais poderosos da humanidade. É uma condição para o crescimento acelerado da produção intelectual humana.”
(DE KERCKHOVE, 1999, p.28)

É necessário, portanto, também tentarmos compreender como essas singularidades conectadas competem e cooperam nesses espaços das redes digitais, onde a lógica da colaboração praticamente elimina as possibilidades com as quais fomos acostumados a pensar diante de tal situação (competição e cooperação): apelar para estruturas reguladoras hierárquicas e autoritárias. Para tanto, inicialmente apresentaremos algumas experiências com as quais nos envolvemos mais diretamente ou proximamente – umas por conta desta pesquisa, outras não –, além de outras experiências que temos acompanhado como observadores.

2.1.1 – WEBTV Cidade Tiradentes: www.gectiopac.org



A WEBTV Cidade Tiradentes, ou WEBTVCT, é uma experiência de TV comunitária *on-line* na qual os programas e conteúdos são produzidos pela própria comunidade. Estamos diretamente envolvidos com essa experiência e talvez sua 'genealogia' ajude a entender como ali chegamos, além de nos fornecer subsídios para uma melhor compreensão de sua proposta e dinâmica.

O maior idealizador e articulador da experiência WEBTVCT é Cláudio Nunes de Souza, o Tio Pac⁵⁴: *videomaker*, ativista audiovisual, fundador da ONG 'Grupo Ecológico e Cultural Tio Pac' e morador do distrito de Cidade Tiradentes, no extremo leste da cidade de São Paulo.

“A minha infância foi igual à de todo negro que nasce e vive na periferia. Entrar na vida dos adultos muito cedo é regra. Ainda moleque comecei a trabalhar - fui engraxate, vendedor de sorvete, *office boy*, etc. Aos quinze anos entrei no Senai e aos dezessete me formei decorador ceramista. Um ano depois, sofri um acidente grave durante um jogo de futebol na empresa. As sequelas do acidente foram interpretadas como invalidez pelo RH da empresa e fui demitido. Diante disso, entrei em depressão. Procurando uma saída, aos dezenove fiz um (curso) de técnico eletrônico. O meu pai me incentivou muito. A família é muito importante pra segurar a onda. Logo depois me amasiei e tive três filhos. Acho que essa experiência pessoal me levou a uma preocupação com o próximo, o que me levou a desenvolver trabalhos sociais.”⁵⁵

“Eu era técnico em eletrônica, sou formado em eletrônica. E daí, um dia, do nada, conheci uma pessoa numa feira de artesanato aqui em Pinheiros⁵⁶ e essa pessoa disse, “Pô, conheço um cara que leva oficinas de vídeo pra periferia”, “Pô, legal”, eu pensei ... daí eu levei essa oficina pra Cidade Tiradentes e entrei como aluno também.

Cara, do nada, o bagulho me deu um estalo e eu falei, “Putá que pariu, é isso que eu quero pra minha vida ... acho que é isso que eu vou fazer na vida”. Daí eu comecei, fui atrás de todas as informações que me passaram, não foi fácil ... mas o bagulho me contaminou mesmo. O vídeo entrou como um vírus na minha vida ... já tentei parar por algumas vezes, mas não consegui.”⁵⁷

“E o que aconteceu realmente pra me integrar e inserir foi a nova tecnologia. Por que o barateamento da tecnologia, da câmera digital, foi isso que possibilitou realmente muitas pessoas entrarem no audiovisual. E inclusive gerar renda ... eu vivo do vídeo, hoje em dia.”⁵⁸

“A gente tem muitas frustrações ... de ordem financeira mesmo. Daí aparece um monte de proposta de emprego, propostas boas, interessantes mesmo. Por exemplo, trabalhar no administrativo do Itau ... fui, fiz tudo, tava tudo certo. Daí eu parei, voltei pra trás, devolvi a ficha pra mulher lá e disse, “Putz, desculpa aí, mas não é o que eu quero ... não é mesmo”. Daí eu cheguei, comentei com meu pai e ele, “Você é louco!”, daí eu, “Não é, pai ... eu não sei o que acontece, mas eu não consigo mais, não tem jeito” ... porque o vídeo é uma coisa que te dá liberdade, é gostoso por isso ... contar uma história, inventar uma história, isso é uma coisa muito fascinante e me seduziu mesmo ... mesmo diante de todas as dificuldades.”⁵⁹

54 Brincadeira com o nome do *rapper* e ativista social estadunidense Tupac Shakur, ou 2Pac, como era conhecido.

55 Entrevista disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/043/43netto.htm>>

56 Bairro na zona oeste da cidade de São Paulo

57 Entrevista em vídeo, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6ZOHr3pgi10&feature=related>>

58 Entrevista em vídeo, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=3RI4MP5gB7Y>>

59 Idem 57

“Nós fizemos um projeto, há uns dois anos atrás, e colocamos todos os nossos filmes nas locadoras da comunidade para que as pessoas tivessem acesso gratuito a eles. Era assim: a pessoa alugava, por exemplo, 2 filmes e como brinde levava uma terceira fita com nossos filmes. Isso deu um puta reconhecimento ... embora tapa nas costas não pague minhas contas, mas é muito gratificante.”⁶⁰

É no distrito de Cidade Tiradentes que está localizado o maior conjunto habitacional (COHAB) da América Latina, com aproximadamente 265 mil habitantes, segundo dados do IBGE e da Fundação Seade. Esse distrito está localizado a cerca de 40 km da região central de São Paulo. Em 2006, o desemprego entre os jovens (16 a 29 anos) chegava a quase 22%. Tem uma das piores rendas médias do município. O único equipamento cultural do distrito, segundo dados da prefeitura paulistana, é uma biblioteca. Uma região bastante estigmatizada pela violência.

“100% dos vídeos sempre falando da realidade, de uma forma positiva. A violência é real, existe, mas não é isso que a gente quer trabalhar ... a gente quer mostrar o que a grande mídia não aborda: as atividades culturais, o calor humano da periferia, os bailes, os *points* ... então a gente faz os vídeos apresentando nossa comunidade de uma forma positiva.”⁶¹

Nosso encontro com Cláudio aconteceu durante o II Seminário Mídias Nativas⁶², em 2008. Desde então viemos dialogando sobre como, num primeiro momento, ampliar sua produção junto à comunidade e, num momento posterior, envolver a comunidade nesse processo de produção. Já àquela época, ele tinha a ideia de utilizar a internet.

“Nós vamos colocar no ar um site para poder exibir toda nossa produção na web.”⁶³

Aquele modelo residia numa perspectiva analógica, tomando a internet como a possibilidade de um espaço de exibição. Ainda dentro dessa mesma perspectiva, havia o desejo por parte do Cláudio de conseguir uma concessão de TV comunitária, onde a população de Cidade Tiradentes pudesse se reconhecer e ser reconhecida. De nossa parte, pensávamos em criar na internet espaços interativos através dos quais a comunidade pudesse participar mais ativamente das produções.

60 Idem 57

61 Idem 57

62 Seminário organizado pelo Centro de Pesquisas Atopos, da ECA USP, durante o qual foram apresentadas experiências midiáticas de populações que historicamente sempre estiveram à margem da produção midiática.

63 Idem 57

Muito conversamos sobre essas ideias, outras pessoas se juntaram a essa conversa, outras ideias foram surgindo, muitos cacos dessas ideias foram ficando pelo caminho. Por fim, ou por enquanto, a WEBTVCT surge como um colorido mosaico formado por esses cacos de ideias.

Esse mosaico foi transformado em um projeto que ao final de 2009 foi contemplado pela Secretaria de Estado da Cultura e Ministério da Cultura com recursos financeiros para sua implementação como Ponto de Cultura⁶⁴.

Hoje, além de programas e matérias produzidos pela equipe – formada por voluntários moradores da comunidade – da WEBTVCT, há o oferecimento de oficinas de produção audiovisual para a comunidade, com objetivo de oferecer subsídios técnicos para que os participantes destas oficinas tornem-se os novos produtores de conteúdo da *webtv*. As oficinas abordam desde as etapas de pré-produção dos vídeos até o processo de divulgação dos mesmos, passando por aspectos teóricos e proporcionando experiências práticas que tornam o processo muito mais lúdico.

Já a partir das oficinas, e principalmente após passarem por elas, os interessados participam das reuniões de pauta, das construções de roteiros, das produções e, uma vez que não há como absorver todos nas atividades internas da WEBTVCT, são estimulados a transformarem-se em produtores independentes, que contam com o espaço da WEBTVCT, seja para a exibição e divulgação, seja para apoio técnico e logístico. Nesse sentido, a WEBTV Cidade Tiradentes também é um ponto de apoio à produção audiovisual.

Todos os materiais produzidos podem ser publicados na plataforma YouTube⁶⁵ ou LiveStream⁶⁶, por exemplo, e incorporados ao *site* da WEBTV Cidade Tiradentes, o qual foi construído em uma plataforma Ning⁶⁷, voltada para criação e gerenciamento de comunidades virtuais, o que facilita a conexão entre os colaboradores. Através desta plataforma, além do conteúdo audiovisual, os colaboradores podem interagir com textos, fotos e áudios.

Os vídeos ficam espalhados através das plataformas de publicação da preferência do colaborador e sua incorporação ao *site* da WEBTVCT é recomendada justamente para facilitar e potencializar a difusão e divulgação das produções. Ou seja, ao mesmo tempo em que se

64 Ação do Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura, em São Paulo realizado em parceria com a Secretaria de Cultura, que consiste no repasse de recursos para grupos e organizações culturais a fim de que ampliem e intensifiquem suas atividades junto às comunidades nas quais estão inseridos.

65 YouTube é um *site* que permite que seus usuários hospedem e compartilhem vídeos em formato digital.

66 O LiveStream, assim como o YouTube, também é um *site* que permite aos usuários hospedar e compartilhar vídeos, além de disponibilizar recursos para realização de transmissões ao vivo.

67 Ning é uma plataforma *online* que permite a criação e gerenciamento de redes sociais. Cada usuário pode criar a sua própria rede social e aderir a redes de usuários que partilhem os mesmos interesses. Ao contrário de redes generalistas como o Hi5, Orkut ou Facebook, que condicionam a rede social à interação pessoal, o Ning permite o compartilhamento de interesses específicos. Fonte: Wikipedia, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ning>>, acessado em 20/07/2010.

estimula a descentralização das produções, se estimula também a agregação dessas produções em um mesmo (mas não único) espaço de exibição que potencialize sua visualização, interação e reverberações pela comunidade.

Em termos editoriais, não há parâmetros definidos de maneira formalizada, porém, sempre levando-se em conta cada contexto de produção, há algumas expectativas técnicas, estéticas e de conteúdo. Até mesmo por ser uma experiência que ainda dá seus primeiros passos, não houve casos em que uma produção teve que ser retirada do *site* da WEBTVCT, mas o que se espera é que diante de uma situação dessas, os próprios colaboradores estabeleçam um consenso sobre o que fazer.

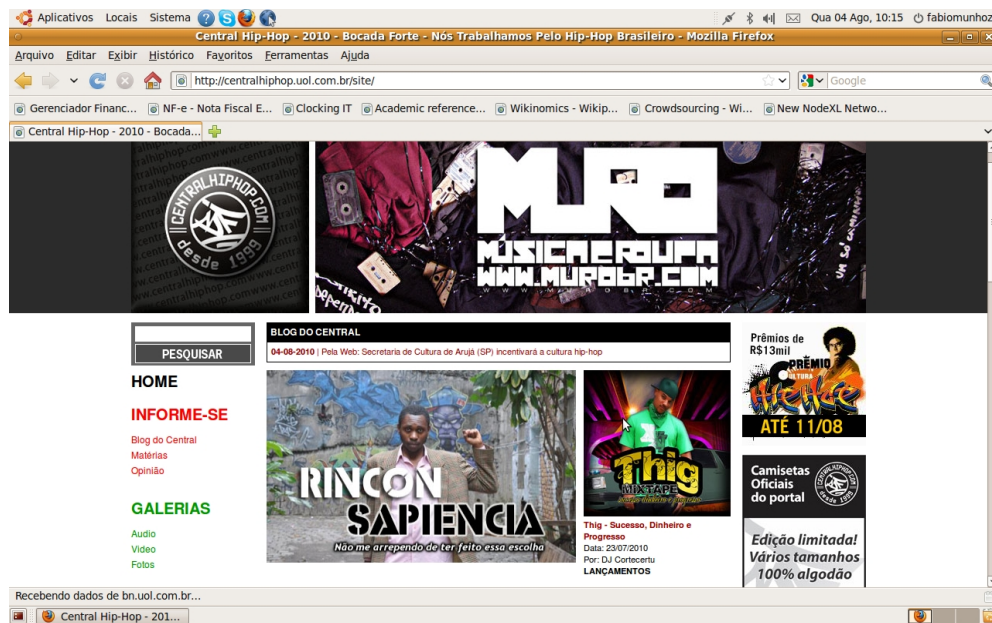
Já a equipe da WEBTVCT é formada basicamente por aqueles que cuidam da administração burocrática e financeira da experiência e por aqueles cuidam do conteúdo. Formalmente, a coordenação cabe ao Cláudio, porém, na prática todos esses papéis se misturam e as decisões normalmente surgem a partir de um 'consenso empírico', isto é, a partir dos erros e acertos das práticas o grupo vai tateando novas possibilidades.

A mobilização dessa equipe fixa de colaboradores é, sem dúvidas, o maior desafio da experiência neste momento. Apesar de haver um sentimento e uma vontade comuns no sentido de apropriação e realização da, e através da, WEBTVCT, algumas necessidades mais básicas surgem como barreiras a uma participação e colaboração mais efetivas. A questão financeira, principalmente, faz com que muitos interessados em colaborar mais ativamente, tenham que se afastar.

O fato é que sem poder contar com colaboradores fixos de forma mais ativa, a difusão da iniciativa através da comunidade, e conseqüentemente a adesão de mais colaboradores, caminha mais lenta do que se desejava. Por mais simples que sejam os recursos hoje disponíveis para produção de vídeos e sua publicação na internet, ainda assim requerem, principalmente, uma disponibilidade de tempo que aquelas pessoas nem sempre possuem, pois estão, na maioria das vezes, presas à chamada dupla jornada: 'trabalhar-cuidar da casa e dos filhos' ou 'trabalhar-estudar' ou 'trabalhar-trabalhar'.

Enfim, o mosaico segue se modificando.

2.1.2 – Bocada Forte: www.bocadaforte.com.br



Surgido em 1999, em alguns anos o site Bocada Forte tornou-se referência em *hip hop* na internet. Com o propósito de divulgar a cultura de rua, o Bocada Forte, ou BF, como também é conhecido, apresenta-se sob o formato de um portal no qual são inseridas as colaborações divulgando artistas, iniciativas, entrevistas e eventos relacionados ao *hip hop*, de tal forma a dar visibilidade a essa cultura. Sobre o princípio da experiência, André Cesário, um dos idealizadores do portal, comenta:

“No início, a ideia era apenas divulgar um grupo de *rap* de uns amigos do meu bairro chamado Urbanos MC’s, que naquela época já transformavam os poemas de Mário de Andrade em *rap*. O resultado dessa transformação levou o grupo a fazer shows em dezenas de cidades do interior de São Paulo, com o espetáculo “Pru Mano Mário” que fazia parte do projeto “Coração dos Outros: Saravá – Mário de Andrade”, do SESC São Paulo.

Nessa época, estava na faculdade de Publicidade e Propaganda e percebi que era uma boa oportunidade de divulgar o grupo, já que o *rap* tinha se popularizado, principalmente fora das periferias, por conta do disco dos Racionais, “Sobrevivendo no Inferno”.

Mas não tínhamos dinheiro para pagar as mídias tradicionais. Foi aí que surgiu a ideia de utilizar a *internet* para a divulgação do grupo. Eu não sabia nada dessa novidade, então comecei a pesquisar como poderia fazer uma *homepage*. Fiz um cursinho de HTML e assim comecei um esboço no papel de como seria a página. Rabisca daqui, rabisca dali, surge o Fábio e o Rodrigo, que estudavam comigo.

(...)

Rodrigo gosta muito de *rap*, *breakbeat* e funk, além disso desenha muito, fizemos um pequeno *brainstorm* e surgiu o nome Bocada Forte. Foi ele quem desenvolveu os dois logotipos que usamos até hoje.

O Fábio viu os esboços e perguntou qual era a ideia, apresentei o pequeno projeto pra ele que prontamente se mostrou disposto a ajudar, pois já manjava

um pouco de HTML.

Passamos algumas semanas pesquisando na própria internet se tinha algum site que falava de *hip hop* e descobrimos que 90% das páginas pessoais (não existiam blogs nessa época) falavam de Racionais e Thaíde e Dj Hum.

No dia 13 de maio de 1999 colocamos o Bocada Forte no ar, apenas com o material dos Urbanos MC's. Logo no início percebemos que o site era muito grande para divulgar apenas um grupo de *rap*. Fizemos uns *flyers* em sulfite e começamos a divulgar em todos os eventos possíveis. O pessoal abraçou a ideia e começou a enviar materiais.

(...)

Como hoje, muitos artistas praticamente eram independentes, pois as gravadoras não divulgavam de forma eficiente os artistas de *rap*, então a gente se oferecia pra dar uma ajuda com o site. ”

André Cesário⁶⁸

“Vários artistas, que na época eram muito novos, ainda estariam no anonimato se não existisse um veículo com uma pessoa séria e compromissada com a Cultura de Rua a frente. Representantes de diversas partes do país tinham o seu destaque e uma visibilidade nacional, dessa forma foi possível que todos se conhecessem e soubessem o que acontecia em outras partes do país.”

Gil⁶⁹(ex-editor do BF, idealizador da Revista Elementos)

“O negócio era feito sem muitas pretensões. A gente não a tinha a pretensão de “Ah, vamos ser os maiores”, não ... a gente fazia, ia inserindo conteúdo, inserindo conteúdo, e quando a gente foi ver o negócio estava muito grande.”

Gil⁷⁰(ex-editor do BF, idealizador da Revista Elementos)

O grupo que faz a administração e moderação é formado, segundo eles próprios, por 'administradores', 'coordenadores' e 'colaboradores'. Na prática essa distinção não parece tão clara e de forma geral eles se dividem entre as tarefas para sustentabilidade do site, como busca de patrocínios e parcerias, e tarefas relacionadas ao gerenciamento de conteúdo. Os chamados 'colaboradores' são pessoas envolvidas com a cultura *hip hop* que regularmente contribuem com conteúdos para o site.

Além disso, o conteúdo também é construído pelo que eles denominam 'usuários' do site. Ou seja, visitantes mais interessados ou diretamente envolvidos com a cultura *hip hop* que realizam um cadastro, simples e gratuito, e que a partir de então podem enviar suas contribuições no formato de textos, áudios, fotos e vídeos.

Os parâmetros para participação no site são regulados por alguns processos de moderação e regras editoriais que restringem, basicamente, conteúdos comumente considerados como ofensivos, preconceituosos, obscenos ou de exclusivo caráter promocional. Esses parâmetros são apresentados em uma página chamada 'Políticas de Uso'⁷¹, sobre a qual,

68 Entrevista disponível em <<https://perraps.wordpress.com/2009/07/25/bocada-forte-10-anos-de-resistencia/>>

69 Idem 68

70 Entrevista em vídeo, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=3RI4MP5gB7Y>>

71 Disponível em <http://centralhiphop.uol.com.br/site/?url=institucional_detalhes.php&categoria=Políticas>

espera-se, todos os 'usuários' tenham ciência.

“Em 2001, passei a ser colaborador e colunista do Bocada Forte. Eu sempre mandava alguns textos para o Gil que, na época, era o responsável pelo conteúdo do site. O início do BF se localiza no período em que o *rap* brasileiro passou por uma transição – novos artistas começaram a desenvolver outras abordagens em suas músicas.

O *rap* tinha consolidado sua mensagem política, livros, teses e documentários foram lançados sobre esse tema, o *rap* também se afastou dos outros elementos, mas os intelectuais e jornalistas não percebiam o que estava se desenvolvendo entre os jovens que gostavam de *rap* e também curtiam *skate*, internet e outras tecnologias. As cenas política e econômica também contribuíram para um novo comportamento, com uma sensação de estabilidade e crédito fácil, creio que as pessoas passaram a se identificar com outros temas, muitos artistas surgiram nessa *vibe*, houve desconfiança e conflitos de ideias. Esses fatos estão na formação do Bocada Forte.”

DJ Cortecertu⁷²

“O maior desafio do site sempre foi se manter atualizado, tanto no conteúdo como nos novos formatos de *web*. Quando você está há muito tempo no ar, acaba se acostumando e se acomodando com sua forma de atuação.

Nosso foco fica na busca constante de ferramentas e tecnologias para que possamos manter um conteúdo diversificado e atrativo pro público.

Não é uma tarefa fácil, mas quando se faz algo com amor, as coisas acontecem. É por isso que estamos aí há 10 anos! Todos que passaram se dedicaram e deram sempre sua energia pelo *site*, da forma mais positiva.”

Fábio Pereira⁷³

“O portal Central Hip Hop / Bocada Forte⁷⁴ sempre prezou pela participação das pessoas; desde o início foi assim. E o trabalho duro é para torná-lo cada vez mais aberto à interação, de uma forma sempre justa e democrática, abrindo espaço pra todos os artistas e ativistas da cultura de rua que queiram promover suas ideias e seus trabalhos no BF. É uma luta diária, pois a gente tem, além da ocupação com o portal, nossos compromissos profissionais diários, o que muitas vezes limita nossa capacidade de ação.

Mas a gente segue firme porque acredita no veículo, no poder que ele tem e na contribuição que ele dá à cultura *hip hop* nacional. Esses dias ouvi alguém dizendo: “Somos todos amadores”. E hoje eu compreendo o que ele quis dizer... Fazemos por amor! Aqui, de certa forma, não existe um “profissionalismo extremo”, porque o amor à cultura é o que nos move... O “melhorar” é uma constante pra gente e toda ideia e contribuição será bem-vinda.”

Diego 'Noise D'⁷⁵

[%20de%20uso>](#)

72 Idem 68

73 Idem 68

74 Recentemente o portal passou a também atender pelo nome Central Hip Hop, como forma de melhor circunscrever todos os elementos da cultura. Porém, a 'marca' Bocada Forte, muito forte e, de certa forma, referência na internet, continua presente.

75 Idem 68

“Daí, quando ele foi formar essa rede, essa pessoa que nos convidou pra formar essa rede foi para a Espanha e descobriu lá um site muito grande também, chamado '4 x 4 Hip Hop'⁷⁶. E daí ele conheceu o cara que começou esse site e esse cara disse pra ele que quando começou, sua referência de *hip hop* na internet era o Bocada Forte. O cara nem entendia bem português, mas pelo lance visual, a referência dele era o Bocada ... inclusive, na época, o site deles era, visualmente, bem parecido com o Bocada.”

Gil⁷⁷(ex-editor do BF, idealizador da Revista Elementos)

2.1.3 – Overmundo: www.overmundo.com.br



Overmundo é um *site* colaborativo sobre a cultura brasileira lançado em março de 2006 com o objetivo de dar visibilidade na internet à produção cultural brasileira que não é vista na grande mídia. Ele conta com artigos, um guia cultural das cidades brasileiras, uma agenda cultural e um banco de produtos culturais digitais. Qualquer visitante pode criar uma conta e publicar, votar ou sugerir edições ao conteúdo do site. Possui aproximadamente 1 milhão de visitantes únicos mensais e uma média de 1,5 milhão de *pageviews*/mês.

“O Overmundo é um *website* colaborativo dedicado à difusão da produção cultural brasileira e das comunidades de brasileiros no exterior, com foco em seus aspectos que não costumam receber cobertura da grande mídia. Seu principal objetivo é dar visibilidade a essas experiências.

(...)Foi criado pelo Movimento Núcleo de Ideias, formado por Hermano Vianna, José Marcelo Zacchi, Ronaldo Lemos e Alexandre Youssef, por meio de patrocínio da Petrobras. Hoje, o *site* é administrado pelo Instituto Overmundo. A motivação principal para seu surgimento aponta para a solução do dilema descrito acima, que se refere à dificuldade de difusão da produção cultural brasileira a partir dos meios de comunicação tradicionais.

⁷⁶ <http://www.4x4hiphop.com>

⁷⁷ Idem 70

(...)Hoje há cerca 40 mil usuários cadastrados.”

Viktor Chagas⁷⁸ – Coordenador Editorial do Instituto Overmundo

“Algumas pessoas gostariam de escrever no Overmundo sobre outros assuntos (política, meio ambiente ou mesmo rock inglês ou cinema norte-americano etc.) e sugerem um foco bem mais amplo para o *site*. Realmente seria mais cômodo aceitar todo tipo de conteúdo: teríamos maior audiência e muito mais colaborações. Mas obviamente quem desapareceria do site seria a diversidade regional cultural do país. Os assuntos que já têm mais visibilidade em outros *sites* e na imprensa social certamente também passariam a dominar no Overmundo, já que são mais populares e quase todas as pessoas têm algo a dizer sobre eles. Por serem populares há muitos outros *sites* dedicados a esses assuntos. Mas não há nenhum outro com o foco do Overmundo.

Por isso nos mantemos firmes em nossa missão inicial: queremos sim dar destaque para a produção cultural regional brasileira que não tem espaço em outros lugares. Há outros problemas no Brasil, além da falta de visibilidade da maioria de sua produção artística? Claro que há! Nossa produção cultural poderia lucrar com melhor educação ou melhor política partidária? Claro que sim! Mas o Overmundo não surgiu para resolver todos os problemas e sim um deles, muito específico (mas nem por isso menos fundamental). Achamos que se quiséssemos resolver todos os problemas, acabaríamos não chegando a lugar nenhum. E foi por manter foco claro que o Overmundo se tornou referência importante para qualquer pessoa que quer conhecer melhor a produção cultural brasileira via internet.

(...)Outras pessoas já confundiram nosso foco exclusivo na produção cultural de brasileiros com xenofobia. Nada pode estar mais errado: não há nada xenofobo no Overmundo. Certamente valorizamos a produção cultural de outros povos e países. Sabemos que as diferentes culturas se influenciam umas às outras, de maneira muitas vezes enriquecedora. Mas repetimos mais uma vez: é uma questão de foco, e de criar espaço para aquilo que não recebe destaque em outros lugares. *Sites* - ainda como exemplo - sobre o cinema asiático ou europeu (para não falar naquele produzido em Hollywood) há vários. Mas sites que abordem a dança piauiense ou os *games* catarinenses há pouquíssimos. Manter esse foco é resultado direto de nossa crença de que muito mais gente precisa conhecer a diversidade cultural brasileira. Outros sites podem se dedicar a revelar outras diversidades. O código do Overmundo, que é aberto, pode ser usado também para a construção desses sites.

Por ter este foco bem definido e por prezar o bom andamento das rotinas editoriais, o Overmundo tem regras claras sobre o que pode ser publicado no *site* como um todo e em cada uma de suas diferentes seções. Essas regras tornam nosso conteúdo mais facilmente encontrável e visível na internet. Um sistema de alertas está disponível para que os usuários ajudem a identificar colaborações que não tratem da produção cultural brasileira, ou que tenham conteúdo ofensivo ou *spam*. A partir desses alertas, a Equipe Overmundo pode retirar colaborações que tragam violações a seus termos de uso ou não se encaixem em sua proposta editorial. Os alertas servem também para ajudar a manter o site organizado. O Overblog recebe reportagens, entrevistas, críticas culturais; o Banco, obras culturais (músicas, livros, poemas, teses, vídeos etc.); o Guia, dicas de lugares e eventos periódicos nas cidades brasileiras; e a Agenda, programação cultural. ”⁷⁹

78 Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

79 Proposta editorial do Overmundo. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/estaticas/proposta_editorial.php>, acessado em 02/05/2010.

Além desses parâmetros editoriais, há uma página chamada Termo de Uso onde são esclarecidas e formalizadas as esferas de responsabilidades e as condições para as colaborações. Viktor Chagas, coordenador editorial do Overmundo, afirma que frequentemente conteúdos são excluídos por violarem esses termos. Ele explica como isso acontece:

“O Overmundo conta com um mecanismo de moderação descentralizada. Hoje, qualquer colaboração pode ser alertada por qualquer usuário cadastrado. O usuário indica quais são as razões de seu alerta e a equipe Overmundo avalia sua procedência. Já testamos outros formatos de alerta, sempre com base nas ações da própria comunidade, alguns mais e outros menos descentralizados - este é o que tem dado melhores resultados até aqui.”⁸⁰

Todo o conteúdo publicado usa uma licença Creative Commons.

“O Overmundo é um projeto colaborativo e é construído através da contribuição dos usuários do *website*, que se valem dele enquanto canal de comunicação para a postagem de suas obras. O Overmundo é também um *website* cujo conteúdo é licenciado através de uma licença Creative Commons (www.creativecommons.org.br), que permite e autoriza o compartilhamento de todo o seu conteúdo, respeitados os critérios definidos pela própria licença. A política geral de publicações do Overmundo é de que, você, como autor ou titular de direitos daquilo que envia para o *site*, continua sendo o detentor dos direitos sobre as obras que enviar, apenas autorizando a sociedade e o Overmundo, em caráter NÃO-EXCLUSIVO⁸¹ (isto é, isto não impede que você ceda e transfira os direitos sobre seus materiais para outros veículos e pessoas, ou mesmo que republique-os em outros veículos e mídias sempre que quiser) com relação ao exercício de alguns direitos. Diferente de outros *websites*, o Overmundo não exige que você ceda e transfira todos os seus direitos para o próprio Overmundo. No entanto, para garantir a liberdade de acesso ao seu conteúdo e dentro do espírito colaborativo do próprio projeto, todo o conteúdo do *website* é licenciado através de uma licença Creative Commons (www.creativecommons.org.br). O Creative Commons permite que você preserve seus direitos de autor sobre suas obras, sejam elas de qualquer natureza (textos, filmes, fotos, músicas, animações, etc). Permite também que você autorize alguns usos do seu trabalho para toda a sociedade. A licença oficial do Overmundo é a chamada Atribuição-Uso-Não-Comercial-Compartilhamento pela Mesma Licença que pode ser entendida facilmente acessando a seguinte página: (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/deed.pt>) Essa é a licença aplicável sobre sua contribuição. Além disso, ao contribuir para o Overmundo, você autoriza pelo prazo de proteção dos direitos autorais o próprio Overmundo a utilizar seus conteúdos no âmbito do próprio *site*, permitindo o seu arranjo e rearranjo com outros conteúdos. O Overmundo também terá o direito de recusar, remover ou alterar conteúdos a qualquer tempo. O usuário que disponibiliza qualquer conteúdo através do Overmundo declara e garante que é titular de todos os direitos de propriedade intelectual sobre os textos e quaisquer outros materiais por ele submetidos para o *site*, mesmo que não seja ele o autor da obra, garantindo que todas suas contribuições não violam direitos de terceiros. O Overmundo não faz qualquer verificação sobre essa titularidade e sobre eventual violação de direitos de

80 Idem 78

81 Grifo do *site*

terceiro. Qualquer violação de direitos de terceiros pode ser reportada através do botão 'Alerta', disponível em todos os conteúdos publicados no *site* por seus usuários, conforme as definições dos presentes termos de uso.”⁸²

Sobre esse processo de colaboração e de credibilidade dos conteúdos, Viktor Chagas esclarece:

“Os overpontos organizam a ordem de destaque com que cada conteúdo aparece dentro do Overmundo. São calculados a partir de um algoritmo matemático que leva em consideração a quantidade de votos que cada conteúdo obteve e também o tempo de postagem de cada conteúdo no site. Até recentemente, o Overmundo contou com uma experiência de moderação que buscava hierarquizar a participação de seus colaboradores. Quanto mais conteúdos postados, comentários feitos, votos distribuídos e recebidos, e quanto mais diversidade em seus trabalhos o colaborador exibisse, mais acumularia pontos de "karma". Esta experiência, contudo, foi abolida em uma de nossas últimas revisões. Hoje, todos os colaboradores possuem o mesmo peso de voto e a mesma hierarquia no site.”⁸³

“Não sei se compreendo perfeitamente teu ponto de vista quando se refere a um "controle colaborativo". Mas se, com esta expressão, quer indicar os mecanismos de moderação descentralizados, acredito que há, é claro, uma pluralidade de fatores capazes de reger este controle, tornando-o mais ou menos eficaz. O modelo que adotamos hoje não é o primeiro e não será o último, mas acreditamos que, até o momento, ele tem gerado bons frutos. Por mesclar um cenário altamente descentralizado (qualquer um pode alertar) com um cenário de agregação (um equipe avalia e procede a resposta final), inibimos as ações de grupos de usuários guiados plenamente por seus interesses. Disputas entre grupos são frequentes em ambientes colaborativos e o papel de uma equipe de moderação é coibir os conflitos, permitindo o debate e a crítica. Por isso, a etapa final do processo, que envolve sem dúvida uma espécie de centralização, pode e continua a ser enxergada com base na premissa falaciosa da censura. Conteúdos alertados e retirados são alvo de censura de um lado. Conteúdos alertados e não retirados são alvo de censura de outro. Essa crítica faz parte do ambiente democrático, uma vez que espaços plenamente editorializados, como um jornal ou uma revista, dificilmente as recebem.”⁸⁴

“Pouca gente se dá conta que a incrível abertura da internet colaborativa é permeada por um sistema de controle difuso em que todos moderam uns aos outros. Um usuário que colabora para um *site* desse tipo sabe e deve saber que está sob o olhar atento de seus pares. O que ele fala é constantemente avaliado. Seus erros são levantados – ou pelo menos podem ser. É o ideal clássico do panóptico de Bentham, que Foucault gostava de lembrar, traduzido para a cibercultura. E esse modelo de dispositivo de controle é muito mais rígido e também muito mais eficiente que o modelo tradicional de autoridade jornalística em que o público é levado a confiar num único ator político como porta-voz de seus interesses. Por que o jornalista é melhor que o jornalista cidadão? Quando se fala em jornalismo cidadão, não se pode esquecer que o jornalista é também, ele próprio, cidadão-jornalista.”⁸⁵

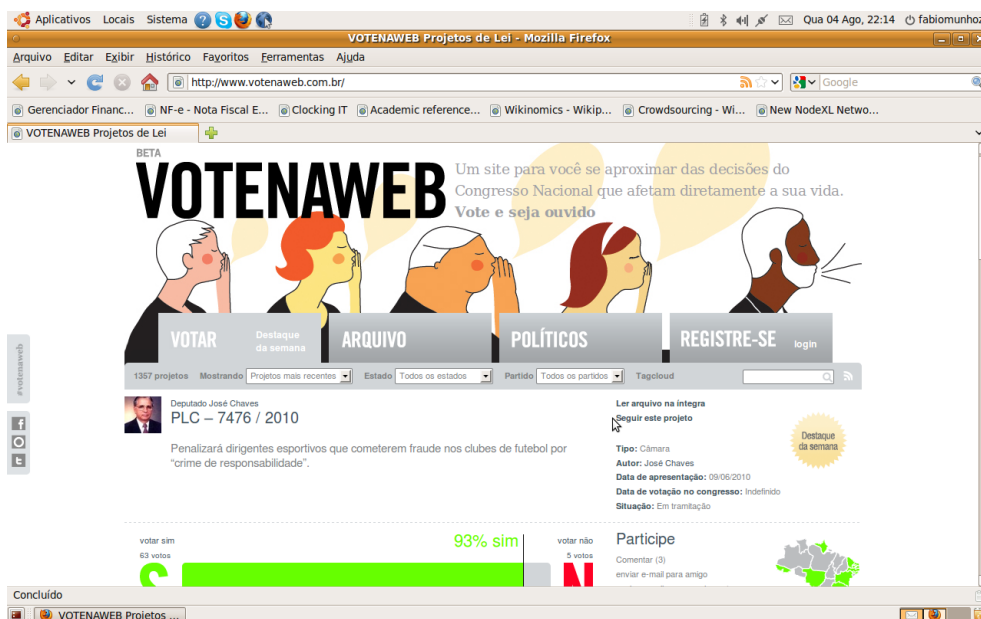
82 Idem 79

83 Idem 78

84 Idem 78

85 Entrevista disponível em <http://www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?

2.1.4 – Outras experiências



<http://votenaweb.com.br/>

“O Votenaweb é uma ferramenta desenvolvida pela WebCitizen⁸⁶ para aproximar o cidadão das decisões do Congresso Nacional que afetam diretamente a vida dele. A partir de uma interface clara, os projetos de lei são traduzidos de forma simples e objetiva, incentivando os internautas a participarem dos trabalhos que estão na pauta dos Deputados Federais e Senadores. Este projeto está totalmente alinhado à proposta da Webcitizen, uma empresa que visa aproximar cidadãos de seus governos e entre si, criando canais de participação através de plataformas digitais. Acreditamos que para os cidadãos se aproximarem da política é preciso aproximar as questões políticas deles, utilizando linguagens visuais e escritas acessíveis. Além de unir entretenimento e conhecimento. Todos os dados que utilizamos são públicos. Porém percebemos que apenas as pessoas já politizadas realmente conseguiram utilizar aqueles dados, pois eles são apresentados de forma pouco atrativa, visualmente, e em uma linguagem extremamente complicada e burocrática. Passamos, então, a trabalhar com estes dados para promover, de fato, uma transparência acessível a todos os cidadãos, sem exclusão.

(...) Para nós, a existência da ferramenta, com cerca de 4 mil usuários e mais de 80 mil votos, já é uma mudança concreta na sociedade. Uma mudança na mentalidade de 4 mil pessoas, que estão utilizando a web para se aproximar das decisões do governo. Provocar discussões entre os usuários sobre a aplicabilidade de uma lei é uma mudança: os mais informados explicam aos outros como a lei funciona. Como grande parte da divulgação é feita pelo twitter, os usuários percebem que agora é possível fazer algo. Isso é o início de uma transformação. Existe uma mudança, porém, que não conseguimos mensurar, mas que acreditamos que virá, uma maior consciência política sobre a importância do voto. Um momento decisivo e que deve significar muito mais

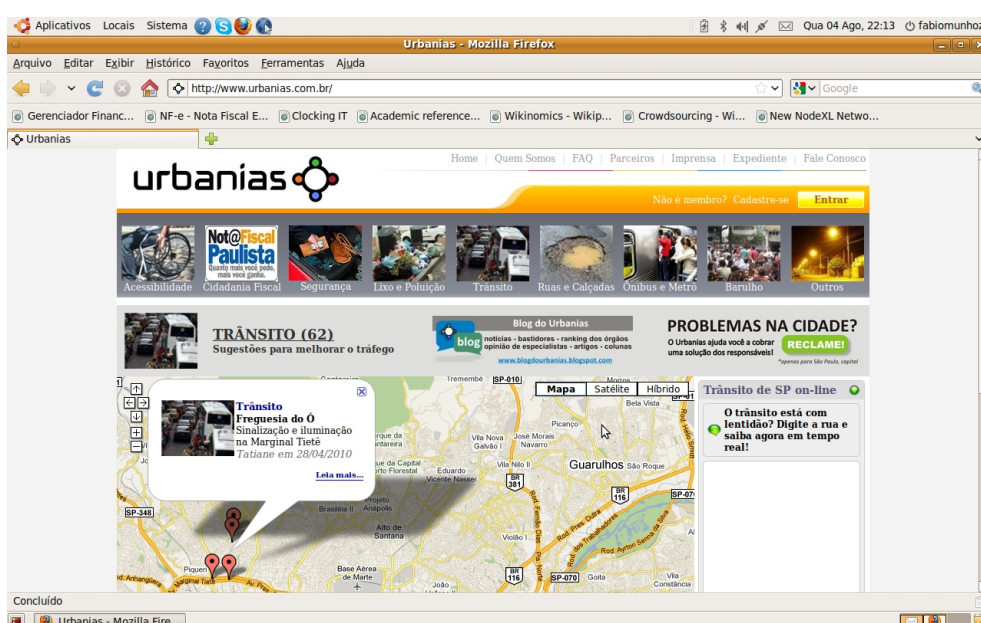
[panorama=226&tipo=E>](#)

86 <http://www.webcitizen.com.br>

do que a urna. Com o Votenaweb, queremos chamar atenção dos cidadãos para o fato de que o voto deles continua existindo todos os dias. E que, por isso, é importante que ele se aproxime destas questões. Por outro lado, esperamos que os políticos também se conscientizem de que representam os cidadãos e que a vontade deles deve reger as ações governamentais. Com o Votenaweb, o político também pode acompanhar qual é o interesse dos cidadãos e assim, identificar quais são as suas reais necessidades.

(...) a colaboração é feita através do voto e comentário de cada usuário nos projetos de lei apresentados no site. Muitos usuários nos trazem sugestões de mudanças e melhorias. Nós estamos trabalhando sempre com foco no desejo e necessidade dos cidadãos. Nossa proposta é aprender com o movimento orgânico da sociedade e evoluirmos juntos.”

Fernando Barreto – Idealizador Votenaweb⁸⁷



<http://www.urbanias.com.br/>

“O objetivo do Urbanias é tornar mais fácil o "consumo" de informações relevantes a vida nos bairros e cidades, baixando o "custo de transação" para as pessoas participarem e se mobilizarem. Inicialmente, interesse antigo sobre as questões da cidade, gosto pelo espaço público. Depois, aprofundamento sobre capital social, uso das TIC's⁸⁸ e MBA com foco em gestão pública. Tentativa de mesclar conhecimento/vivência empresarial com iniciativa na internet+móvel dar mais transparência na relação do cidadão com o estado e, potencialmente, induzir a melhora da gestão pública municipal.

(...) Os usuários é quem publicam os problemas que encontram em São Paulo. E comentam e apoiam outras causas. É um serviço para a população. E quando há grande participação nas demandas/tópico, mais relevância ele ganha.”

⁸⁷ Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

⁸⁸ Tecnologias da Informação e Comunicação

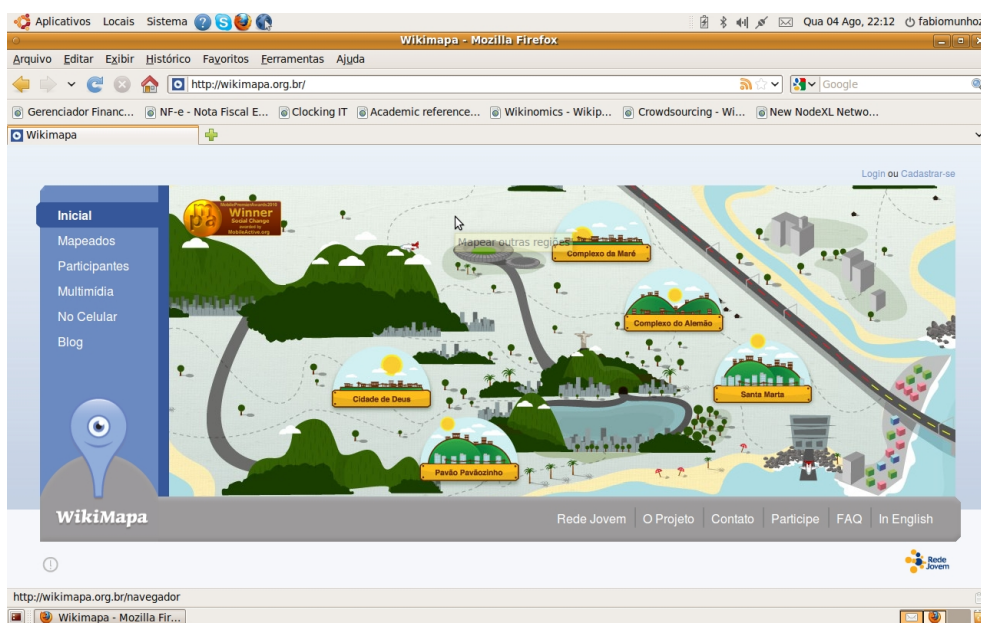
Ricardo Joseph – Idealizador Urbanias⁸⁹

“Você diz para nós o que está te incomodando – pode ser lixo na calçada do seu bairro, buracos na rua, regiões que alagam com as chuvas, estabelecimentos que não respeitam as leis de silêncio. Qualquer coisa que é seu problema é o nosso problema também. Assim que você faz a reclamação pra gente, entramos em contato com a prefeitura ou órgão público responsável para ter uma resposta e uma solução o mais rápido possível!

(...) Nós somos uma ligação entre você e o Poder Público. Faremos o possível para obtermos soluções e respostas dos órgãos competentes. Porém, o Urbanias não resolve diretamente nenhum problema – somos uma ferramenta para que você possa expor questões, ser ouvido e atendido.

(...) Há um modelo de documento para entregá-lo e acompanhar a resposta das autoridades responsáveis por resolver o problema. Posteriormente, a resposta é enviada para você (usuário que faz a reclamação) e publicada no site, para conhecimento dos outros usuários.

(...) Publicaremos em breve indicadores de eficiência (rapidez na respostas) e de efetividade (problemas solucionados) para cada órgão público da cidade de São Paulo. A comparação destas métricas mostrará claramente se uma determinada área tem boa ou má gestão. Desta forma, teremos os mecanismos necessários para cobrar dos representantes públicos as devidas melhorias não só nos fins, como nos meios. Esta transparência aliada à participação dos cidadãos terá a possibilidade de revolucionar as gestões municipais.”⁹⁰



<http://wikimapa.org.br/>

“A experiência tem por objetivo mapear locais de interesse público e ações locais em comunidades de baixa renda, criando um mapa virtual

⁸⁹ Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

⁹⁰ Disponível em <<http://www.urbanias.com.br/FAQ.aspx>>

georreferenciado, alimentado de forma colaborativa por moradores dessas comunidades, utilizando para isso o telefone celular – a partir de um aplicativo mobile criado pela Rede Jovem⁹¹ – e a internet.

Além de estimular a produção de conteúdo, com informações sobre a história e cultura da comunidade, objetiva-se ampliar o “olhar” dos jovens sobre o local onde moram, a partir do reconhecimento local, e aumentar a participação da juventude em eventos e oportunidades oferecidas por centros comunitários, ONGs e pelo poder público nesses locais.

A experiência em questão foi criada a partir da observação de que apesar da grande quantidade de favelas existente no Rio de Janeiro, poucas são as que têm seu mapa detalhado na Internet. Com quase dez anos de atuação no trabalho social voltado para a juventude de baixa renda através das novas tecnologias, notamos também que este era mais um fator segregador, que apenas reforça a lógica da exclusão que já existe no cotidiano dos moradores de comunidades populares. Nos mapas virtuais anteriormente existentes, muitos detalhes das comunidades carentes ficavam de fora. Há ruas - por exemplo - que são bastante comuns, conhecidas e utilizadas pelos moradores, mas não têm qualquer cadastro na prefeitura e não são identificadas nos mapas. Foi então com o objetivo de iniciar um processo de reversão desta realidade que o projeto foi desenhado, para que todos possam participar e enviar as suas informações.

(...) Atualmente conta com 609 colaboradores.

(...) A experiência conta com um núcleo de coordenação que gerencia o projeto e suas atividades e estratégias. O conteúdo é inserido de forma colaborativa, mas contamos com uma equipe que faz o monitoramento do que é publicado na ferramenta.

(...) Há algumas regras para publicação no site Wikimapa, não sendo aceitos, por exemplo, materiais que tenham qualquer conteúdo erótico, pornográfico, obsceno, difamatório ou calunioso ou que façam apologia ao crime, uso de drogas, consumo de bebidas alcoólicas ou de produtos fumígenos, violência física ou moral, ou, ainda, que atentem contra a violação de preceitos éticos e julgamentos de valores, que promovam ou incitem o preconceito (inclusive de origem, raça, sexo, cor e idade) ou qualquer forma de discriminação, bem como o ódio ou atividades ilegais. Ao se cadastrar no site para realizar mapeamentos, o usuário concorda com as regras do site e é informado de que publicações apresentadas em desconformidade com as diretrizes constantes deste regulamento e do site serão passíveis de análise e confirmação dos dados, antes de sua publicação. Na equipe de coordenação da Rede Jovem há profissionais responsáveis pelo monitoramento do conteúdo publicado e, eventualmente, pontos precisam ser retirados. Quando uma edição é realizada no mapeamento, aquele que mapeou inicialmente recebe um e-mail com todas as alterações feitas, mas antes o administrador precisa aprovar as alterações. Só quem pode apagar um mapeamento é o administrador ou a própria pessoa que o fez.

(...) Há ainda um fórum de discussão para que usuários possam conversar sobre ideias divergentes. Acredito que estes mecanismos contribuam para que as informações disponíveis no site tenham credibilidade entre os internautas.”

Nayara Marfim – Colaboradora Wikimapa⁹²

91 <http://www.redejovem.org.br/>

92 Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.



<http://www.adoteumvereador.net/> (entre outros)

“O Adote um Vereador surgiu da constatação de que a maioria dos cidadãos acredita que sua participação política se limita a votar no dia da eleição. Na realidade, é fundamental que o eleitor acompanhe o trabalho dos parlamentares. Como a maioria não consegue eleger seu representante - em SP são 8 milhões de eleitores e apenas 55 vereadores -, convidei as pessoas a adotar um vereador. O objetivo da iniciativa é acompanhar o trabalho dos vereadores, controlando seus atos e influenciando em suas decisões. E incentivar a participação do cidadão na política.

(...) Atualmente há cerca de 20 colaboradores.

A adesão é voluntária. Quem aceita participar, escolhe um vereador e passa a acompanhar o trabalho dele. Todas as informações levantadas - pelos meios de comunicação, internet, em conversa direta com o parlamentar ou qualquer outra fonte - devem ser publicadas em um blog, mantido pelo próprio adotador. Com isso cria-se uma rede ativa de cidadãos que pode ser acessada por todos os eleitores. A cobrança sobre os vereadores pode ser feita a partir de iniciativa individual ou a partir de temas propostos pela rede de cidadãos-adotadores.

Não há restrição a participação de pessoas. Nem o interesse de se ter uma visão única do trabalho parlamentar.

(...) O movimento se disseminou para outras cidades brasileiras, além de SP. Sendo que em Jundiaí, interior paulista, o Adote um Vereador já conseguiu - em parceria com ONGs e a sociedade civil - pressionar os vereadores a realizarem mudanças em projetos de lei e abrir o debate para a sociedade de temas considerados relevantes. Em Taboão da Serra, região metropolitana, um voluntário mobilizou outras entidades e pressionaram os vereadores a rediscutir a revisão da Planta Genérica de Valores que resultava em aumento abusivo do IPTU.”

Milton Jung⁹³ – Idealizador Adote um Vereador⁹⁴

93 Milton Jung é jornalista e âncora do programa CBN São Paulo, programa de notícias locais na rádio CBN.

94 Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

Um das diferenças dessa experiência em relação às demais está no fato de que a rede de colaboradores da causa não está agregada em um único site. Cada colaborador cria seu próprio blog ou *site* e divulga as informações sobre o vereador adotado. Nesse sentido a experiência é bastante aberta, não só em termos de formato, como também em possibilidades de criações e inovações. Não que as outras experiências não o sejam, porém, essa maior autonomia individual do Adote um Vereador resulta em ainda mais dinamismo. Nesse sentido, o *site* que apresentamos como sendo o da experiência (www.adoteumvereador.net) é somente mais um deles.

Em grande parte essa maior abertura é possível devido ao fato de a divulgação da experiência, assim como os diálogos surgidos a partir dela, contarem com o apoio de difusão de seu idealizador e incentivador, o jornalista Milton Jung, âncora de um programa de rádio que é transmitido para quase toda região metropolitana de São Paulo. Essa situação, de certa forma, faz com que os colaboradores não precisem agregar suas contribuições em um único site como forma de potencializar a divulgação, interação e reverberações na comunidade (como ocorre com a WEBTVCT, por exemplo).

IV – (Em aberto)

“Os meta territórios informatizados estabelecem um novo tipo de interação na qual o sujeito percebe e interage em colaboração com as tecnologias e as interfaces, redefinindo a cada vez a própria posição, a própria deslocação. (...) O significado da interação colaborativa, portanto, assume aqui dois níveis distintos: de um lado, a interação dinâmica e fluida dos circuitos informativos que se definem como um resultado de interações entre sujeito, interfaces e territórios; e, de outro lado, a interação dos processos de decisão que, nesses novos contextos surgem como prática colaborativa de soluções de problemáticas.”

(DI FELICE, 2008, p. 52)

“(...) nos contextos digitais as interações informativas e as negociações colaborativas *on-line* encorajam a pensar a participação a partir da capacidade conectiva dos indivíduos que passariam, junto às novas tecnologias, a gerir diretamente e colaborativamente o território sem recorrer às autoridades e às instituições locais.

Uma interação baseada na solução de problemas reais, feita pelos mesmos interessados que através de uma forma comunicativa interativa enfrentariam não mais as grandes questões ideológicas, nem prometeriam a realização da utopia ou da justiça sobre a terra, mas, através da auto constituição de redes interativas, a realização de uma forma tecno-informativa do social.

Uma sociedade, portanto, não mais constituída por um conjunto de representantes iluminados, nem por uma maioria ao poder, mas pela interação técnica e espontânea dos seus membros, que através das interações colaborativas passam a redefini-la e a moldá-la continuamente.”

(DI FELICE, 2008, p. 56)

Apresentarmos a co-labor-ação como uma nova forma de atuação social, surgida a partir da simbiose homem-redes digitais, caracterizada pela maior autonomia do indivíduo, que a partir de uma postura mais ativa – que seu habitar atópico não só permite, como exige – passa a estabelecer conexões para que diante de determinadas conjunções de possibilidades e convergências de forças possam surgir experiências co-ordenadas – porque são redes – em torno de causas e propósitos que são o fundamento dos laços sociais a partir dali criados. Em uma leitura conceitual, como afirma Di Felice (2008), essa nova condição social e tecnológica propõe-se como antagônica àquela prática das massas receptivas. Porém, e isso é importante ser sublinhado, esse antagonismo existe em termos conceituais, mas não históricos.

“De fato, do ponto de vista histórico e político, os dois modelos convivem e, mais que se contrapor, parecem se manifestar como a expressão de duas espacialidades e duas tecnogeografias, diversas porém contemporâneas, próximas e distantes ao mesmo tempo.”

(DI FELICE, 2008, p. 18)

Esta situação com duas espacialidades, ao mesmo tempo próximas e distantes,

relatadas por Di Felice, se confirma muito claramente na amostra de experiências abordadas. Talvez de forma ainda mais explícita no caso da WEBTVCT, onde a 'velha' condição social e tecnológica cria muitos condicionantes para o fluir desta nova. Em maior ou menor medida, estes mesmos condicionantes são impostos a todas experiências. E o contrário também é verdade, ou seja, a co-labor-ação reverbera suas ações nos territórios: países, cidades, comunidades. O Bocada Forte e o Overmundo fazem isso quando promovem e tornam visíveis, no caso do primeiro, a cultura *hip hop* e, no caso do segundo, a cultura brasileira. O Urbanias e o Wikimapa mudam a forma como as pessoas se relacionam com o território e administram suas cidades e comunidades. O Votenaweb e o Adote um Vereador transformam a relação dos cidadãos com seus representantes eleitos para cargos públicos. Mesmo a WEBTVCT, ainda em seu início, já provoca mudanças na maneira como as pessoas passam a olhar para sua comunidade – e mudam também o modo como as autoridades do poder público local se relacionam com esses cidadãos, pois aos poucos abandonam o monólogo e se abrem a um diálogo mais interessado: exemplo de como a situação social é também fruto de um sistema informativo, como afirma Meyrowitz, em sua obra 'No Sense of Place'.

Meyrowitz repensa o desenvolvimento da sociabilidade na época eletrônica e assim estabelece o conceito de situação social como algo relacionado não apenas a uma interação humana, mas também a formas de interações eletrônicas. Em seu estudo, ele aborda a relação as interações sociais e as mídias eletrônicas.

Como lembra Di Felice (2007), para Meyrowitz, tanto Goffman como McLuhan, não “*conseguem de forma satisfatória explicar o dinamismo social contemporâneo, resultado de uma hibridação entre mídias, espaços e sociabilidade*” (DI FELICE, 2007, p. 4). Para Meyrowitz o dinamismo social em Goffman aproxima-se à cena teatral onde cada um, em vários palcos, encena distintos papéis conforme o tipo de situação. O dinamismo por ele, portanto, “*limita-se a uma projeção de formas em cima de uma superfície estática, onde a interação aconteceria exclusivamente na sua forma originária, cara a cara, ignorando os influxos e os efeitos da mídia*” (idem). Por outro lado, McLuhan pensa o dinamismo social como estritamente ligado às transformações dos meios de comunicação.

“Observando as transformações provocadas pela mídia de massa McLuhan falava de mudanças macros, de um declínio dos sentimentos tradicionais, das identidades nacionais e de o surgimento de um novo tipo de tribalização, mas na visão do Meyrowitz sem explicar claramente como o mecanismo através do qual as mídias realizariam tais transformações sociais.”
(DI FELICE, 2007, p. 4)

A partir desse diálogo, Meyrowitz estuda a relação entre a mídia e as interações sociais descrevendo o impacto da mídia como causa da modificação da tradicional relação entre ambiente físico e situação social. A partir da observação de como as novas mídias produzem novas relações entre espaços e pessoas, Meyrowitz supera a concepção de Goffman segundo a qual os comportamentos aconteceriam somente no interior de espaços físicos, delimitados pelas barreiras perceptivas (DI FELICE, 2007).

“De fato um exame mais aprofundado das dinâmicas de situações de comportamentos indica que o lugar enquanto tal é na realidade uma subcategorias da noção mais inclusiva de campo perceptivo. A natureza da interação não é determinada pelo ambiente físico em quanto tal, mas pelos modelos de fluxos informativos. A análise da definição da situação social pode ser totalmente separada do problema da presença física direta e possibilitando assim a concentração do nosso interesse unicamente sobre o acesso das informações.”

(MEYROWITZ, 1984: 60 APUD DI FELICE, 2007, p. 5)

Partindo do exemplo de Goffman, no qual os garçons que passam da cozinha para a sala modificam sua postura e comportamento assim que passam pela porta que separa os dois espaços, “*Meyrowitz observa como a presença de um microfone ligado que permitiria ouvir na sala as conversas da cozinha alteraria radicalmente a interação dos garçons naquele lugar*” (DI FELICE, 2007, p. 5).

“A situação social e os comportamentos no interior da sociedade podem ser modificados pela introdução de novos meios de comunicação (...) A situação social pode ser considerada também como um sistema informativo, isto é, como um determinado modelo de acesso as informações sociais e como um determinado modelo de acesso ao comportamento das outras pessoas.”

(MEYROWITZ, 1984, p. 61 APUD DI FELICE, 2007, p. 5))

“Tal definição empurra a análise para além das situações sociais que se produzem nos espaços fisicamente e arquitetonicamente delimitados quebrando a tradicional distinção que se produziu entre os estudos de interação e os estudos midiáticos. O conceito de sistemas informativos desenvolvido por Meyrowitz indica que os ambientes físicos e os “ambientes” das mídias pertencem a um *continuum* e não a uma dicotomia fazendo com que a difusão dos mídias eletrônicos criem muitas novas situações sociais.”

(DI FELICE, 2007, p. 5)

Aliás, para nós, a inteligência conectiva de De Kerckhove diz respeito justamente a uma inteligência que surge através desse *continuum* entre os ambientes físicos e os ambientes digitais, se configurando quando, por exemplo, o *videomaker* ativa suas redes sociais e sócio-digitais para pensar uma TV comunitária *on-line*, ou o jornalista, que faz o mesmo para

pensar mecanismos de acompanhamento dos vereadores das cidades, ou ainda os amigos que transformam um *blog* em um dos maiores portais sobre *hip hop* da América Latina. É no momento imediatamente anterior à gênese dessas experiências, na seleção dos ingredientes desse caldo inicial, que o trabalho dessa mente conectiva mais se evidencia: na definição de quais conexões devem ser feitas ou ativadas para gerar e identificar possibilidades e configurar forças a partir das quais as experiências possam brotar.

Inteligência conectiva que nos parece ser um dos fundamentos desse movimento de co-labor-ação, pois, na medida em que o “*conectado surgiu como alternativa ao individual e ao coletivo*” (DE KERCKHOVE, 1999, p. 28), tornou-se possível pensar as interações das diversas singularidades envolvidas a partir de uma lógica não-excludente. Isso nos remete ao que Lévy (2002) chama de 'competição cooperativa' ou 'cooperação competitiva', onde o novo se faz através do choque. Não a partir de uma perspectiva dialética, onde o novo surgiria como síntese, afinal, essa superação seria excludente em si. O novo que surge da co-labor-ação não é a verdade, está uma dentre tantas outras possibilidades. A WEBTVCT, o Bocada Forte e o Overmundo, experiências com as quais estamos mais próximos, são claros exemplos desse constante devir. Viktor Chagas, do Overmundo, ao comentar mudanças no sistema de moderação da Wikipedia, alude justamente a esse caráter não-definitivo da web 2.0, onde tudo sempre é uma 'versão beta'⁹⁵.

“É preciso relativizar os fatos e entender que as experiências de sites colaborativos da chamada web 2.0 são experiências vivas e se moldam ao sabor dos usos cotidianos do site. É possível que, hoje, a Wikipedia tenha fechado a edição de alguns verbetes, mas também é possível que amanhã volte atrás. Essa é a principal vantagem do modelo de internet para o qual caminhamos. Nada é definitivo. O suporte não é definitivo – porque é desmaterializado. O uso não é definitivo – porque é vivo. Não à toa, o Google adota a política do 'beta' e o Flickr a excelente tirada do 'gama'. São experiências em andamento.”⁹⁶

“No início, a ideia era apenas divulgar um grupo de *rap* de uns amigos do meu bairro chamado Urbanos MC's (...)”⁹⁷

E esse constante vir a ser das redes ativadas no ciberespaço é também reflexo do devir dos fluxos que somos, dos indivíduos que somos, e que as constituem. Somos vários, em diferentes direções, que eventualmente se cruzam, mas certamente se contaminam.

95 No desenvolvimento de softwares, uma 'versão beta' de um produto é aquela que ainda está sujeita a desenvolvimento mas que é lançada para utilização a fim de ser testada.

96 Viktor Chagas – Overmundo. Entrevista disponível em <http://www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?panorama=226&tipo=E>

97 André Cesário – Bocada Forte. Entrevista disponível em <<https://perraps.wordpress.com/2009/07/25/bocada-forte-10-anos-de-resistencia/>>

“Participo de experiências colaborativas as mais diversas, impossível citá-las uma a uma”⁹⁸

“Colaboro com ONGs que atuam na área de cidadania divulgando seus trabalhos pelo rádio e internet”⁹⁹

Lyotard (1990) vê essa multiplicidade das realidades sociais e a crescente heterogeneidade dos indivíduos como consequências do que ele chama de crise dos meta relatos. Para ele, sem o aparato das grandes narrativas, que até então serviam de guia para identidades unificadas e coerentes, o sujeito moderno, centrado, racional e teleológico, acaba por ‘perder-se’ num processo esquizofrênico de idas-e-vindas através de identidades diversas.

“Ao contrário, a ideia de interdisciplinaridade pertence à época da deslegitimação e ao seu empirismo apressado. A relação com o saber não é a da realização da vida do espírito ou da emancipação da humanidade; é dos utilizadores de um instrumental conceitual e material complexo e dos beneficiários de suas performances. Eles não dispõem de uma metalinguagem nem de um meta relato para formular-lhe a finalidade e o bom uso. Mas têm o *brain storming* para reforçar-lhe as performances.”
(LYOTARD, 1990, p. 94)

Hall (2005) trabalha justamente este processo de descentramento do sujeito moderno. Para ele as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Hall cita cinco avanços teóricos como fundamentais neste processo. Primeiro, as tradições do pensamento marxista, segundo as quais o marxismo deslocara qualquer noção de agência individual, na medida em que a ação dos sujeitos depende das condições históricas. O segundo dos “*grandes descentramentos*”, segundo Hall, foi a teoria do inconsciente de Freud, que demonstra como nossas identidades são estruturas formadas de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da razão. Também o trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure, para quem nós não somos em nenhum sentido os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A obra de Michel Foucault, que destaca um novo tipo de poder, que ele chama de poder disciplinar, e que visa produzir um ser humano sob constante controle e dócil. E por fim, o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social, e como parte daquele grupo de movimentos sociais que emergiram durante os anos sessenta.

98 Viktor Chagas – Overmundo. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

99 Milton Jung – Adote um Vereador. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

“(...) tentei, pois, mapear as mudanças conceituais através das quais, de acordo com alguns teóricos, o 'sujeito' do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno. Descrevi isso através de cinco descentramentos. Deixem-me lembrar outra vez que muitas pessoas não aceitam as implicações conceituais e intelectuais desses desenvolvimentos do pensamento moderno. Entretanto, poucas negariam agora seus efeitos profundamente desestabilizadores sobre as ideias da modernidade tardia e, particularmente, sobre a forma como o sujeito e a questão da identidade são conceptualizados.”

(HALL, 2005, p. 46)

Acrescentaríamos a estes cinco avanços teóricos o fenômeno tecnológico contemporâneo, que se representa pela digitalização e pelas redes informacionais, as quais potencializam o deslocamento dos sujeitos através de inúmeros contextos comunicacionais em cada um dos quais o indivíduo-fluxo, através de sua simbiose com as redes digitais, vivencia diferentes contextos tecno-sociais, reformula diferentes subjetividades¹⁰⁰.

“Em *Psique e Techne* (2007), Umberto Galimberti propõe significativos argumentos sobre a técnica como mundo, como ambiente, como essência do homem, a sua gênese instrumental, até tornar-se o seu “fim, não porque a técnica se proponha alguma coisa, mas porque todos os objetivos e fins que os homens se propõem não se deixam alcançar senão através da mediação técnica (2007, pp. 36 e 37). Por outro lado, Derrick De Kerckhove, em *A Pele da Cultura* (1997), analisa como o desenvolvimento de novas tecnologias comunicativas, especialmente as digitais, leva-nos a repensar as tecnologias não apenas como extensões do nosso sistema nervoso e dos nossos corpos (como em McLuhan), mas como uma extensão da nossa psicologia, dando lugar a uma nova sensibilidade não somente humana, mas também técnica.”

(TORRES, 2008, p. 232)

Diferentes subjetividades tecno-sociais que, como vimos, se conjuminam ao redor de temas, como a cultura *hip hop* e a cultura brasileira, e causas, como o desenvolvimento comunitário e o controle do poder público, que se configuram como os propósitos agregadores das redes. Redes que se ativam por esses propósitos não em busca de verdades,

¹⁰⁰“(...) podemos dizer que não é mais apropriado falar de sujeito, mas de subjetividade, porque se ampliaram formas de relações humanas confiadas a plataformas mediais complexas, interativas e não-unívocas, concretas e não só simulacrais, mais sensoriais que mentais. O indivíduo é sempre menos distinto do território que habita – este lhe pertence como antes era possível somente no sono e na distração. Antes, ele saía provisoriamente dos mapas; agora sai provisoriamente do território. E podemos também dizer que estamos abandonando as identidades coletivas para retornar ao indivíduo, ou melhor (já que a identidade forte do individualismo – gênese, base para a identidade plena, coletiva, da sociedade de massa – é já a sua antecipação), para nos movermos em direção à pessoa, o ninguém e todos que se abrem na interioridade. Digo subjetividade, uma qualidade e não uma quantidade, porque nos é dado observar as premissas de uma revolução que consiste, seja em formas expressivas ligadas ao saber, seja em formas expressivas ligadas à experiência (ao corpo), ambas na direção centrífuga em relação aos valores hierárquicos da modernidade identitária”. (ABRUZZESE, 2008, pp. 71 e 72)

mas em busca de respostas e alternativas a problemas e situações específicas. Não há pretensões totalizantes. Apresentam-se como resultado de, como diria Maffesoli, uma “*razão mais rica, aberta ao paradoxo e à polissemia*” (2004, p. 19).

“Torna-se, então, uma imperiosa exigência intelectual pensar o sensível em todas as suas manifestações. Ignorando os 'cães de guarda', temos de enveredar pelos caminhos arriscados escolhidos pela socialidade de base. Não podemos, com efeito, limitar-nos à *via recta*, balizada pelo racionalismo moderno; o que é preciso, pelo contrário, é construir uma razão mais rica, aberta ao paradoxo e, portanto, capaz de pensar a polissemia que acabamos de abordar.”
(MAFFESOLI, 2004, p. 19)

Razão mais rica que em parte resulta de um novo *ethos*, um *ethos* das redes, um *ethos* hacker. A esse respeito, Di Felice¹⁰¹ aponta que é possível pensar uma ética da leitura, resultante das particulares formas de interações proporcionadas pelo texto escrito, e uma ética de massa, resultante da eletricidade e dos meios produtores de informações veiculadas de forma espetacular para um grande público. No primeiro caso teríamos a difusão de uma cultura da leitura e do conhecimento lógico sequencial proporcionado pelo texto escrito. Tal cultura é a responsável pela difusão de uma ética individual e normativa, produzida por listas e códigos escritos propostos ao indivíduo em forma de normas coercitivas e imutáveis. Já no segundo caso a

“cultura midiática – desenvolvida após o advento da eletricidade e ligada às formas de distribuições nacionais, expressões das sociedades dos grandes números produzidas pelo processo de industrialização e pela economia de venda em grande escala – torna-se capaz de produzir forma de cultura de consumo de massa, ligada a formas hedonistas e compulsivas de comportamentos.

Ao lado de uma ética individual, tal cultura midiática passará a estimular, assim, o crescimento de uma ética emulativa, volúvel, ligada aos andamentos instáveis da moda e dos mecanismos de formação das opiniões. Uma ética não mais inquestionável e fortemente normativa, mas continuamente julgada e posta em discussão por diversos movimentos contraculturais, capazes de difundir, através dos estilos estéticos (roupas, corte de cabelo, etc.) e do consumo cultural de massa (música, cinema, literatura e arte), novos estilos de vida e novas éticas.

A ética da leitura e a ética de massa servem para pensar o papel da mídia nos processos de transformação dos significados e dos valores socialmente construídos, atribuindo ao social o significado do conjunto de interações que incluem, além do humano, os elementos e as realidades extra-humanas, como a técnica, a mídia, o ambiente etc.”¹⁰²

No interior da cultura digital, cultura das redes, surge o que Pekka Himanen chama

101 DI FELICE, M. “*Net-étic@*”: A ética hacker e o espírito da idade da informação. No prelo

102Idem 101

ética hacker. Ética onde predominam as paixões, inclusive a paixão pela liberdade, que se traduz em uma vida organizada não em termos de jornadas otimizadas de trabalho, mas sim em fluxos mais dinâmicos que zigzagueiam entre o trabalho criativo e as demais paixões da vida. Vida na qual o dinheiro e o trabalho, enquanto valores em si, têm menos importância que o reconhecimento de suas criações para a comunidade, resultado de uma ocupação com os demais como fim em si mesma.

“(...) a nética, definida pelos valores da atividade e a preocupação responsável. Neste contexto, a atividade significa a completa liberdade de expressão na ação, privacidade para proteger a criação de um estilo de vida individual, e rejeição da receptividade passiva em favor do exercício ativo de nossas paixões. Preocupação responsável aqui significa cuidar dos outros como um fim em si mesmo, visando eliminar da sociedade em rede a mentalidade de sobrevivência (...). Isso inclui o objetivo de conseguir com que todos participem na rede e se beneficiem dela (...).”
(HIMANEN, 2008, p. 101)

Esse é o *ethos* do digital, das redes, e que vai ao encontro do retorno da *libido sentiendi* de Maffesoli:

“O que é certo é a revivescência de uma erótica social, de uma orgiástica difusa ou – para empregar termos mais acadêmicos – o retorno da *libido sentiendi*, a libido do sentir, e isto não pode ser apreendido através das categorias próprias à *libido sciendi*, preocupada apenas com o saber abstrato, ou à *libido dominandi*, para a qual só importa a política, o poder, coisas, enfim, inventadas pelos 'mortos-vivos' que têm a pretensão de pensar ou gerir o mundo. Por isto é que a problemática da integração por meio de uma 'educação cidadã', ou seja, por um saber sobre as instituições e os poderes estabelecidos, é um engodo, só podendo produzir mais frustração.”
(MAFFESOLI, 2004, p. 17)

É, pois, este tesão, esta paixão pela causa, pelo tema, mais que qualquer outro motivo, a força que parece ativar as redes em torno das possibilidades existentes e fazer com que as experiências em co-labor-ação aconteçam. Das pessoas com as quais conversamos ou que responderam à entrevista realizada por conta desta pesquisa, apenas uma delas não considerou os fatores 'afinidade à causa/propósito' ou 'afinidade ao tema' como estando entre os mais importantes no que diz respeito aos motivos que levaram essas pessoas a se envolverem com as experiências.

“Cara, do nada, o bagulho me deu um estalo e eu falei, “Putá que pariu, é isso que eu quero pra minha vida ... acho que é isso que eu vou fazer na vida”. (...) O vídeo entrou como um vírus na minha vida ... já tentei parar por algumas

vezes, mas não consegui.”¹⁰³

“A gente tem muitas frustrações ... de ordem financeira mesmo. Daí aparece um monte de proposta de emprego, propostas boas, interessantes mesmo. Por exemplo, trabalhar no administrativo do Itau ... fui, fiz tudo, tava tudo certo. Daí eu parei, voltei pra trás, devolvi a ficha pra mulher lá e disse, “Putz, desculpa aí, mas não é o que eu quero ... não é mesmo”. (...) porque o vídeo é uma coisa que te dá liberdade, é gostoso por isso ... contar uma história, inventar uma história, isso é uma coisa muito fascinante e me seduziu mesmo ... mesmo diante de todas as dificuldades.”¹⁰⁴

“Não é uma tarefa fácil, mas quando se faz algo com amor, as coisas acontecem. É por isso que estamos aí há 10 anos! Todos que passaram se dedicaram e deram sempre sua energia pelo *site*, da forma mais positiva.”¹⁰⁵

“Mas a gente segue firme porque acredita no veículo, no poder que ele tem e na contribuição que ele dá à cultura *hip hop* nacional. Esses dias ouvi alguém dizendo: “Somos todos amadores”. E hoje eu compreendo o que ele quis dizer... Fazemos por amor! Aqui, de certa forma, não existe um “profissionalismo extremo”, porque o amor à cultura é o que nos move... O “melhorar” é uma constante pra gente e toda ideia e contribuição será bem-vinda.”¹⁰⁶

“(Trabalhar colaborativamente é) Interagir com outras pessoas, independente de sua raça ou credo para atingir um objetivo comum de modo divertido e amigável.”¹⁰⁷

“Eu trabalho com mídias de base social há mais de 10 anos e eu acredito apaixonadamente em seu papel na promoção dos direitos humanos e na garantia de justiça.”¹⁰⁸

“Trabalhar com uma equipe multidisciplinar, que envolve pessoas de diversas áreas, captando os talentos individuais para aplicá-los da melhor maneira na construção de novas ferramentas. Acreditamos na liberdade para propor novas soluções e projetos em prol do bem comum.”¹⁰⁹

Além do surgimento dessa nova ética, dessa ética das redes, a “*razão mais rica, aberta ao paradoxo e à polissemia*” que se manifesta nas experiências, também pode ser considerada

103Cláudio Nunes de Souza (Tio Pac) – WEBTVCT. Entrevista em vídeo, disponível em

<<http://www.youtube.com/watch?v=6ZOHr3pgi10&feature=related>>

104Idem 103

105Fábio Pereira – Bocada Forte. Entrevista disponível em <<https://perraps.wordpress.com/2009/07/25/bocada-forte-10-anos-de-resistencia/>>

106Diego 'Noise D' – Bocada Forte. Entrevista disponível em

<<https://perraps.wordpress.com/2009/07/25/bocada-forte-10-anos-de-resistencia/>>

107Laudeci Oliveira – Ubuntu Brasil. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

108Tanya Notley – Information Activism. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

109Fernando Barreto – Votenaweb. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

como reflexo da ascensão daquilo que Vattimo (2004, 2006, 2007) chama pensamento débil. Pensamento de um 'ser fraco', isto é, não metafísico, um ser que não é, mas acontece, que não busca verdades totalizantes e excludentes. Logo, um pensamento que faz o novo surgir a partir das diferenças – frente à liberação da pluralidade de interpretações e das visões de mundo –, em detrimento à síntese dialética. Pensamento da fruição, da superficialidade, da contaminação. Fruto de uma elaboração niilista, que se reconhece como estatuto interpretativo a partir de um patrimônio de sentidos transmitidos e herdados: a hermenêutica

Porém, é importante sublinhar que, para Vattimo, essa hermenêutica, logo, o pensamento débil, só se caracteriza como tal na medida em que se coloca de forma anti fundamentalista, isto é, admi-ti-se como mais uma interpretação, mais um estatuto interpretativo que precisa justificar-se, e não como mais uma estrutura. Como contraexemplo, podemos utilizar a análise que Vattimo faz de 'A Condição Pós-Moderna', de Lyotard. Para o italiano, o 'fim dos meta relatos' lyotardianos, apresenta-se como a descoberta de mais uma estrutura com pretensões metafísicas, que surge justamente para explicar o fim das estruturas metafísicas dos meta relatos. Assim, as 'verdades', os pensamentos débeis que surgem a partir dessa ontologia hermenêutica, são apenas possibilidades interpretativas, apreciadas a partir de um estatuto também interpretativo, e devem, portanto, justificarem-se enquanto tal, assim como seu próprio estatuto. E essa perspectiva não deve ser entendida como a 'vitória' da apatia niilista, mas como uma possibilidade de emancipação, pois, como explica Vattimo:

“Emancipação é, para nós, o sentido do niilismo se se interpreta este termo nietzscheano à luz de outra expressão capital do filósofo alemão: 'Deus morreu, agora queremos que vivam muitos deuses'. A dissolução dos fundamentos (...) é o que libera. Isto significa (...) o descobrimento de que não há fundamentos últimos perante os quais nossa liberdade deva deter-se, como, pelo contrário, sempre pretenderam fazer-nos crer as autoridades de todo tipo que queriam impor-se em nome destas estruturas últimas. A hermenêutica é o pensamento do niilismo consumado, o pensamento que busca uma reconstrução da racionalidade depois da morte de Deus, contra toda deriva do niilismo negativo, isto é, do desespero de quem segue cultivando o luto porque 'já não há religião'.”
(VATTIMO, 2004. pp. 10 e 11)

No âmbito das redes, os pensamentos débeis se materializam através daqueles indivíduos ou indivíduos-fluxos emancipados dos '-ismos' que livremente se des-encontram com inúmeras possibilidades até que sintam significados que lhes façam sentido. E então, acionam suas redes ou por alguma são acionados.

“(Comecei a colaborar com o Ubuntu – Brasil) Em 2005, após instalar Linux e

procurar ajuda nos canais de IRC¹¹⁰.¹¹¹

“Baixei a distribuição e, ao buscar suporte via IRC, conheci as pessoas que faziam parte do grupo no Brasil.”¹¹²

“Procurando no Google sobre *wrestling*¹¹³ fui remetido até a Wikipedia em abr/2008.”¹¹⁴

“(Fui) Envolvida pelo desejo de criar uma evolução do jornalismo.”¹¹⁵

Também no microcosmo das experiências, na interação entre os colaboradores, podemos perceber esses pensamentos débeis, seja na busca pelo consenso dialogado, seja na 'competição cooperativa' ou 'cooperação competitiva' de Lévy, a qual só parece ser possível quando não há 'religiões' a defender.

Entretanto, urge recordarmos o início desse capítulo: não é possível pensar em esferas ou espacialidades 'puras' e completamente dissociáveis umas das outras. Os *ethos* se misturam. O indivíduo-fluxo das redes digitais também é o sujeito descentrado pós-moderno de Hall, e também seu sujeito sociológico, e também seu sujeito do Iluminismo (HALL, 2005). Os modelos conceituais, que de alguma forma simplificam, precisam ser lidos à luz da complexidade do dia-a-dia.

E sob essa luz, é necessário dar conta que, junto àquela “*razão mais rica*”, àquele *ethos* das redes, àquela hermenêutica e pensamento débil, há, no *continuum* das espacialidades, uma paisagem de transição, na qual também se fazem sentir as 'religiões', a 'ética da leitura' e das 'mídias de massa', a razão instrumentalizada. Assim, no microcosmo das experiências, a 'competição cooperativa' ou 'cooperação competitiva' das co-labor-ações é, normalmente, também regulamentada por termos de uso e/ou políticas editoriais.

“Vale lembrar que ela (Wikipedia) nasceu de um modelo altamente restritivo, a Nupedia. Só depois é que adotou um esquema colaborativo, tornando-se a enciclopédia que conhecemos. Antes de esses verbetes serem fechados para edição¹¹⁶, muitos outros já tinham uma série de bloqueios. Verbetes de futebol,

110 *Internet Relay Chat* (IRC) é um protocolo de comunicação utilizado na *internet*. Ele é utilizado basicamente como bate-papo (*chat*) e troca de arquivos, permitindo a conversa em grupo ou privada.

111 Laudeci Oliveira – colaborador Ubuntu Brasil. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

112 André Gondim – colaborador Ubuntu Brasil. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

113 Luta desportiva

114 Christian H, sobre como começou a colaborar com a Wikipedia. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

115 Christina B, sobre como se envolveu com o MaYoMo. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

116 Viktor está comentando estava comentando o fato de a Wikipedia ter anunciado oficialmente que as páginas

política e religião, por exemplo, são sempre alvos de vandalismo e, por isso, já era restritos, de acordo com os níveis de bloqueio e moderação.”¹¹⁷

Num primeiro momento, tal tipo de normatização pode induzir à errônea ideia de que há algum tipo editorialização mais ferrenha ou autoritária, que entre em contradição com a lógica das redes, porém o que se percebe em boa parte das situações é que esses parâmetros servem para esclarecer as esferas de responsabilidades, circundar os temas¹¹⁸ que são abordados no *site*, além de estabelecerem as condutas não aceitas¹¹⁹ naquele ambiente. No caso do Adote um Vereador, por exemplo, são apenas três as regras: “*ser imparcial em relação ao político adotado; manter o blog sempre atualizado com periodicidade mínima de um mês; e não fazer propaganda partidária ou de políticos*”¹²⁰. E o que pode ser entendido como a grande diferença nesse processo é que esse controle também é compartilhado. Nesse sentido, mesmo que a interface do *site* não contemple a possibilidade de uma moderação descentralizada, o colaborador que se sentir de alguma forma incomodado com algum conteúdo ou quiser questionar a credibilidade desse conteúdo, pode utilizar suas outras redes para se manifestar. Eis a chave: cada uma das redes ativadas que constituem essas experiências é apenas uma possibilidade de configuração¹²¹ entre inúmeras outras. Estão todos em redes, no plural, com autonomia e conectividade para criar e participar de outros blogs, outros sites, outros fóruns, outros wikis, outros canais, onde, enfim, sintam-se contemplados.

“Pouca gente se dá conta que a incrível abertura da internet colaborativa é permeada por um sistema de controle difuso em que todos moderam uns aos outros. Um usuário que colabora para um *site* desse tipo sabe e deve saber que está sob o olhar atento de seus pares. O que ele fala é constantemente avaliado. Seus erros são levantados – ou pelo menos podem ser. É o ideal clássico do panóptico de Bentham, que Foucault gostava de lembrar, traduzido para a cibercultura. E esse modelo de dispositivo de controle é muito mais rígido e também muito mais eficiente que o modelo tradicional de autoridade jornalística em que o público é levado a confiar num único ator político como porta-voz de seus interesses.”¹²²

de pessoas vivas, na edição em inglês, terão um grupo de editores para avaliar o conteúdo antes de ser publicado,

117 Viktor Chagas – Overmundo. Entrevista disponível em

<http://www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?panorama=226&tipo=E>

118 O que algumas vezes pode parecer redundante, afinal, por exemplo, o colaborador do Bocada Forte com quase toda certeza está lá por conta do hip hop, assim como o que colabora com o Urbanias está lá para discutir os problemas da cidade, porém, em casos como o do Overmundo e Wikimapa, por exemplo, limitar e esclarecer quais os propósitos da experiência se faz necessário

119 Normalmente, trata-se de coibir ofensas, violência, pornografia, autopromoção, *spams* e atos considerados ilegais pela legislação vigente.

120 Disponível em <http://www.adoteumvereador.net>

121 E mesmo essa configuração não é um dado estático. Ela se encontra em constante mudança.

122 Viktor Chagas – Overmundo. Entrevista disponível em

<http://www.nosdacomunicacao.com/panorama_interna.asp?panorama=226&tipo=E>

Outro ponto a ser considerado nesse microcosmo das experiências é o que poderíamos chamar de capital tecno-social. Apesar de não termos condições de nos aprofundar neste ponto, acreditamos ser importante apresentar uma breve sistematização de nossas observações a esse respeito, na medida em que nas co-labor-ações em si essa análise é muito importante – o que desde já indica uma possibilidade de prosseguimento desta pesquisa.

O que normalmente se observa através das experiências é que este capital tecno-social é determinado, em boa parte das vezes, pelo nível de co-labor-ação de cada um dos fluxos que somos nas redes, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Nesse cenário, cada experiência aponta para uma situação distinta no que diz respeito ao como se dá a atribuição desse capital. Em boa parte dos casos, as interfaces não contemplam qualquer mecanismo de avaliação e esse reconhecimento surge a partir do dia-a-dia das interações, contribuições e comentários. Em outros casos, as interfaces disponibilizam aos participantes e visitantes mecanismos para uma avaliação mais sistemática, como atribuição de notas e conceitos, por exemplo. Nessas duas situações, enfim, a atribuição desse capital se dá através dos demais participantes e visitantes.

Em outros casos, a atribuição desse reconhecimento surge a partir de algoritmos que, cruzando dados do dia-a-dia da experiência (número de visitas e contribuições, notas, conceitos, etc) atribuem um determinado '*status*' ao participante.

E há, ainda, é claro, aqueles casos em que ocorre o 'trânsito' de capital entre as espacialidades. É o caso, por exemplo, dos chamados 'colaboradores' do Bocada Forte. São os 'especialistas' dos territórios participando nas redes e vice-versa.

“Há votações para escolha de administradores, burocratas e *checkusers*¹²³ (estes de ano em ano), artigos em destaque, e outros. Na maioria é votação, mas nas discussões prevalece o consenso. Nas votações precisa-se ter a participação com no mínimo 100 edições nos artigos e 45 dias de registro, mas nos consensos, todos, até usuários sem conta podem opinar, com exceção dos *sock puppets*¹²⁴ ilegais.”¹²⁵

123Um editor com o estatuto de *CheckUser* (verificador de contas) tem a possibilidade de verificar se um determinado usuário é um *sock puppet* de outro utilizador numa determinada wiki. Fonte: Wikipedia, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:CheckUser>>, acessado em 20/07/2010.

124*Sock puppet* (em português: "marionete" ou "fantoche"), termo em inglês para designar literalmente um boneco feito de meia. Este termo é mais utilizado na Wikipédia para se referir à conta adicional de um mesmo usuário registrado que edita a Wikipédia. *Sock puppets* são suportados pelo sistema operacional da Wikipedia, mas, quando utilizadas para votar, ferem a confiança depositada no editor: o voto é um parecer do indivíduo, portanto a prática de simular um editor falso é um abuso que claramente entra em choque com o sistema. Tal prática é considerada fraude.

Sock puppets podem ter usos legítimos, como a preservação da própria integridade do usuário, desde que o seu uso nunca entre em choque com as políticas da Wikipédia. Qualquer pessoa é livre para possuir múltiplas identidades na internet. Fonte: Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Sock_puppet>, acessado em 20/07/2010.

125Christian H – Wikipedia. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

“Os overpontos organizam a ordem de destaque com que cada conteúdo aparece dentro do Overmundo. São calculados a partir de um algoritmo matemático que leva em consideração a quantidade de votos que cada conteúdo obteve e também o tempo de postagem de cada conteúdo no site. Até recentemente, o Overmundo contou com uma experiência de moderação que buscava hierarquizar a participação de seus colaboradores. Quanto mais conteúdos postados, comentários feitos, votos distribuídos e recebidos, e quanto mais diversidade em seus trabalhos o colaborador exibisse, mais acumularia pontos de "karma". Esta experiência, contudo, foi abolida em uma de nossas últimas revisões. Hoje, todos os colaboradores possuem o mesmo peso de voto e a mesma hierarquia no site.”¹²⁶

“Há duas funções básicas:

1. O incentivador - que sou eu, por ter um veículo de comunicação para difundir a ideia¹²⁷
2. Os adotadores”¹²⁸

Enfim, como assinala Di Felice (2008), é provavelmente mais fértil pensar que as novas transformações midiáticas, com a constituição de redes digitais interativas, contribuam para o surgimento de novos modos de interação com o território e, por consequência, de novas formas de organização social, diversa daquela do livro, diversa daquela do livro e das mídias eletrônicas. Porém, neste novo contexto tecno-social, no qual a co-labor-ação emerge através da lógica das redes digitais, ainda convivemos com a lógica do livro e com a lógica das mídias de massa. Nosso trabalho aqui foi estudar esse novo contexto a partir de uma perspectiva conceitual, tentando, entretanto, não perder de vista a complexidade histórica do momento, no qual as tecnologias permitem que habitemos diferentes espaços ao mesmo tempo. Somos, ao mesmo tempo, vários outros.

“Se a tais concepções acrescentarmos a transformação da mídia pessoal em mídia móvel, surgida com o advento das tecnologias portáteis e dos espaços *wireless*, parece suficientemente claro o cumprimento da mutação de um paradigma e a passagem de um modelo comunicativo, baseado na exposição do sujeito à mídia, para outro, no qual com a computação móvel (celulares, PC portáteis, GPS, etc.) o indivíduo, a sua psiquê e sua relação com o mundo, passam a ser construídas (também)¹²⁹ colaborativamente junto às tecnologias informativas digitais.”

(DI FELICE, 2008, p. 47)

Vírus¹³⁰: um brevíssimo ensaio sobre um estar-no-mundo tecnológico, em redes

126Viktor Chagas – Overmundo. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

127Milton Jung é jornalista e âncora do programa CBN São Paulo, programa de notícias locais na rádio CBN.

128Milton Jung – Adote um Vereador. Entrevista realizada via internet, especificamente para esta pesquisa. A entrevista completa encontra-se nos Anexos.

129Observação nossa

130As primeiras ideias e construções que resultaram nesse termo e nesse brevíssimo ensaio foram feitas em colaboração com o amigo Carlos Eduardo S. Aguiar, vulgo Cadu.

Em nosso fluir por entre as redes que também somos, fomos nos dando conta de um elemento que por diversas vezes se fez aparecer para nós. Sempre muito fugaz. Surgindo e desaparecendo. Difícil de apreender objetivamente. Mas sempre deixando seus rastros, suas anomalias, suas reverberações nos territórios.

De alguma forma também nos reconhecemos nele.

Nós nas redes sociais, fluxos nas redes digitais. Múltiplo. Orgânico e não-orgânico, humano e tecnológico. Híbrido. Articulador e articulado. Conector e conectado. Interface. Detonador.

Explorador de mundos. Estrangeiro mesmo em sua própria cidade. Prefere construir mosaicos às esculturas. Porém não se ilude com a beleza colorida daquelas peças. Sabe que muitas outras combinações são possíveis, talvez ainda mais belas.

Se tem alguma especialidade, esta é a de se deslocar ou fluir. Faz isso por entre paisagens, pessoas, tecnologias.

É por esse deslocar, por esse fluir, por esse explorar, que ele vai construindo um mapa próprio, um mapa de forças e possibilidades. Esse é seu mapa pirata. Um mapa onde o 'X' pode estar em qualquer lugar. Mas isso parece não lhe importar, pois ele sabe que a fortuna, todavia, não está definida.

“O homem, disse Nietzsche uma vez, se distancia rolando do centro para o 'X'. Se separa do lugar o qual considera seguro, para um espaço incerto, para uma incógnita. Poderia tentar indicar, descrever, narrar essa incógnita? Talvez; mas, mais que conhecer esse lugar não habitual, se trata é de entender que significa esse 'rolar'. O homem que se distancia rolando é o homem completamente desencantado, repleto de ironia negativa, o 'último homem', que a essas alturas já aprendeu a encarar todos os golpes: que sabe, com um gesto de olhos, aceitar ironicamente qualquer tipo de niilismo? Ou, por acaso, há algo mais? E ademais, é ele tudo aquilo que havíamos pensado através da noção de sujeito? Se trata de um puro jogo de interações, de convenções, de uma combinatória de simulacros sem nenhum ponto de referência real? Ou talvez poderia se pensar em uma lógica de descentramento do sujeito, capaz de descrever contemporaneamente o que ocorre ao homem quando se distancia de seu centro e o terreno – que teria que examinar cuidadosamente – no qual pode sentir um novo 'sentido'?”
(ROVATTI, 2006, p. 43)

Vamos chamar esse elemento de viruss. Assim mesmo, com um 's' extra, para que não duvidemos de seu caráter plural. Viruss que contamina, que faz rizoma.

“Mais geralmente, pode acontecer que os esquemas de evolução sejam levados a abandonar o velho modelo da árvore e da descendência. Em certas

condições, um vírus pode conectar-se a células germinais e transmitir-se como gene celular de uma espécie complexa; além disso, ele poderia fugir, passar em células de uma outra espécie, não sem carregar informações genéticas vindas do primeiro anfitrião (como evidenciam as pesquisas atuais de Benveniste e Todaro sobre um vírus de tipo C, em sua dupla conexão com o ADN do babuíno e o ADN de certas espécies de gatos domésticos). Os esquemas de evolução não se fariam mais somente segundo modelos de descendência arborescente, indo do menos diferenciado ao mais diferenciado, mas segundo um rizoma que opera imediatamente no heterogêneo e salta de uma linha já diferenciada a uma outra. É o caso, ainda aqui, da *evolução a-paralela* do babuíno e do gato, onde um não é evidentemente o modelo do outro, nem o outro a cópia do primeiro (um devir-babuíno no gato não significaria que o gato “faça como” o babuíno). Nós fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais.”

(DELEUZE & GUATTARI, 1995, pp. 19 e20)

Em alguma medida, os vírus derivam de seus próprios hospedeiros: eles possuem um envelope derivado da membrana celular do hospedeiro anterior, que, além de proteger o genoma viral, contém o mecanismo que utilizará para entrar em contato com seu próximo hospedeiro. Assim, a cada encontro, a cada hospedagem, o vírus se resignifica: deixa um pouco de si e traz um pouco do outro.

Vírus que não idealiza esse outro. Ele simplesmente o hospeda, nele é hospedado e ambos se transformam. Por esta razão o vírus jamais chegará a um ideal, enquanto fim.

Vírus que não quer ser uma verdade: quer estar várias possibilidades. Quer estar uma resignificação de outras resignificações, que em breve provavelmente será resignificada.

Vírus que se multiplica e se divide, hiberna e acorda, sempre de forma imprevisível.

Está sempre se deslocando no *continuum* das espacialidades.

Perturba a normalidade dos corpos e esgota-se no instante seguinte, a espera de novos fluxos de forças, de uma nova conjuntura de possibilidades.

Vírus não é. Vírus acontece.

Em nossa trajetória nos encontramos com alguns vírus. Não nos restam dúvidas de que por eles fomos contaminados. Mas também aprendemos a contaminar, a fazer rizoma. Aprendemos a articular, conectar e acionar redes, a sermos interfaces entre as espacialidades tecnológicas. Saber livre. Por alguns momentos, também estamos vírus. Um acontecimento, uma possibilidade, um estar-no-mundo tecnológico, em redes.

Percebemos esses vírus como responsáveis pela criação de experiências colaborativas. São acionadores de redes. Fazem isso com alguma frequência. Operam a partir de uma ontologia hermenêutica e sua abordagem se dá partir de sua inteligência conectiva.

Por isso mesmo, estão sempre atentos às possibilidades e, assim que elas se

conjuminam, não hesitam em criar algo novo. Suas experiências se diferem das demais justamente na medida em que se mantêm abertas à contaminação, ao novo, ao diferente. Não ficam proprietários do DNA das experiências, elas são um 'código aberto' e livre, a ser apropriado por todos aqueles que sentirem que assim devem fazer.

Apesar de sua ética ser a ética das redes, transita bem entre todas as espacialidades midiáticas e seus *ethos*, pois sabem que eles convivem e se afetam.

A WEBTV Cidade Tiradentes é resultado da ação desses viruss.

Bocada Forte e Overmundo também parecem ser.

Considerações finais

Para nós, a execução deste trabalho não foi algo fácil. Claro que naturalmente assim seria, na medida em que se trata de uma primeira produção acadêmica mais relevante, com todas as dúvidas, angústias e questionamentos típicos de quem dá os primeiros passos. Entretanto, não se trata somente disso. A específica dificuldade a qual queremos nos referir, remete justamente ao nosso ziguezaguear por entre lógicas de atuação.

Quando iniciamos esta pesquisa já nos encontrávamos absorvidos em algumas experiências com redes tecno-sociais, algumas das quais foram aqui relatadas. E com isso estávamos envolvidos em uma lógica de atuação social que, como já dissemos em algum outro momento, é extremamente acelerada. Outra espacialidade, outra temporalidade. Em constante movimento. Acelerado. Constituindo redes, fazendo rizomas, contaminando e deixando se contaminar. Desenhando os mapas de forças e possibilidades para fazer brotar outras experiências. Acionando redes. Estando viruss. Tudo muito rápido. Acelerado.

E eis que de repente, necessito sair dessa lógica e ingressar num outro espaço, num outro tempo, num outro ritmo, muito mais lento, necessário para a reflexão e escritura. Lógica na qual as ideias surgem devagar, assim como as palavras para expressá-las. Uma lógica recheada por longas pausas, olhares distantes, que contemplam o horizonte, mas olham além dele. Lógica na qual se insere uma produção acadêmica como esta dissertação.

Pois é esse acelerar e desacelerar, esse desacelerar e acelerar, o impacto dessas mudanças de velocidades e suas vertigens, enfim, é o que especificamente nos referimos como algo não fácil. Ao menos não o foi para nós. É certo, porém, que hoje temos a sensação de que aprendemos a lidar melhor com essa condição. Afinal, se estamos viruss e estamos pesquisadores, essa é nossa condição.

Todavia, uma melhor convivência hoje, não exclui as dificuldades passadas e, nesse sentido, nosso texto revela um pouco desse acelerar-desacelerar. Já ao final do primeiro capítulo dávamos conta dessa nossa condição ao afirmar: “ *um esforço construído através de momentos de colagens esquizofrênicas no diálogo com autores e de momentos de reflexão surgidos ali e acolá: situação que em alguma medida reflete o estar-no-mundo destes tempos*”. Sentimos que no decorrer do trabalho esse acelerar-desacelerar foi ficando menos explícito, mas ele ainda está por aqui, em algum lugar.

Este 'texto que denuncia' foi, entretanto, pensado para que não nos conduzisse a fechamentos, becos, profundezas. Tentamos fazer isso dentro das possibilidades que um trabalho deste tipo permite. Nossa intenção foi a de conduzir a algumas aberturas

interpretativas e não a uma grande conclusão.

Assim, a partir da perspectiva de que transformações midiáticas, como a constituição de redes digitais interativas, contribuem para o surgimento de novos modos de interação com o território e, por consequência, de novas formas de organização social, nos esforçamos para apresentar esse novo formato que chamamos co-labor-ação. Uma nova forma de atuação tecno-social na qual algumas vezes é possível perceber o envolvimento de um novo elemento, uma nova forma de estar-no-mundo, que chamamos viruss.

A ação desses viruss se destaca em algumas das experiências analisadas, como a WEBTV Cidade Tiradentes, que melhor conhecemos, e também, numa primeira análise, no Bocada Forte e Overmundo. Sobre as demais experiências aqui apresentadas, ainda não temos proximidade suficiente para fazer tal indicação.

Certamente a ideia desse novo elemento, viruss, é uma possibilidade de prosseguimento desta pesquisa que nos interessa bastante. Mas também questões como a construção de laços sociais nas redes colaborativas e o acúmulo e atribuição daquilo que chamamos capital tecno-social podem ser aprofundadas e mereceriam uma sequência. Assim como também seria interessante um estudo mais pormenorizado da dinâmica da co-labor-ação, principalmente no que diz respeito, usando os termos de Lévy, a 'competição cooperativa' e a 'cooperação competitiva'.

Bibliografia

- ABRUZZESE, A. *O esplendor da TV. Origem e destino da linguagem audiovisual*. São Paulo: Studio Nobel, 2006.
- _____ . *Novos media: além da política e da arte*. In: DI FELICE, Massimo. *Do Público Para as Redes – A Comunicação Digital e as Novas Formas de Participação Social*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.
- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, T. *A indústria Cultural*. In: COHN, Gabriel, *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1987.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume II*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida – Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 2001.
- _____ . *As conexões ocultas – Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____ . *Inteligências em conexão. Hacia una sociedad de la web*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999. pp. 17-28. Disponível em: http://www.javeriana.edu.co/Facultades/C_Sociales/Facultad/sociales_virtual/publicaciones/rel_atodigital/r_digital/cibercultura/kerckhove1.htm. Acessado em: 15/06/2009.
- _____ . *A galáxia internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- _____ . *Communication, Power and Counter-Power in the Network Society*. International Journal of Communication, vol. 1, 2007, pp. 238-266. Los Angeles: USC Annenberg Press. Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/46/35>. Acessado em 15/07/2010.
- COSTA, Rogério da. *A inteligência coletiva : cartografando as redes sociais no ciberespaço*. II Congresso On-Line Cibersociedad, 2004. Disponível em: http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2.php?

[grup=19&id=335&idioma=es](#). Acessado em 15/07/2010.

- DE KERCKHOVE, D. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'água, 1997.
- _____ . *Texto, contexto, hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente*. Revista Famecos 22, dezembro de 2003, 7-12.
- _____ . *Tecnopsicologia, blog e nuova spiritualità quântica*. In: Tursi, Antonio (a cura di). *Mediazioni. Spazi, linguaggi e soggettività delle reti*. Milano, Costa & Nolan, 2005.
- _____ . *Da democracia à ciberdemocracia*. In DI FELICE, Massimo. *Do Público Para as Redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora 2008.
- DE KERCKHOVE & TURSI (org.). *Dopo la democrazia? Il potere e la sfera pubblica dell'epoca delle reti*. Milano: Apogeo, 2006.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs*, S. Paulo, Editora 34, 1995, Vol. 1.
- DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DI FELICE, M. *Sociabilidades transorgânicas e sentires além do humano*. In PERNIOLA, M. *O Sex appeal do inorgânico*. São Paulo: Studio Nobel, ECA-USP, 2005.
- _____ . *As formas digitais do social e os novos dinamismos da sociabilidade contemporânea* em KUNSCH M., e W. *Relações Públicas Comunitarias*. São Paulo: Summus Editorial, 2007.
- _____ . *Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração*. In DI FELICE, Massimo. *Do Público Para as Redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora 2008.
- _____ . *Paisagens Pós Urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.
- _____ . *Netativismo: Ações Colaborativas e Novas Formas de Participação em Redes Digitais*. Projeto Netativismo. No Prelo.
- DRUCKER, Peter. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: Publifolha, 1999.
- EISENSTEIN, Elizabeth I. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.
- FARIA, Marcella Schneider. *O Social Virtual – Dinâmicas da vida cotidiana no contexto do ciberespaço: estudo sobre as relações sociais no ambiente de comunidades virtuais*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação – ECA/USP. Orientador Massimo Di Felice. São Paulo, 2008.
- GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- GOFFMAN, E. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio D'Água,

- 1993.
- GOMES, Luiz R.. *Educação, consenso e emancipação na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas*. Publicação UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa 15 (2) 53-63, dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/602/590>. Acessado em 15/07/2010.
 - GOODY, J. *Domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
 - GUTHRIE, W.K.C. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 1991.
 - HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa I - Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madri: Taurus, 1999.
 - _____ . *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
 - HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
 - HARAWAY, D. *A Cyborg Manifesto: Science, Technology and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*. In: *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991, pp. 149-181. Versão em espanhol, disponível em: <http://tecnoliberacion.blogspot.com/2005/09/manifiesto-ciborg-donna-haraway.html>. Acessado em 15/07/2010.
 - HAVELOCK, E. A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
 - HIMANEN, P. *A Ética Hacker*. São Paulo: Ed. Campus, 2008.
 - LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de uma antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 1994.
 - _____ . *Ciência em ação – Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
 - LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
 - LÉVY, Pierre . *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.
 - _____ . *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.
 - _____ . *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
 - _____ . *Prefácio: Uma perspectiva vitalista sobre a cibercultura*. In: LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002, pp. 13-16.

- _____ . *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- _____ . *Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- LIPNACK, Jessica & STAMPS, Jeffrey. *Rede de informações*. São Paulo: Makron Books, 1994.
- LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo – Resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARTINHO, Cássio. *Redes Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília : WWF-Brasil; 2003.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, 1995.
- _____ . *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Edusp, 1972.
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MEYROWITZ, J. *No sense of place: the electronic media on social behavior*. London, Oxford University Press, 1985.
- MICONI, Andrea. *Ponto de Virada: a teoria da sociedade em rede*. In DI FELICE, Massimo. *Do Público Para as Redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora 2008.
- OLIVEIRA, Carla M.. *Método e Sociologia em Weber: alguns conceitos fundamentais*. Revista eletrônica Inter-Legere, n.3, jul/dez 2008.. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/es02.pdf>. Acessado em 10/07/2010.
- ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.
- PERNIOLA, M. *O Sex Appeal do Inorgânico*. São Paulo: Studio Nobel, 2005.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.
- RECUERO, Raquel . *Comunidades em Redes Sociais na Internet: Um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia*. Faro (Valparaíso), Valparaíso, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2005.
- _____ . *Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais*. E-Compós (Brasília), v. 2, 2005b.
- _____ . *Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo*. E-Compós (Brasília), v. 4, n. Dez 2005, p. 1-15, 2005c.
- _____ . *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- ROVATTI, P. *Transformaciones a lo largo de la experiencia*. In: VATTIMO, G; ROVATTI, P. *El pensamiento débil*. Madrid: Catedra, 2006.
- SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias á cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, Nilton Bahlis dos. *Novas Tecnologias e Movimentos Sociais: do Partido de Lênin às Redes da Sociedade Civil e às Comunidades Virtuais*. Revista TEXTOS de la CiberSociedad, 13. 2009. Temática Variada. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net> . Acessado em 10/07/2010.
- _____ . *A Ciência da Informação e o Paradigma Holográfico: A Utopia de Vannevar Bush*. Tese de Doutorado em Ciência da Informação – IBICT/UFRJ. Orientador Aldo Barreto. Rio de Janeiro, 2005. 185 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibict.br/ph18/anexos/niltonsantos2005.pdf>. Acessado em 10/07/2010.
- SERRES, M. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SILVA, Daniela B. *Transparência na esfera pública interconectada*. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Faculdade Cásper Líbero. Orientador Sérgio Amadeu da Silveira. São Paulo, 2010.
- TORRES, Julliana C. *Cyborgracia: entre a gestão digital dos territórios e as redes sociais digitais*. In: DI FELICE, Massimo. *Do Público Para as Redes – A Comunicação Digital e as Novas Formas de Participação Social*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.
- VATTIMO, G. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____ . *As aventuras da diferença: o que significa pensar depois de Heidegger e Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____ . *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- _____ . *Introdução a Nietzsche*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- _____ . *Nihilismo y emancipación: ética, política e derecho*. Barcelona: Paidós, 2004.
- _____ . *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VATTIMO, G; ROVATTI, P. *El pensamiento débil*. Madrid: Catedra, 2006.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UNB, 1991, v.1.
- WOLFF, F. *Aristóteles e a Política*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

Endereços eletrônicos:

<http://www.gectiopac.org>

<http://www.bocadaforte.com.br>

<http://www.overmundo.com.br>

<http://www.votenaweb.com.br>

<http://www.urbanias.com.br>

<http://wikimapa.org.br>

<http://vereadores.wikia.com>

<http://www.mayomo.com>

<http://www.informationactivism.org>

<http://www.ubuntu-br.org>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://culturadigital.br/teia2010>

<http://www.frutosdobrasil.org.br>

Anexos

Entrevistas:

- André Gondim – Colaborador, Ubuntu;
- Christian H – Colaborador, Wikipedia;
- Christina B – Colaboradora, MaYoMo;
- Fernando Barreto – Idealizador, VoteNaWeb;
- Laudeci Oliveira – Colaborador, Ubuntu;
- Milton Jung – Idealizador, Adote um Vereador;
- Nayara Marfim – Colaboradora, Wikimapa;
- Ricardo Joseph – Idealizador, Urbanias;
- Tanya Notley – Colaboradora, Information Activism;
- Viktor Chagas – Colaborador, Overmundo;

André Gondim, 27 anos
Colaborador, Ubuntu - Brasil

Sua colaboração com o Ubuntu, no Brasil, é traduzir e revisar as traduções feitas para a distribuição Linux, Ubuntu. Para que dessa forma possa haver mais usuários e assim haja uma maior inclusão no uso. Em 2005 foi apresentado ao time de tradução do Ubuntu e desde então foi se envolvendo até que surgiu a oportunidade de liderar o time. Sua motivação é ver as pessoas usando uma distribuição Linux fácil e boa em sua língua o que diminui a dificuldade e ajuda na aceitação. No time de tradutores brasileiros há mais de 20 colaboradores

O Ubuntu - Brasil atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, plenamente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Ubuntu Brasil?

Sim, há funções e níveis hierárquicos bem definidos

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Ubuntu - Brasil?

Há o time de revisores e o time de tradutores. Todos usam a mesma lista de discussão. Quando há dificuldade em um termo é buscado em glossários padrões o maior e melhor uso e depois se discute na lista se o termo ou frase está correto para então possamos adotá-la. Por vezes é votação para decidir a melhor maneira de uso de termos.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Ubuntu - Brasil até o momento?

Estamos entre os 3 mais traduzidos no mundo. Estamos sempre com membros ativos e sempre garimpando mais gente. Estamos com cerca de 89% de todos o trabalho completo.

Como você classificaria o Ubuntu - Brasil em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

As pessoas fazem cadastro no launchpad.net e estão prontas para traduzir. Para que seja revisado é aconselhado o uso da lista de tradutores e ao término de uma tradução é pedido que se envie e-mail para o grupo para que um revisor faça a sua devida revisão.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Sim, há um time de cerca de 8 revisores que fazem a revisão do que foi traduzido e verificam os termos adotados e um grupo maior de tradutores que deve ser em torno de 200 ou mais, mas nem todos são ativos ao mesmo tempo, em média há 20 tradutores trabalhando ativamente.

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Baixei a distribuição, e ao buscar suporte via IRC conheci as pessoas que faziam parte do grupo no Brasil.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Sim, a maioria envolvendo o mesmo assunto, como suporte ao usuário via IRC.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não, eu tento não misturar, apesar de muita gente achar que são afins, não acho.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

Acho que podem não ser assuntos afins, posso ser ativo no software livre, mas na empresa usar proprietário. Por isso cada ambiente decide o melhor a ser usado ... "cada um no seu quadrado"

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

1 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

4 Afinidade com o projeto político-ideológico

2 Afinidade com o propósito/causa

2 Afinidade com o tema

3 Possibilidade de aumento do capital financeiro

3 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

3 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

Um trabalho que envolvam pessoas em torno de algo onde cada um pode contribuir, seja com ideia, iniciativa, divulgação e outros...

Christian H, 18 anos
Colaborador, Wikipedia - Brasil

Seu envolvimento com o Wikipedia começou depois de uma pesquisa no Google, quando tomou contato com plataforma. Suas motivações são poder escrever para todos verem e utilizarem do seu conteúdo sem cobrar restrições. Segundo André, o objetivo da iniciativa é poder editar e fazer com que pessoas de todo o universo tenham conhecimento aprofundado de determinado assunto.

O Wikipedia conta com milhares de colaboradores de todo o mundo.

O Wikipedia atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, plenamente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Wikipedia?

Não, há apenas alguns facilitadores/moderadores que ajudam no gerenciamento

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Wikipedia?

Depende ...

Há votações para escolha de administradores, burocratas e *checkusers* (estes de ano em ano), artigos em destaque, e outros. na maioria é votação, mas nas discussões prevalece o consenso. nas votações precisa-se de 100 edições nos artigos e 45 dias de registro, mas nos consensos todos até usuários sem conta podem opinar, com exceção dos *sockpuppets* ilegais.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Wikipedia até o momento?

Quase 300 artigos destacados, quase 600 mil páginas e constante renovação da fila de tarefas.

Como você classificaria o Wikipedia em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

De todos os modos, editando, seja para criar melhor ou propor para deletar artigos.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Não, qualquer lusófono e não lusófono pode participar.

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Procurando no Google sobre *wrestling* fui remetido até a wikipédia em abr/2008.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Em formato wiki desenvolvi algumas wikias mas não estão ativas.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

Opiniões sem argumentos convincentes.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em

questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

4 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

2 Afinidade com o projeto político-ideológico

7 Afinidade com o propósito/causa

1 Afinidade com o tema

8 Possibilidade de aumento do capital financeiro

3 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

6 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

É realizar o trabalho na área que domina.

Christina B, 28 anos
Colaboradora, MaYoMo

MaYoMo is a web-based platform for user-generated news, or "citizen journalism." MaYoMo lets anyone upload videos through their computers or mobile devices, empowering a new era of Internet news creation and distribution. MaYoMo enables its users to ask for news and information from any corner of the world. Whenever you have a question about some event that you've just heard of or read about e.g., you can easily place a request in a country from MaYoMo's world map and ask what happened, when or where. Users from that region can possibly help you out by providing you any information available. This is how we let you get involved in the global events not only by witnessing, reporting or commenting them, but also by digging them out right from the place they have happened. At MaYoMo, we let users ask and then learn "What's happening, where, and when?" through our News Request feature. Everyone can submit topics they want to learn more about from anywhere in the world. We let our users get involved in the global events not only by witnessing, reporting or commenting them, but also by digging them out right from the place they have happened. With an ever-expanding corps of mobile citizen journalists reporting from across the globe, MaYoMo is shaping the evolution of journalism and delivering the world's most inspired multimedia news. Currently, there are hundreds of contributors and collaborators at MaYoMo.com.

O MaYoMo atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Yes, fully

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do MaYoMo?

Yes, there are functions and hierarchical levels through which some collaborators transit

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do MaYoMo?

Most decisions are made by a group of people. The team discusses everything together and the best choice is taken. Everybody participates. Sometimes we vote, sometimes we go for a consensus.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo MaYoMo até o momento?

With an ever-expanding corps of mobile citizen journalists reporting from across the globe, MaYoMo is shaping the evolution of journalism and delivering the world's most inspired multimedia news. Currently, there is an up-to-date news coverage from almost all countries worldwide, by an ever-expanding range of global contributors.

Como você classificaria o MaYoMo em termos de colaboração?

Essentially collaborative: the experience would not exist or cease to be functional without the cooperation of other people, besides its creator (s);

Como acontece essa colaboração?

MaYoMo contributors upload videos through their computers or mobile devices.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Collaborators can be divided to professional journalists and citizen journalists.

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Involved by the desire to shape the evolution of journalism.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

No other initiatives.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

No, I am not.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

MaYoMo is unique by letting its users ask and then learn "What's happening, where, and when?" through our News Request feature. Everyone can submit topics they want to learn more about from anywhere in the world.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

1 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

2 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

2 Afinidade com o tema

2 Possibilidade de aumento do capital financeiro

1 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

1 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Outro: Personal and professional development of abilities, interests, hobbies.

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

Working collaboratively is working in a team of collaborators, where everyone can be the leader at some time. Everybody respects the opinion of the others, the decisions are taken together with a common aim for reaching the goals of the initiative.

Fernando Barreto, 36 anos
Idealizador, Votenaweb

O Votenaweb é uma ferramenta desenvolvida pela WebCitizen para aproximar o cidadão das decisões do Congresso Nacional que afetam diretamente a vida dele. A partir de uma interface clara, os projetos de lei são traduzidos de forma simples e objetiva, incentivando os internautas a participarem dos trabalhos que estão na pauta dos Deputados Federais e Senadores. Este projeto está totalmente alinhado à proposta da Webcitizen, uma empresa que visa aproximar cidadãos de seus governos e entre si, criando canais de participação através de plataformas digitais. Acreditamos que para os cidadãos se aproximarem da política é preciso aproximar as questões políticas deles, utilizando linguagens visuais e escritas acessíveis. Além de unir entretenimento e conhecimento. Todos os dados que utilizamos são públicos. Porém percebemos que apenas as pessoas já politizadas realmente conseguiam utilizar aqueles dados, pois eles são apresentados de forma pouco atrativa, visualmente, e em uma linguagem extremamente complicada e burocrática. Passamos, então, a trabalhar com estes dados para promover, de fato, uma transparência acessível a todos os cidadãos, sem exclusão. Atualmente há 6 colaboradores.

O VoteNaWeb atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, plenamente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do VoteNaWeb?

Sim, há funções e níveis hierárquicos pelos quais alguns colaboradores transitam

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do VoteNaWeb?

O critério de escolha é baseado em traduzir os projetos de lei mais recentes, que são disponibilizados no site da Câmara dos Deputados e Senado, para uma linguagem acessível e simples. O volume de projetos cadastrados no Votenaweb vai de acordo com o volume de projetos cadastrados nos sites governamentais.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo VoteNaWeb até o momento?

Para nós, a existência da ferramenta, com cerca de 4 mil usuários e mais de 80 mil votos, já é uma mudança concreta na sociedade. Uma mudança na mentalidade de 4 mil pessoas, que estão utilizando a web para se aproximar das decisões do governo. Provocar discussões entre os usuários sobre a aplicabilidade de uma lei é uma mudança: os mais informados explicam aos outros como a lei funciona. Como grande parte da divulgação é feita pelo twitter, os usuários percebem que agora é possível fazer algo. Isso é o início de uma transformação. Existe uma mudança, porém, que não conseguimos mensurar, mas que acreditamos que virá, uma maior consciência política sobre a importância do voto. Um momento decisivo e que deve significar muito mais do que a urna. Com o Votenaweb, queremos chamar atenção dos cidadãos para o fato de que o voto deles continua existindo todos os dias. E que, por isso, é importante que ele se aproxime destas questões. Por outro lado, esperamos que os políticos também se conscientizem de que representam os cidadãos e que a vontade deles deve reger as ações governamentais. Com o Votenaweb, o político também pode acompanhar qual é o interesse dos cidadãos e assim, identificar quais são as suas reais necessidades.

Por sua relevância dentro do tema, o Votenaweb foi apresentado durante o Gov 2.0 Expo, em Whashington, o principal evento sobre o tema no mundo. Na ocasião, foram apresentados os próximos passos, que incluem uma abrangência global da ferramenta. Israel, Estados Unidos, Itália e Colômbia devem passar a utilizar o Votenaweb. A tecnologia será doada pela Webcitizen para que estes países possam adaptar a ferramenta a seus modelos de governo.

Como você classificaria o VoteNaWeb em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

O Votenaweb é uma ferramenta feita para o cidadão, por isso, a colaboração é feita através do voto e comentário de cada usuário nos projetos de lei apresentados no site.

Muitos usuários nos trazem sugestões de mudanças e melhorias. nós estamos trabalhando sempre com foco no desejo e necessidade dos cidadãos. Nossa proposta é aprender com o movimento orgânico da sociedade e evoluirmos juntos.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Colaboradores que são usuários não possuem hierarquização, todos votam e comentam da mesma forma.

Como começou seu envolvimento com essa experiência?

O envolvimento começou a partir da percepção de que todos querem um mundo melhor, mas nem sempre temos consciência do processo de ações que afetam nosso dia a dia, como as atividades políticas. Buscamos, assim, uma ferramenta que tivesse como principal objetivo promover o engajamento cívico de forma prática e acessível a todos. A partir dessa idéia surgiu o Votenaweb, que propõe uma aproximação do cidadão com a política.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Sim. Revista Gotas (www.revistagotas.com.br), DueloTube (www.duelotube.com.br) e TEDxSP (www.tedxsaopaulo.com.br).

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não. Não faz parte da filosofia da empresa, acreditamos que exercer a cidadania é um dever e direito de todos.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

Acreditamos que cada um pode fazer a diferença e por isso buscamos criar ferramentas que promovam a interação de forma simples, prática, acessível e sem hierarquia. Todo cidadão tem a mesma oportunidade de contribuir e se envolver com a solução dos problemas da comunidade.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

1 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

1 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

2 Afinidade com o tema

5 Possibilidade de aumento do capital financeiro

3 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

1 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

Trabalhar com uma equipe multidisciplinar, que envolve pessoas de diversas áreas, captando os talentos

individuais para aplicá-los da melhor maneira na construção de novas ferramentas. Acreditamos na liberdade para propor novas soluções e projetos em prol do bem comum.

Laudeci Oliveira, 37 anos
Colaborador, Ubuntu - Brasil

A comunidade Ubuntu é formada por pessoas voluntárias que visam contribuir com o sistema e com seus usuários, buscando interagir umas com as outras prestando suporte, divulgando, participando de eventos e compartilhando do espírito Ubuntu. Seu envolvimento com o Ubuntu – Brasil começou através de IRC, buscando ajudar da mesma forma em que fui ajudado.

O ubuntu conta com mais de 1000 colaboradores

O Ubuntu - Brasil atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, plenamente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Ubuntu Brasil?

Sim, há funções e níveis hierárquicos bem definidos

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Ubuntu - Brasil?

A decisão é tomada pelo conselho no Brasil, repassada aos times que gerenciam seus participantes.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Ubuntu - Brasil até o momento?

98% das metas foram atingidas, nos classificando (o Brasil) como o terceiro país que mais contribui com o ubuntu.

Como você classificaria o Ubuntu - Brasil em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

Qualquer pessoa pode contribuir, basta estar de acordo com o Código de Conduta do Ubuntu que rege o comportamento de todos os membros da Comunidade Ubuntu e se integrar em umas das equipes.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Depende do Time, o time de tradução possui o admin do time, tradutores e revisores.

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Em 2005 após instalar linux e procurar ajuda nos canais de IRC.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Não.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não, exerço meu dever e direito como cidadão independente do partido político.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

A principal diferença é que a participação se dá por incentivo próprio, não por obrigação ou por remuneração.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

6 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

8 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

2 Afinidade com o tema

8 Possibilidade de aumento do capital financeiro

3 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

2 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

Interagir com outras pessoas, independente de sua raça ou credo para atingir um objetivo comum de modo divertido e amigável.

Milton Jung, 47 anos
Idealizador, Adote um Vereador

O Adote um Vereador surgiu da constatação de que a maioria dos cidadãos acredita que sua participação política se limita a votar no dia da eleição. Na realidade, é fundamental que o eleitor acompanhe o trabalho dos parlamentares. Como a maioria não consegue eleger seu representante - em SP são 8 milhões de eleitores e apenas 55 vereadores -, convidei as pessoas a adotar um vereador. O objetivo da iniciativa é acompanhar o trabalho dos vereadores, controlando seus atos e influenciando em suas decisões. E incentivar a participação do cidadão na política. Atualmente há cerca de 20 colaboradores.

O Adote um Vereador atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, parcialmente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Adote um Vereador?

Não, todos são responsáveis pelo gerenciamento.

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Adote um Vereador?

A adesão é voluntária. Quem aceita participar, escolhe um vereador e passa a acompanhar o trabalho dele. Todas as informações levantadas - pelos meios de comunicação, internet, em conversa direta com o parlamentar ou qualquer outra fonte - devem ser publicadas em um blog, mantido pelo próprio adotador. Com isso cria-se uma rede ativa de cidadãos que pode ser acessada por todos os eleitores. A cobrança sobre os vereadores pode ser feita a partir de iniciativa individual ou a partir de temas propostos pela rede de cidadãos-adotadores.

Não há restrição a participação de pessoas. Nem o interesse de se ter uma visão única do trabalho parlamentar.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Adote um Vereador até o momento?

O movimento se disseminou para outras cidades brasileiras, além de SP. Sendo que em Jundiaí, interior paulista, o Adote um Vereador já conseguiu - em parceria com ONGs e a sociedade civil - pressionar os vereadores a realizarem mudanças em projetos de lei e abrir o debate para a sociedade de temas considerados relevantes. Em Taboão da Serra, região metropolitana, um voluntário mobilizou outras entidades e pressionaram os vereadores a rediscutir a revisão da Planta Genérica de Valores que resultava em aumento abusivo do IPTU.

Em São Paulo, sugiro acesso ao seguinte link para identificar ação efetiva do Adote um Vereador <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/2010/07/27/pesquisadores-querem-conhecer-efeitos-do-adote/>.

Como você classificaria o Adote um Vereador em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

Com o cidadão se disposto a acompanhar um vereador e publicando na internet estas informações.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Há duas funções básicas:

1. O incentivador - que sou eu, por ter um veículo de comunicação para difundir a ideia
2. Os adotadores

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

A ideia surgiu a partir da minha constatação de que o eleitor não acompanhava nem cobrava do vereador trabalho condizente com as exigências da função. Por ser âncora de um programa que tem como temas a cidade e o cidadão entendi que seria oportunidade para promover esta ação.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Colaboro com ONGs que atuam na área de cidadania divulgando seus trabalhos pelo rádio e internet.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não sou filiado a nenhum partido. E sou filiado ao Sindicato dos Jornalistas.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

A iniciativa voluntária para a participação no movimento é a principal diferença. Ao mesmo tempo, não podendo se dedicar integralmente ao acompanhamento do vereador, o esforço para que haja resultados efetivos é maior.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

2 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

5 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

1 Afinidade com o tema

8 Possibilidade de aumento do capital financeiro

5 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

3 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

É fazer com que ideias e ideais individuais atuem em favor do coletivo.

Nayara Marfim, 28 anos
Colaboradora, Wikimapa

A experiência tem por objetivo mapear locais de interesse público e ações locais em comunidades de baixa renda, criando um mapa virtual georeferenciado, alimentado de forma colaborativa por moradores dessas comunidades, utilizando para isso o telefone celular – a partir de um aplicativo mobile criado pela Rede Jovem – e a internet.

Além de estimular a produção de conteúdo, com informações sobre a história e cultura da comunidade, objetiva-se ampliar o “olhar” dos jovens sobre o local onde moram, a partir do reconhecimento local, e aumentar a participação da juventude em eventos e oportunidades oferecidas por centros comunitários, ONGs e pelo poder público nesses locais.

A experiência em questão foi criada a partir da observação de que apesar da grande quantidade de favelas existente no Rio de Janeiro, poucas são as que têm seu mapa detalhado na Internet. Com quase dez anos de atuação no trabalho social voltado para a juventude de baixa renda através das novas tecnologias, notamos também que este era mais um fator segregador, que apenas reforça a lógica da exclusão que já existe no cotidiano dos moradores de comunidades populares. Nos mapas virtuais anteriormente existentes, muitos detalhes das comunidades carentes ficavam de fora. Há ruas - por exemplo - que são bastante comuns, conhecidas e utilizadas pelos moradores, mas não têm qualquer cadastro na prefeitura e não são identificadas nos mapas. Foi então com o objetivo de iniciar um processo de reversão desta realidade que o projeto foi desenhado, para que todos possam participar e enviar as suas informações.

Conta com 609 colaboradores.

O Wikimapa atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, plenamente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Wikimapa?

Sim, há funções e níveis hierárquicos bem definidos

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Wikimapa?

A experiência conta com um núcleo de coordenação que gerencia o projeto e suas atividades e estratégias. O conteúdo é inserido de forma colaborativa, mas contamos com uma equipe que faz o monitoramento do que é publicado na ferramenta.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Wikimapa até o momento?

Até o momento temos os seguintes resultados alcançados:

Parceria com 134 instituições comunitárias

408 divulgações na mídia (impressa, virtual, rádio e tv)

1304 lugares mapeados

83 ruas mapeadas, até então não registradas nos mapas virtuais

609 usuários cadastrados no site

Como você classificaria o Wikimapa em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

A ferramenta é colaborativa e está disponível para todos, sendo apenas necessário que os interessados em realizar mapeamentos cadastrem-se no site.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Não

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Faço parte da equipe de coordenação do Programa Rede Jovem, idealizador da experiência, desde 2005

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Sim. O próprio Programa Rede Jovem tem outras ferramentas colaborativas, como o '0800 Rede Jovem' (www.redejovem.org.br/0800) e o 'SMS Esporte' (www.redejovem.org.br/smsesporte) - serviços de informação sobre oportunidades gratuitas para jovens de baixa renda.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

A liberdade para criação e circulação de informação.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

1 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

1 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

1 Afinidade com o tema

8 Possibilidade de aumento do capital financeiro

8 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

1 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

É fazer em grupo uma atividade com objetivos comuns à todos os envolvidos

EXTRAS

1. Já houve casos de colaborações terem sido excluídas/editadas no Wikimapa? Se sim, como isso aconteceu?, como acontece o processo de deliberação sobre estas exclusões/edições?

Há algumas regras para publicação no site Wikimapa, não sendo aceitos, por exemplo, materiais que tenham qualquer conteúdo erótico, pornográfico, obsceno, difamatório ou calunioso ou que façam apologia ao crime, uso de drogas, consumo de bebidas alcoólicas ou de produtos fumíferos, violência física ou moral, ou, ainda, que atentem contra a violação de preceitos éticos e julgamentos de valores, que promovam ou incitem o preconceito (inclusive de origem, raça, sexo, cor e idade) ou qualquer forma de discriminação, bem como o ódio ou atividades ilegais. Ao se cadastrar no site para realizar mapeamentos, o usuário concorda com as regras do site e é informado de que publicações apresentadas em desconformidade com as diretrizes constantes deste regulamento e do site serão passíveis de análise e confirmação dos dados, antes de sua publicação. Na equipe de coordenação da

Rede Jovem há profissionais responsáveis pelo monitoramento do conteúdo publicado e, eventualmente, pontos precisam ser retirados. Quando uma edição é realizada no mapeamento, aquele que mapeou inicialmente recebe um e-mail com todas as alterações feitas, mas antes o administrador precisa aprovar as alterações. Só quem pode apagar um mapeamento é o administrador ou a própria pessoa que o fez.

2. Em seu ponto de vista, o que garante a credibilidade dos conteúdos/informações adicionados no Wikimapa através dos colaboradores?

O Wikimapa, como o nome já diz, tem como ponto principal ser uma ferramenta colaborativa e – com isso – o conteúdo disponível no site é postado por qualquer usuário e pode ser editado por qualquer pessoa que tenha novas informações sobre os pontos mapeados. Todas as alterações sugeridas para os mapeamentos disponíveis têm que ser aprovadas pelo administrador do site (que é da equipe da Rede Jovem) e quando aprovadas são enviadas por e-mail para o responsável pelo mapeamento. Há ainda um fórum de discussão para que usuários possam conversar sobre idéias divergentes. Acredito que estes mecanismos contribuam para que as informações disponíveis no site tenham credibilidade entre os internautas.

Ricardo Joseph, 40 anos
Idealizador, Urbanias

O objetivo do Urbanias é tornar mais fácil o "consumo" de informações relevantes a vida nos bairros e cidades, baixando o "custo de transação" para as pessoas participarem e se mobilizarem. Inicialmente, interesse antigo sobre as questões da cidade, gosto pelo espaço público. Depois, aprofundamento sobre capital social, uso das TIC's e MBA com foco em gestão pública. Tentativa de mesclar conhecimento/vivência empresarial com iniciativa na internet+móvel dar mais transparência na relação do cidadão com o estado e, potencialmente, induzir a melhora da gestão pública municipal.
Há 4 colaboradores.

O Urbanias atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, parcialmente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Urbanias?

Sim, há funções e níveis hierárquicos bem definidos

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Urbanias?

Tenho dois estagiários e um funcionário. Normalmente consulto eles, mas acabo decidindo sozinho na maior parte das vezes.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Urbanias até o momento?

Bastante retorno na mídia e reconhecimento dos órgãos públicos (temos ajudado a por uma certa pressão e assim, resolver mais rápido algumas problemas).

Como você classificaria o Urbanias em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es)

Como acontece essa colaboração?

Os usuários é quem publicam os problemas que encontram em São Paulo. E comentam, e apoiam outras causas. É um serviço para a população. E quando há grande participação nas demandas/tópico, mais relevância ele ganha.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Não

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Respondido no começo

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Sim, já estamos vinculados ao #webcidadania. Estamos estudando como aprofundar este relacionamento.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não, atuo somente na associação de bairro, onde me identifico mais e sinto que posso colaborar mais no momento... não descarto os outros, também são importantes.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em

iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

A participação ainda é pequena. Mas dá pra dizer que ela está mais acessível das pessoas. Pretendemos radicalizar isso com a introdução em breve de aplicativos para smartphones.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

4 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

4 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

1 Afinidade com o tema

4 Possibilidade de aumento do capital financeiro

3 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

3 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

Todos se sentem donos, onde a hierarquia não é dominante...

Tanya Notley, 35 anos
Colaboradora, Information Activism

Information activism aims to support and inspire rights advocates to use information and technology. To promote info-activism success stories. To highlight the way people have used our info-activism resources and promote the info-activism work they are doing.

Tactical Tech has worked for seven years to support rights advocates use digital technology for social change. In the past few years we have observed this space changing and opening up. The increasing accessibility of digital tools and their new capabilities mean that even small, resource-poor groups and NGOs are now able to document, visualise, distribute and popularise information in ways that were hard to imagine just a decade ago. This led us to start using the term info-activism. Info-activism is a term used by Tactical Tech to refer to the process of turning information about an issue into action that will address it.

Tactical Tech led the process of producing the 10 tactics film and support materials. Around 25 people outside of the organisation were involved in creating the materials. 35 organisations are featured in the materials. About 60 or more people and translated the materials into different languages. 100 organisations have so far screened the film, distributed materials and returned evaluation information. Of these about half have written news stories about their events. In total then more than 500 people have been involved in developing and distributing the materials, while around 250 have been involved in developing or translating the content on the website.

O Information Activism atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Yes, fully

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Information Activism?

Yes, there are functions and hierarchical levels through which some collaborators transit

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Information Activism?

WE invite people to write content for the website about how they have used the content on it. We edit and publish their materials. WE also invite people to send us new story ideas which we can follow-up. People can not self-publish on the website. Everything is moderated by us. This website is seen to support info-activism rather than a specific community. It may help in building community (in fact we are told it is helping many autonomous communities in different places), but helping an online community is not really its primary function right now.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Information Activism até o momento?

The website is a way for people to access the content and to learn how others have used it. It is a way to learn about info-activism. So far 100 organisations in 45 countries have hosted public screening events and many have documented these through stories made available on the website. Volunteers have translated the content into 20 languages. The website has enjoyed 18,000 unique site visits and the content is embedded on more than 100 websites. We will start carrying out more qualitative research soon about what the public film screenings of the content have led to but already we know many new groups have been formed to support info-activism in many different countries and regions. Next week we will launch the new website that includes all of the language options. We feel the film supported offline actions which have enabled a very important online/offline synergy which has brought people together to talk about the use of digital tools for advocacy.

Como você classificaria o Information Activism em termos de colaboração?

Optionally collaborative: the experience remains fully functional, with or without the cooperation of other people, besides its creator (s);

Como acontece essa colaboração?

People tell us they want to screen the film in their community and we send materials to achieve this.

They write a story about their event which we post on the website. We also write news stories (to be published soon on the new website) about these 'partner' organisations who hosted events and we look at the work they are doing in terms of rights advocacy and info-activism. People also volunteer to translate materials. WE help them do this by providing information on how to translate the film and by providing the materials. When they complete translate we make a DVD of the content for them and put it into our design, so they can distribute these materials in their communities. We also encourage people to send us ideas about how we can support info-activism and we respond to their ideas.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

No we don't really grade collaborators. When people host an event we spend quite a bit sending them materials to distribute to participants. Therefore we note if they returned the requested evaluation information and news story. But we don't really make a judgment. We just note when people have made an effort and have hosted a successful event. Later we may form regional partnerships with some of these organisations to support info-activism.

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Personally? I have been working with grassroots media for more than 10 years and I believe passionately in it's role in promoting human rights and securing justice. I led this project soon after joining Tactical Tech. The project developed somewhat organically as a result of an event we hosted where we decided to interview many of the participants.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Umm, yes. I participate in many email groups. All of the web communities I have joined though, I am not currently engaging on (except Twitter and Facebook would could be considered a sort of community). I think it is very hard to get people coming back to a website that is trying to build community. I do sometimes engage in the New Tactics dialogues (<http://www.newtactics.org/en/dialogues/all>) and also the Eldis Communities (<http://www.eldis.org/>). I do both via email though.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

No I am not. I don't feel the need for this in my life I guess. I have my beliefs but I don't need to belong to a group to express them right now.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

I don't think people need to necessarily share any beliefs to believe that info-activism can help them promote human rights. I guess we hope that people who engage with the material will believe in all basic human rights, but actually I guess some of the stories and emails we have received about people's public screening events is that the content has really engaged a very broad spectrum of people. Some people were offended by the women's rights 'Pink Chaddi' campaign story we featured in the film. Others had problems with the sex worker rights campaign. Still they were able to all engage with the content and have local discussions about it. The people also worked on many different issues, but actually the film often brought many different rights groups together. So I think that people's different beliefs has not been an issue which has divided people and separated them which is often what happens in more traditional organisational structures. They have experienced the content in their own communities and environments and contexts and they have made the content relevant to them and their experiences. Different people have been able to come together to discuss how the content is or is not relevant to them and their experiences.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em

questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

5 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

1 Afinidade com o projeto político-ideológico

3 Afinidade com o propósito/causa

6 Afinidade com o tema

1 Possibilidade de aumento do capital financeiro

1 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

8 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Outro: Responding a need and an information/knowledge gap

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

It depends. For this project it has meant being creative, open, sharing ideas and work, inspiring one another, being responsive, adapting, listening, supporting.

**Viktor Chagas, 28 anos;
Coordenador Editorial do Instituto Overmundo**

O Overmundo é um website colaborativo dedicado à difusão da produção cultural brasileira e das comunidades de brasileiros no exterior, com foco em seus aspectos que não costumam receber cobertura da grande mídia. Seu principal objetivo é dar visibilidade a essas experiências.

O Overmundo foi criado pelo Movimento Núcleo de Ideias, formado por Hermano Vianna, José Marcelo Zacchi, Ronaldo Lemos e Alexandre Youssef, por meio de patrocínio da Petrobras. Hoje, o site é administrado pelo Instituto Overmundo. A motivação principal para seu surgimento aponta para a solução do dilema descrito acima, que se refere à dificuldade de difusão da produção cultural brasileira a partir dos meios de comunicação tradicionais.

Hoje há cerca de 40 mil usuários cadastrados.

O Overmundo atingiu os objetivos ou expectativas iniciais?

Sim, plenamente

Há algum tipo de hierarquia no gerenciamento do Overmundo?

Sim, há funções e níveis hierárquicos bem definidos

Como acontece o processo de escolha das atividades/conteúdos/estratégias do Overmundo?

Tanto o mecanismo de publicação quanto os mecanismos de edição e moderação do Overmundo são descentralizados e contam com a participação da comunidade em geral.

Quais os principais resultados (quantitativos e qualitativos) alcançados pelo Overmundo até o momento?

Em 2007, o Overmundo recebeu o Prix Ars Electronica, o mais importante prêmio de arte eletrônica e cultura digital do mundo, na categoria "comunidades virtuais". O site conta com cerca de 40 mil colaboradores cadastrados e possui aproximadamente 1 milhão de visitantes únicos mensais e uma média de 1,5 milhão de pageviews/mês. Somando-se a isso a quantidade de pautas e obras que circulam diariamente no próprio site, pode-se dizer que a experiência é uma das mais bem sucedidas iniciativas de internet colaborativa a partir de um viés editorial em todo o mundo.

Como você classificaria o Overmundo em termos de colaboração?

Essencialmente colaborativa: a experiência não existiria ou deixaria de ser funcional sem a colaboração de outras pessoas, além de seu(s) idealizador(es).

Como acontece essa colaboração?

Colaborações relacionadas à produção e às expressões culturais de todo o Brasil e das comunidades de brasileiros espalhadas pelo mundo são bem-vindas no Overmundo. O Overmundo tem preferência explícita por informações sobre enorme parcela da produção artística brasileira que não tem espaço devido em outros espaços de divulgação. Seu objetivo é justamente o de dar visibilidade e fazer circular essa produção em toda a sua riqueza, buscando também perspectivas diversas e inovadoras sobre ela.

Existe algum tipo de hierarquização ou tipificação dos colaboradores? Se sim, como isso acontece?

Os overpontos organizam a ordem de destaque com que cada conteúdo aparece dentro do Overmundo. São calculados a partir de um algoritmo matemático que leva em consideração a quantidade de votos que cada conteúdo obteve e também o tempo de postagem de cada conteúdo no site. Até recentemente, o Overmundo contou com uma experiência de moderação que buscava hierarquizar a participação de seus colaboradores. Quanto mais conteúdos postados, comentários feitos, votos distribuídos e recebidos, e quanto mais diversidade em seus trabalhos o colaborador exibisse, mais acumularia pontos de "karma". Esta experiência, contudo, foi abolida em uma de nossas últimas revisões. Hoje, todos os colaboradores possuem o mesmo peso de voto e a mesma hierarquia no site.

Como começou o seu envolvimento com essa experiência?

Acompanhei o projeto desde a sua criação, no início de 2006. Hoje, ocupo a coordenação editorial e de projetos de comunicação do Instituto Overmundo.

Além dessa experiência, você participa de outras iniciativas (baseadas total ou parcialmente na web)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Sim, embora não a partir de um vínculo formalizado. Participo de experiências colaborativas as mais diversas, impossível citá-las uma a uma.

Você é filiado a algum partido político, sindicato, associação de classe ou similares? Se sim, qual(is)? Se não, por quê?

Não. Minha atuação política não se coaduna necessariamente com a política partidária.

Em seu ponto de vista, quais as principais diferenças em relação à atuação das pessoas em iniciativas como a experiência em questão e em organizações 'tradicionais' (partidos políticos, escolas, universidades, empresas, sindicatos, etc.)?

A principal diferença reside na preocupação com a construção do espaço coletivo comum, de forma participativa e inclusiva - experiência que pode ser traduzida como verdadeiramente democrática.

Quais fatores você leva em conta quando se envolve em atividades como as da experiência em questão? (Marque de 1 a 8, sendo 1 para o mais importante e 8 para o menos importante)

1 Afinidade com as pessoas que formam o coletivo

1 Afinidade com o projeto político-ideológico

1 Afinidade com o propósito/causa

2 Afinidade com o tema

4 Possibilidade de aumento do capital financeiro

5 Possibilidade de aumento do capital social (do seu *status*) nos meios que frequenta

5 Expansão de relacionamentos visando outros projetos

Em seu ponto de vista, o que é trabalhar de forma colaborativa?

Trabalhar de forma colaborativa é trabalhar em prol de um objetivo comum, aliando experiências diversas na construção de um espaço coletivo amplo e representativo.

EXTRAS

1. Já houve casos de conteúdos terem sido excluídos do Overmundo? Se sim, como isso aconteceu?, como acontece o processo de deliberação sobre estas exclusões?

Sim. Acontece frequentemente. O Overmundo conta com um mecanismo de moderação descentralizada. Hoje, qualquer colaboração pode ser alertada por qualquer usuário cadastrado. O usuário indica quais são as razões de seu alerta e a Equipe Overmundo avalia sua procedência. Já testamos outros formatos de alerta, sempre com base nas ações da própria comunidade, alguns mais e outros menos descentralizados - este é o que tem dado melhores resultados até aqui.

2. Qual a sua opinião sobre a internet enquanto instrumento político?

Acho que esta é uma questão muito ampla para abordar apenas em poucas linhas. De modo geral, acredito que a internet colaborativa tem um potencial político de despertar para o engajamento e a mobilização cívica ainda pouco explorado, especialmente no Brasil. Temos também uma possibilidade de transformar o processo político, atribuindo-lhe mais agilidade burocrática e mais transparência. E, por fim, acho que há duas maneiras de se encarar a internet como instrumento político. A primeira aponta diretamente para o processo eleitoral, a política partidária e a formulação e participação em políticas públicas. A segunda aponta para uma apreensão da política do ponto de vista comunitário. Nesse sentido, o Overmundo p.ex. possui um mecanismo descentralizada de controles dispostos nas mãos da comunidade que favorecem seu entendimento como uma experiência política rica no sentido da democratização de sua proposta editorial.

3. Em seu ponto de vista, quais os princípios que regem esse controle colaborativo de conteúdos, como no caso Overmundo? É esse controle colaborativo, e somente ele, que garante a credibilidade dos conteúdos? Como analisa isso?

Não sei se compreendo perfeitamente teu ponto de vista quando se refere a um "controle colaborativo". Mas se, com esta expressão, quer indicar os mecanismos de moderação descentralizados, acredito que há, é claro, uma pluralidade de fatores capazes de reger este controle, tornando-o mais ou menos eficaz. O modelo que adotamos hoje não é o primeiro e não será o último, mas acreditamos que, até o momento, ele tem gerado bons frutos. Por mesclar um cenário altamente descentralizado (qualquer um pode alertar) com um cenário de agregação (um equipe avalia e procede a resposta final), inibimos as ações de grupos de usuários guiados plenamente por seus interesses. Disputas entre grupos são frequentes em ambientes colaborativos e o papel de uma equipe de moderação é coibir os conflitos, permitindo o debate e a crítica. Por isso, a etapa final do processo, que envolve sem dúvida uma espécie de centralização, pode e continua a ser enxergada com base na premissa falaciosa da censura. Conteúdos alertados e retirados são alvo de censura de um lado. Conteúdos alertados e não retirados são alvo de censura de outro. Essa crítica faz parte do ambiente democrático, uma vez que espaços plenamente editorializados como um jornal ou uma revista dificilmente as recebem.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)